Nancy Leigh DeMoss

escolhendo o perdão

Sua jornada para a liberdade



VIDA NOVA

Escolhendo o perdão



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

DeMoss, Nancy Leigh

Escolhendo o perdão : sua jornada para a liberdade / Nancy Leigh DeMoss, Lawrence Kimbrough ; tradução de Susana Klassen. -- São Paulo : Vida Nova, 2019.

208 p.

ISBN 978-85-275-0976-3

Título original: Choosing forgiveness: your journey to freedom

1. Perdão dos pecados 2. Perdão - Aspectos religiosos - Cristianismo I. Título II. Kimbrough, Lawrence III. Klassen, Suzana

19-1069 CDD 241.4

Índices para catálogo sistemático

1. Perdão dos pecados

Nancy Leigh DeMoss e Lawrence Kimbrough

Escolhendo o perdão
Sua jornada para a liberdade

Tradução
Susana Klassen



©2006, 2008, de Nancy Leigh DeMoss
Título do original: *Choosing forgiveness: your journey to freedom*, edição publicada por MOODY PUBLISHERS (Chicago, Illinois, Estados Unidos).

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2019

Proibida a reprodução por quaisquer meios,
salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram extraídas da Almeida Século 21.
As citações bíblicas com indicação da versão *in loco* foram traduzidas diretamente da
English Standard Version (ESV) ou extraídas da Nova Versão Internacional (NVI),
da Almeida Revista e Corrigida (ARC) e da Almeida Revista e Atualizada (ARA).
Todo grifo nas citações bíblicas é de responsabilidade da autora.

GERÊNCIA EDITORIAL
Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO DE TEXTO
Cristina Ignacio

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Marcia B. Medeiros

REVISÃO DE PROVAS
Rosa M. Ferreira

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO
Sandra Reis Oliveira

CAPA
Rafael Brum

Ó Deus, o sangue de nosso filho multiplicou o fruto do Espírito
no solo de nossa alma; portanto, quando os assassinos dele
estiverem diante de ti no dia do juízo, lembra-te do fruto
do Espírito por meio do qual eles enriqueceram nossa vida. E perdoa.

BISPO HASSAN DEHQANI-TAFTI, DO IRÃ[1]

---

[1] Duane W. H. Arnold, comp. e trad., *Prayers of the martyrs* (Grand Rapids: Zondervan, 1991), p. 108-9.

SUMÁRIO

Capa

Folha de rosto

Créditos

Citação

Sumário

Prefácio

Agradecimentos

Introdução

1. Sobreviventes feridos
2. O que acontece quando nos recusamos a perdoar
3. A promessa do perdão

4. Perdoar por Jesus
5. A arte de perdoar
6. Com raiva de Deus
7. O que é e não é o verdadeiro perdão
8. Retribuir com uma bênção

Posfácio: O poder do perdão

Guia de estudo para grupos pequenos

PREFÁCIO

Ao longo de muitos anos no ministério pastoral, tenho visto como um espírito rancoroso causa destruição e enfermidade. É impossível superestimar quanto nossa recusa em perdoar faz mal às emoções, ao espírito e ao corpo.

Alguém definiu rancor como acúmulo de raiva não expressa. Por ser negado, costuma passar despercebido enquanto cresce e ganha força, como um tumor invisível. O esforço para manter nossas mágoas fora do alcance da memória consciente é semelhante a tentar manter uma bola de praia inflada debaixo da água. Qualquer mudança de pressão, por menor que seja, faz a bola vir à tona.

Psicólogos observam que o cultivo das ervas daninhas da amargura e do rancor tem um custo alto. Quando escolhemos nos apegar a nossos ressentimentos, abrimos mão do controle sobre o futuro. Trocamos o ar revigorante de um novo dia, com todo seu potencial, pela dor do passado. Com

frequência, desperdiçamos preciosa energia mental e espiritual remoendo lembranças de alguém que talvez esteja distante e inteiramente alheio a nossos pensamentos, ou que talvez não tenha a mínima consciência do ocorrido e que, sem dúvida, não é afetado de maneira alguma por nossos pensamentos e nossas ações.

Assim que ler o título deste livro, porém, você terá assimilado a verdade mais importante acerca do perdão: ele é uma escolha! Nancy Leigh DeMoss deixa bem claro que cada um de nós tem a capacidade de perdoar e de ser perdoado.

Em histórias da vida real somos capazes de perceber a alegria do perdão e a amargura do ressentimento prolongado. Cada capítulo convida o leitor a experimentar a dinâmica espiritual e emocional do perdão.

Este é um livro interativo, que faz perguntas importantes. Em vários momentos, a autora apresenta avaliações que o ajudarão a identificar seu progresso no ciclo do perdão. A meu ver, são questionamentos práticos, profundos e reveladores.

Ainda que seja uma excelente autora, Nancy Leigh DeMoss em primeiro lugar é professora da

Bíblia. Como se espera de um livro com o nome dela na capa, esta é uma obra repleta de exposições das Escrituras. Não consigo pensar em nenhuma passagem importante sobre perdão que ela tenha deixado de fora. Cada texto é estudado de modo sistemático e prático a fim de que a mensagem do perdão seja claramente compreendida.

Escolhendo o perdão não traz os chavões que aparecem com tanta frequência em livros sobre esse tema. Não há fórmulas nem respostas simples. Mas, se está à procura da realidade e da beleza do perdão bíblico, você os encontrará aqui.

O modo de Nancy tratar da questão de "perdoar a si mesmo" é a melhor análise a esse respeito que já li até hoje. Se você está entre os muitos que creem na possibilidade de ser perdoados por Deus, mas que não perdoam a si mesmos, este livro o libertará dessa escravidão.

Quer você precise perdoar, quer precise ser perdoado, encontrará nestas páginas a força espiritual necessária.

DAVID JEREMIAH,

pastor titular da igreja
Shadow Mountain Community Church
e presidente de Turning Point Ministries

AGRADECIMENTOS

Meu nome não deveria aparecer sozinho na capa de livro algum. Isso porque, como qualquer um que escreveu um livro — ou realizou qualquer outro feito desafiador, como construir uma casa, começar um negócio ou formar uma família — sabe, praticamente não existem empreitadas individuais de valor expressivo ou duradouro.

Cada livro que escrevo, cada mensagem que compartilho com outros, é fruto da obra bondosa de Deus em minha vida. E minha vida foi moldada por inúmeros mestres, mentores, pastores, líderes espirituais, autores, palestrantes e amigos que me instruíram nos caminhos do Senhor, encarnaram sua verdade diante de meus olhos e se derramaram em minha alma ao longo de quase cinco décadas. Uma lista com os nomes deles (mesmo daqueles cujos nomes jamais saberei deste lado do céu) e com suas contribuições para minha vida e meu

ministério poderia encher um livro inteiro de tamanho considerável.

O Senhor sabe de minha grande dívida e de como sou grata a cada um desses servos fiéis.

Quanto a este livro específico, embora corra o risco de omitir alguns nomes que deveriam ser mencionados, reconheço com gratidão a participação das seguintes pessoas no processo criativo:

- *Lawrence Kimbrough*, que fez um levantamento de minhas incontáveis anotações, transcrições de mensagens, arquivos e e-mails, bem como de algumas conversas por telefone e, com grande habilidade, reuniu esses fragmentos diversos para formarem um rascunho inicial que expressasse a mensagem em meu coração, me ajudando em seguida a desenvolver várias das seções. Lawrence é um escritor talentoso, fundamentado nas Escrituras e apaixonado pelo Senhor. Suas impressões digitais ficam evidentes ao longo de todo o texto, e o resultado é um livro muito melhor do que eu teria sido capaz de escrever sem suas sugestões e seus

consideráveis esforços.

- *Robert Wolgemuth*, que me apresentou para Lawrence e deu valioso apoio a mim e à equipe da Editora Moody durante todo o trabalho.
- *Meus queridos amigos da Editora Moody*: Greg Thornton, Elsa Mazon (que agora trabalha na Rádio Moody), Betsey Newenhuyse, Dave DeWit, Judy Tollberg, John Hinkley e outros, que compartilham de minha paixão por ver o poder da verdade de Deus transformar vidas.
- *Dr. Bruce Ware*, que fez uma minuciosa revisão teológica não apenas de uma, mas de duas versões do manuscrito. Ele e a esposa, Jodi, companheiros de jornada, foram fonte de grande ânimo para esta serva.
- *Amigos que leram o manuscrito* em diferentes estágios da redação e ofereceram sugestões valiosas, entre os quais Del Fehsenfeld III, Andrea Griffith, Paula Hendricks, Laine e Janet Johnson e Kim Wagner, bem como Dawn-Marie Wilson, que também ajudou com a pesquisa. Sem falar em minha irmã querida, Elisabeth DeMoss, que me supre continuamente de ilustrações e citações relevantes.

- *Mike Neises*, colega de longa data e diretor editorial da organização *Revive Our Hearts*. Não há como medir ou reconhecer devidamente a contribuição de sua sabedoria em liderar, supervisionar, aconselhar e administrar questões em inúmeras áreas.
- *Sandy Bixel*, minha assistente executiva extraordinária, que, com seu coração de serva e seus dons administrativos, faz de mim uma serva muito mais produtiva do que seria sem ela!
- *Cada homem e cada mulher que trabalham comigo na equipe da organização* Revive Our Hearts. Essa equipe incrível de companheiros de jugo é uma rica e imerecida bênção do Senhor. Seu incentivo, suas orações e seu trabalho incansável — sempre além do dever, em um ano difícil de transição em nosso ministério — permitiram que eu dedicasse o tempo necessário para escrever este livro.
- *Minhas queridas "amigas de oração", juntamente com dezenas de outros* que trabalharam comigo para que esta obra nascesse, intercedendo por mim e por aqueles cuja vida

seria liberta por meio desse chamado para trilhar o caminho do perdão.

INTRODUÇÃO

Ser perdoado é tamanha doçura, que torna
insípido o mel. Existe, porém, algo
ainda mais doce: perdoar.

C. H. SPURGEON

Regina Hockett estava na fila do caixa no supermercado, concluindo mais uma tarefa de rotina em um dia corriqueiro. De repente, começou a perceber uma inquietação ao seu redor, vozes e movimentação fora do normal. Sentiu as primeiras ondas de sobressalto e adrenalina que surgem quando alguém se vê
em perigo.

Instintivamente, verificou se sua filha, Adriane, estava ao seu lado no lugar onde, pouco antes, havia pedido à mãe uma moeda para usar na máquina de vender doces.

Não encontrou Adriane.

Logo depois de pedir o trocado, a menina havia se lembrado de onde a mãe guardava moedas no carro. Tinha ido até o estacionamento, aberto o porta-luvas do carro para pegar uma moeda e se encaminhado de volta para a entrada do supermercado a fim de comprar o doce.

Naquele instante, enquanto o sol poente de outubro tingia o horizonte de tons avermelhados, um único tiro de fuzil soou pelo estacionamento. Seguiu-se pânico geral.

A essa altura, dentro do supermercado, Regina percorria os corredores e as filas dos caixas, chamando Adriane, procurando-a com olhar atento. “Ela estava bem aqui! Onde foi parar?” Por fim, correndo para fora, passando por outros que também se apressavam para sair, viu uma menina caída no asfalto; os sapatos de aspecto conhecido brilhavam sob a luz dos postes da rua.

Era Adriane. Estava morta.

Mas por quê?

Passaram-se três longos anos até que a resposta para essa pergunta começasse a se formar, três aniversários cheios de lágrimas, em que Regina se

perguntou quem havia feito isso e onde estava escondido.

Com o tempo, os fatos vieram à tona. Dois adolescentes de uma gangue tinham saído naquele final de tarde para “criar fama” para seu grupo rebelde. Enquanto passavam de carro na frente do estacionamento do supermercado no bairro de classe média em Nashville — vidro aberto do lado do passageiro, fuzil de assalto carregado — haviam escolhido aleatoriamente uma mulher de meia-idade, em pé ao lado do carro. “Essa aí serve”, pensou
o atirador.

Por algum motivo, ele havia errado o alvo, e a bala tinha atingido uma aluna exemplar do sexto ano do ensino fundamental.

Os suspeitos riram do delegado quando finalmente foram presos e levados para a delegacia e quando as acusações contra eles foram lidas. Um deles chegou a ameaçar o policial que os acompanhava, avisando-o de que ele não viveria para vê-los serem julgados.

Soube-se depois que aquele foi o primeiro de três assassinatos cometidos pelos dois rapazes em

apenas quatro meses.

Certamente Regina jamais havia sentido dor tão profunda. “Eu me desintegrei”, ela declarou. “Durante um ano, fiquei tão abalada, tão deprimida, que não conseguia fazer nada.”

Cada ano que passava era uma recordação daquilo que ela havia perdido, um esforço para imaginar o que Adriane estaria fazendo, onde estaria indo, como seria se ainda estivesse viva.

Quando Regina fez um pronunciamento público em uma entrevista para o jornal *The Tennessean*[1] em outubro de 2005, dez anos depois do assassinato, reconheceu que jamais entenderia plenamente a razão da morte de sua filha querida. “Mas de uma coisa eu sei. Adriane está no céu, e Deus me deu o poder de dizer algo que jamais imaginei ser possível — ‘*Eu perdoo*’”.

A tristeza da perda a levou a descobrir tudo o que pôde a respeito dos assassinos que tinham tirado a vida de sua filha. Soube que haviam sido educados em ambientes disfuncionais, com famílias fragmentadas e sem bons exemplos.

Chegou até a se tornar parte de uma organização que ministrava a presidiários

condenados à morte. Regina se lembra bem da primeira ocasião em que visitou o corredor da morte com um grupo. Enquanto conversava com o diretor da penitenciária, um dos presidiários condenados à pena capital passou por eles, as correntes das pernas tinindo.

Regina viu o rosto dele. Bem diante de seus olhos estava o assassino de Adriane. Imaginou que deveria sentir raiva. Em vez disso, porém, teve pena.

“Meu coração ficou pesado, pois eu orava por aqueles dois rapazes. Pedia a Deus que viessem a conhecê-lo e soubessem que não precisavam ter uma vida infeliz, nem mesmo ali.”

Nem mesmo eles.

Como posso perdoar?

Gostaria de poder lhe dizer que o perdão não exige essa rendição e entrega totais. Na verdade, de certa forma, seria mais fácil nem sequer tocar nesse assunto, pois vivemos tempos em que muitos estão lidando com questões que penetram o mais profundo de seu ser e, para tais pessoas, manter os outros longe de si parece ser a única esperança de conseguir suportar a dor.

Cônjuges infiéis. Pais negligentes e insensíveis. Lembranças dolorosas de abuso sexual. Filhos rebeldes. Parentes cruéis. Figuras de autoridade e patrões dominadores. A lista parece não ter fim.

Ao longo de mais de trinta anos de ministério, encontrei mais dor em corações e relacionamentos do que imaginava ser possível.

Creio que jamais vou me esquecer, por exemplo, de uma mulher que subiu ao palco em um congresso no qual eu era palestrante e relatou a história trágica do assassinato de sua filha por um

homem que a observou às escondidas durante meses. Ainda ouço a angústia profunda e a emoção na voz da mãe, em pé ao meu lado diante de centenas de mulheres, enquanto dizia: “Odeio esse homem há catorze anos! Como posso perdoar? *Como posso perdoar*?”.

Lembro-me de outra mulher, em circunstâncias e experiências bem diferentes, que escreveu: “Minha vida cristã está no piloto automático. Por causa de tudo o que sofri, empurrei Deus para fora e agora só cumpro os rituais”.

A fim de sermos autênticos instrumentos de misericórdia na vida uns dos outros, precisamos operar com base na verdade — a verdade de Deus.

Também houve uma mulher que compartilhou: “Ano passado, os membros da igreja de meu pai o removeram do cargo de pastor. Foram injustos e pecaram contra ele. E, em consequência disso, ainda há uma porção de relacionamentos rompidos”. Em seguida, em uma expressão tanto

de impotência quanto de um desejo de seu coração, ela perguntou: “Como perdoar uma igreja inteira?”.

Essas injustiças e dores nos deixam de coração apertado. Quando ouvimos histórias desse tipo, temos vontade de dizer: “Se estivesse em seu lugar, sentiria o mesmo”. Nossa tendência natural é desejar que os malfeitores recebam pelo menos uma parcela daquilo que merecem.

No entanto, a fim de sermos autênticos instrumentos de misericórdia na vida uns dos outros, precisamos operar com base na verdade — a verdade de Deus. Não estou falando de uma negação beatífica artificial, que tenta agir como se nada houvesse acontecido. Também não estou falando de palavras e fórmulas rígidas, como se fosse necessário apenas seguir uma receita passo a passo.

Estou falando da doce, rica e pura Palavra de Deus e de seus caminhos, que não são simplesmente sobrepostos de modo superficial ou pouco natural às nossas experiências, mas que pulsam com vitalidade, cura e graça, enquanto Deus traz reconciliação em meio ao caos; enquanto ele restaura, redime e (por fim) renova todas as

coisas.

A verdade divina tem força até mesmo para encarar situações em que o pedido de perdão nunca acontece, ou em que ele é impossível em razão de morte ou de alguma outra restrição. Tem força para nos libertar e nos restaurar, de corpo e alma, por meio da dádiva do perdão.

É assim que Deus age.

A mentalidade que predomina em nossa cultura atual (e, com frequência excessiva, no âmbito evangélico também) tolera e até mesmo incentiva nosso ressentimento, nossos relacionamentos rompidos e nossos conflitos não resolvidos. Por vezes, amigos bem-intencionados trilham conosco o caminho do rancor, nos apoiam em nossa decisão obstinada de exigir restituição daqueles que pecaram contra nós e se mostram solidários na pena que sentimos de nós mesmos.

A Palavra de Deus, porém, deixa claro que o rancor tem um alto preço. Não podemos esperar viver em paz com Deus nem experimentar sua bênção em nossa vida se nos recusarmos a perdoar nossos devedores. O rancor sufoca a graça divina e permite que Satanás “leve vantagem sobre nós”

(2Co 2.10).

Seu sofrimento não se tornará nem um grama sequer mais leve se você acumular feridas e deixá-las supurar. Pelo contrário, se tornará mais pesado e difícil de carregar.

A empatia pode proporcionar um *alívio* temporário, mas somente o perdão propicia *libertação* duradoura.

Os dentes afiados da amargura

Uma das personagens mais memoráveis de *Great expectations*,[2] romance clássico de Charles Dickens, é uma mulher idosa e excêntrica chamada srta. Havisham. Quando essa personagem singular aparece na história, é seu aniversário. Muitos anos antes, nesse mesmo dia, ela havia se vestido para seu casamento e esperado o noivo chegar. Às vinte para as nove, porém, recebeu a notícia estarrecedora de que seu noivo fugira com outra mulher e, portanto, não viria para o casamento — nem naquele dia, nem nunca.

Daquele momento em diante, a vida cessou para a srta. Havisham. Todos os relógios da casa foram parados exatamente na hora fatídica: vinte minutos para as nove. As janelas foram fechadas com cortinas pesadas, que impediam a entrada de qualquer claridade em sua casa sombria e cada vez mais suja. A srta. Havisham passou a viver em reclusão com Estella, sua filha adotiva, enquanto o

bolo e o banquete de casamento apodreciam sobre a mesa, aranhas levavam embora pedaços da comida e o barulho de ratos correndo por entre as paredes ecoava pela casa.

A imagem mais vívida, porém, é a da noiva abandonada que, desde o momento da tragédia, continuava a trajar o vestido e o véu agora esfarrapados e amarelados, cetim, seda e renda se desfazendo aos poucos.

Pip, o personagem principal, é convidado a ir à casa da srta. Havisham para brincar com Estella, por quem mais tarde se apaixonaria. Quando ele chega e se espanta com tudo o que vê (*você não sentiria o mesmo*?), a srta. Havisham lhe oferece esta deprimente explicação: “Neste mesmo dia do ano, muito antes de nasceres, este monte de podridão […] foi trazido aqui. Isso tudo decaiu junto comigo. Os ratos roeram as coisas, e *dentes mais afiados que os dos ratos me roeram*” (grifo da autora)

O perdão não é um método a ser aprendido, mas, sim, uma verdade a ser vivida.

Aqueles “dentes” eram (e são) as arestas afiadas da amargura, do ressentimento e do rancor. Como punhais que transpassam a carne mais profundamente que garras e presas, destroem aos poucos a alegria, corroem a paz e fecham o coração para a luz da presença de Deus.

Nossa situação talvez não seja tão nitidamente patética quanto a da srta. Havisham. Talvez encontremos maneiras de fugir da dor e nos entorpecer, de prosseguir apesar do ressentimento e até, quem sabe, de manter a aparência de normalidade. Lá no fundo, porém, nosso espírito leva as marcas inconfundíveis desses dentes corrosivos e do cômodo escuro em que escolhemos viver.

O relógio parou em *sua* vida? Houve um momento em que alguém ou algo o magoou e tudo mudou? Talvez você ainda consiga se lembrar do dia, da hora, do ano, da cena, das circunstâncias. Suas esperanças, seus sonhos e sua inocência sentiram o aguilhão afiado da traição e da decepção. Desde então, você tem dedicado sua vida a reaver o que foi perdido e a buscar vingança, seja por meio de ações diretas, seja por meio da

sonegação de amor e afeto.

Você sabe muito bem como são esses dentes que vão roendo aos poucos?

Quero lhe dizer que você não precisa viver desse modo. É hora de abrir as cortinas e sair das trevas, ainda que pareça arriscado, ou mesmo impossível. O processo talvez seja doloroso. Mas, além das paredes sombrias e bolorentas da mágoa e da desilusão atrás das quais você se escondeu, há vida e saúde, um mundo inteiramente novo. Deus quer lhe dar graça para prosseguir. Quer libertá-lo.

Uma verdade a ser vivida

Ao longo deste livro, veremos o que é perdão e o que não é; estudaremos o perdão à luz das Escrituras, nos aprofundaremos em suas promessas e desvendaremos alguns de seus mitos. Trataremos especificamente de como perdoar e colocar em prática a graça e a misericórdia de Deus, como ele fez conosco.

Contudo, em lugar nenhum entre os melhores princípios e considerações que eu possa oferecer nem em passagem alguma das Escrituras encontraremos uma palavra mágica ou uma fórmula secreta. O perdão não é um método a ser aprendido, mas, sim, uma verdade a ser vivida. Para a maioria dos leitores, o conceito de perdão não é algo inteiramente desconhecido. É pouco provável que você encontre nestas páginas muitas ou quaisquer revelações profundas e inéditas.

Para a maioria de nós, o problema não é falta de conhecimento acerca do perdão. O problema, como

tenho visto em inúmeros casos (mesmo, muitas vezes, em minha própria vida), é que ainda não identificamos nem reconhecemos o rancor dentro de nosso coração, ou simplesmente escolhemos não perdoar.

Ao incentivá-lo a percorrer o caminho do perdão, com todos os seus riscos e todas as suas dificuldades, minha intenção não é sugerir que sua experiência foi menos terrível do que lhe parece. Aquilo que você sofreu é real.

Talvez tenha sido vítima de maus-tratos indescritíveis nas mãos de um parente próximo, de um amigo chegado ou de um desconhecido. Talvez haja partes de sua vida que mal podem ser tocadas devido a circunstâncias passadas ou presentes que você ainda nem sequer consegue descrever para outros.

Não desejo minimizar nem fazer pouco das experiências que deixaram marcas aflitivas em sua alma. Aliás, embora haja quem diga que é preciso “perdoar e esquecer”, a verdade é que o perdão, em sua forma ideal, exige que você encare quão profundamente foi ferido.

Ao longo da jornada, porém, descobriremos

esta verdade difícil, mas restauradora: qualquer que seja o pecado cometido contra você, sua escolha de não perdoar também é um pecado grave. Na verdade, deixar de perdoar muitas vezes causa em sua vida problemas muito piores e mais duradouros que a ofensa sofrida.

Minha oração por você

Senti-me impelida a escrever este livro porque sei que a maioria dos cristãos enfrenta, de uma forma ou de outra, as repercussões do rancor. Ele afeta homens e mulheres, jovens e idosos, casados e solteiros, ricos e pobres.

Pode ser uma reação a afrontas inomináveis que, em alguns casos, se arrastam por décadas, ou a insultos e ofensas que, em comparação, parecem microscópicos, mas que ainda assim causam dor.

Vi o rancor devastar casamentos, igrejas, locais de trabalho e ministérios; eu o vi destruir amizades de longa data.

A ampla experiência de John MacArthur como pastor lhe permite afirmar que "quase todos os problemas pessoais que levam as pessoas a buscar aconselhamento pastoral são relacionados, de algum modo, à questão do perdão".[3] Em outras palavras, esse é um problema *imenso*.

É possível que, enquanto você lê estas palavras,

o ressentimento seja um fogo ardente em seu coração. Ou talvez seja menos intenso, semelhante a uma dor indefinida. Talvez tenha se tornado conhecido e habitual, a ponto de você não se lembrar de como é a vida sem ele. Ou talvez seja tão sutil e velado que você nem o reconheça. Qualquer que seja o caso, não é preciso continuar nessa situação. A decisão de perdoar o levará a iniciar uma jornada rumo à liberdade.

O autor de Hebreus diz: “Cuidado para que ninguém se abstenha da graça de Deus. Que nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe e muitos sejam contaminados por meio dela” (Hb 12.15).

Cuidado. Essa é a palavra inspirada de Deus que me leva a percorrer um território no qual eu sei que corro o risco de parecer insensível ou simplista, fria e calejada. Meu desejo sincero é que cada leitor desta obra venha a obter “a graça de Deus”, liberte os reféns que talvez esteja mantendo na prisão de sua mente e de suas emoções e, com isso, também se descubra livre.

Esse é o plano de Deus para você. É o que ele tem de melhor para você. E é a vontade dele para

sua vida.

Perdão.

---

[1] Leon Alligood, *The Tennessean*, Oct. 17, 2005, seção A, p. 1-2.

[2] Charles Dickens, *Great expectations* (Oxford University Press), p. 82 [edição em português: Charles Dickens, *Grandes esperanças*, tradução de Paulo Henriques Britto (São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2012, p. 90)].

[3] John MacArthur, *Forgiveness* (Wheaton: Crossway Books, 1998), p. 7.

CAPÍTULO 1

SOBREVIVENTES FERIDOS

Não temos dificuldade em falar de perdão quando nunca fomos feridos; mas, quando sofremos uma ofensa, sabemos que, sem a graça de Deus, é impossível um ser humano perdoar outro.

OSWALD CHAMBERS

Enquanto eu trabalhava neste livro, uma amiga comentou: “Não me identifico muito com o assunto. Não sou de guardar rancor ou amargura”.

Embora talvez seja o caso de alguns, cheguei à conclusão de que o rancor é uma questão muito real para *a maioria* das pessoas, estejam cientes disso ou não. Quase todos têm uma pessoa (ou mais de uma pessoa) que não perdoaram.

Repetidamente vejo comprovações desse fato. Há muitos anos, sempre que falo sobre perdão, depois de defini-lo com base na Bíblia, faço a seguinte pergunta aos presentes: “Quantos de vocês são honestos o suficiente para reconhecer a presença de uma raiz de amargura em seu coração e a existência de uma ou mais pessoas em sua vida — no passado ou no presente — que vocês não perdoaram?”.

Fiz essa pergunta a dezenas de milhares de pessoas, mesmo a convertidos de longa data, líderes de grupos de estudo bíblico e indivíduos dedicados ao ministério em tempo integral. Qualquer que seja o contexto ou o público, em praticamente todos os casos, entre 80% e 95% dos presentes levantam a mão.

É impressionante que a grande maioria das pessoas que frequentam uma igreja todos os domingos (e muitas que se desiludiram e deixaram de ir à igreja) tem, no mínimo uma semente, senão uma floresta inteira, de rancor no coração.

Em muitos casos, as mãos levantadas revelam corações que continuam feridos, que ainda sangram, sofrem, ouvem as palavras cortantes,

sentem as injúrias e não conseguem superar o que aconteceu.

Em outros casos, as mãos levantadas representam corações anestesiados, que se tornaram indiferentes ou distantes e, talvez, cercados de muros para evitar mais sofrimento.

Qualquer que seja a história por trás de cada mão levantada, tenho convicção de que o rancor no coração do povo de Deus não é a exceção, mas a *norma* para a maioria. Talvez as pessoas tenham aprendido a conviver com ele. Talvez estejam "lidando com a situação". Talvez o mascarem com riso ou o soterrem debaixo de atividades. Mas, quando são honestas consigo mesmas e com Deus, percebem que não vivem em liberdade.

Portanto, embora eu tenha plena consciência de que existem outros bons livros e recursos disponíveis sobre esse tema, continuo a ver o mar de mãos levantadas. Pessoas como você. Penso nos olhos dentro dos quais olhei e nas histórias que ouvi de corações atormentados ou exaustos. E, o que é mais importante, penso em como a vida dessas pessoas poderia ser diferente se os muros fossem derrubados, se escolhessem o caminho para

o perdão e se fossem libertas da prisão de mágoa e amargura.

Marcas profundas

Não podemos falar de perdão sem reconhecer a realidade da dor. Se jamais tivéssemos sido magoados, não haveria necessidade de perdoar.

Somos de fato uma geração de pessoas feridas. E os feridos têm a tendência de ferir outros. (Alguém disse que o animal mais perigoso da floresta é o animal ferido.) Ao olhar ao redor, deparamos com disfunções e manifestações aleatórias de violência. Raiva incontida no trânsito. Crianças que levam armas para a escola e atiram na cabeça das pessoas. De onde vem isso tudo? Com grande frequência, é resultado de mágoas escondidas e amargura encoberta que se transformaram em raiva, ódio, vingança e violência.

Quando falo de mágoa, o que lhe vem à mente?

Talvez sua infância tenha sido marcada por abuso sexual. Talvez um irmão, um parente, ou mesmo seu próprio pai o tenha usado para

satisfazer uma necessidade própria distorcida. Talvez, consequentemente, você tenha afundado em uma vida de promiscuidade que, até hoje, o persegue com sentimentos de raiva, culpa e remorso.

Talvez o abuso não tenha sido físico, mas emocional, por meio de manipulações. Talvez as disfunções dentro da família tenham se desdobrado de tal forma que complicaram e distorceram quase todos os seus relacionamentos, e você nunca tenha deixado de culpar mãe, pai ou avós — alguém! — por esse início de vida tão infeliz.

Pode ser que o problema seja o marido sempre distante e indiferente, o cônjuge cujas prioridades nunca estão alinhadas com as suas, que costuma não fazer caso ou se esquecer daquilo que é importante para você.

Pode ser que seja uma irmã ou um irmão que brigou com você por causa de questões familiares importantes e também por ninharias. Esses conflitos tornaram o relacionamento

O sórdido resíduo da mágoa é uma fatalidade? Você

tenso e superficial e transformaram quase todas as festas ou encontros de família em uma tarefa desagradável, em mais uma oportunidade de tomar partido e suportar insultos.

acreditaria de verdade se alguém lhe dissesse que a resposta é não?

Talvez um funcionário novo, de um escalão superior da empresa em que você trabalha, o tenha feito sentir-se desvalorizado e marginalizado. Talvez seja um genro que magoou sua filha ou envenenou o relacionamento com seus netos. Ou um pastor que traiu a confiança de toda a congregação ao cair em adultério, fazendo a igreja se tornar mais um dramalhão do que um refúgio. Ou talvez seja uma mulher que seduziu seu marido e afastou-o de você, e agora a raiva e o ressentimento se infiltram em todos os cantos de seus pensamentos, de suas atitudes e de sua rotina.

Mesmo que não seja nenhum dos casos citados, existe alguma coisa. Alguém. Uma situação que reaparece com frequência dolorosa e traz consigo uma enxurrada de sentimentos.

Algo que faz seu coração apertar e lhe dá a

impressão de estar constantemente em guerra, sempre em guarda para evitar o ataque violento de emoções conflitantes.

A adoração deixou de fluir e não há mais doçura em seu relacionamento com Deus. Você sente falta dela. Sente falta de Deus. É como arrastar-se dias a fio em um estado febril, se não com uma febre alta e perigosa! O conceito de normalidade em sua vida mudou completamente.

A pergunta é: *Essas feridas do passado ou do presente precisam definir sua identidade, o destino de sua jornada e como você chega lá*? O sórdido resíduo da mágoa é uma fatalidade?

Você acreditaria de verdade se alguém lhe dissesse que a resposta é não?

Ah, se você soubesse…

As questões que exigem perdão costumam nos atingir em nosso cerne. Raramente jogam limpo e quase sempre aparecem sem aviso. Embora talvez sejam semelhantes às experiências de outros, levantam um conjunto específico de perguntas difíceis.

Por exemplo:

O que fazer quando o problema não é apenas uma ferida antiga, do passado, mas uma ferida continuamente reaberta? Como lidar com a dor quando aquilo que levou a seu estado atual de raiva e amargura não é uma memória distante, mas um acontecimento em andamento (como uma amiga me perguntou ainda ontem)?

Ou como perdoar alguém e, ao mesmo tempo, proteger-se (ou, quem sabe, proteger seus filhos) do perigo que essa pessoa representa para você?

Como lidar com as imagens, os sons e as memórias que aparecem do nada, com as datas que

se repetem a cada ano ou com as recordações que surgem a qualquer momento do dia?

E quanto à ira voltada não contra uma pessoa que fez mal a *você*, mas contra aquele que magoou alguém que você ama? Não é normal virar uma fera quando seu filho sofre *bullying* na escola, quando sua filha é maltratada por outras meninas, quando um colega inescrupuloso puxa o tapete de seu marido no trabalho?

E quanto ao sujeito que falava de casamento, parecia ser o homem que Deus queria em sua vida, mas no fim das contas foi embora depois de brincar com seus sentimentos? Como lidar com o estrago que ele causou?

Como começar a perdoar a esposa que, no último ano, parece ter adquirido uma nova personalidade, acolhendo o interesse de outro homem sem demonstrar a mínima preocupação com o que você pensa?

Como responder à pessoa que escreve:

> *Minha família está em conflito. Onde deveria haver amor, há ódio, e onde deveria haver compaixão, há tristeza, brigas e discussões.*

Ou àquela que pede:

Por favor, ore por minha família. Estou no fim da linha. Não aguento mais a raiva e o rancor em nosso lar.

Sem dúvida, existem feridas do tamanho de Deus, que precisam de respostas do tamanho de Deus. Não há clichês nem vara de condão que possam restaurar tudo em um passe de mágica. Não há como pressionar uma tecla de “desfazer”, na esperança de que nossa vida voltará a ser como antes ou como gostaríamos que fosse.

Quando a dor é tão próxima, quando a ferida é tão dolorida, quando a ofensa é tão evidente, como perdoar?

Realidades dolorosas

Para começar a tratar dessas questões, precisamos deixar uma expectativa sedimentar-se em nós, por mais fundamental e óbvia que pareça:

Todos se magoam.

É um fato da vida. Neste mundo decaído, a dor é inevitável. Você *será* magoado, sofrerá injustiça e será ofendido por outros. Não há como contornar essa realidade.

"… No mundo tereis tribulações…", Jesus garantiu a seus seguidores ansiosos e confusos (Jo 16.33), como Paulo lembrou mais adiante a seu jovem colaborador Timóteo: "Na verdade, todos os que querem viver uma vida piedosa em Cristo Jesus sofrerão perseguições" (2Tm 3.12). Portanto, a questão não é se temos vivido de modo particularmente piedoso ou não. Embora a obediência proporcione sua parcela de bênçãos eternas, é fato que problemas e dores virão até mesmo sobre os mais devotos entre nós, por vezes

com ímpeto maior sobre alguns cristãos que sobre outros.

É verdade que há diferenças entre as experiências de cada um quanto a detalhes e intensidade. Alguns sofrerão dor muito mais forte que outros. Mas é fato universal que todos terão de lidar com alguma forma de afronta, provavelmente inúmeras vezes ao longo do caminho. Todos nós depararemos com situações nas quais o rancor e o ressentimento encontrarão terreno fértil para lançarem raízes e vicejarem dentro de nosso coração.

Esse fato é evidente. Ninguém discorda. Desejo desafiá-lo, porém, a considerar outra observação que talvez não seja tão fácil de aceitar:

Entendeu? Em última análise, o balanço final da sua vida e da minha vida — quem somos, como agimos, nosso bem-estar, nosso futuro, nossos relacionamentos e a contribuição que podemos dar — não é determinado por aquilo que alguém tenha feito ou possa fazer para nos machucar.

O resultado de nossa vida não é determinado por aquilo que acontece conosco, mas pelo

modo como reagimos àquilo que acontece conosco.

É claro que seremos *afetados* pelas circunstâncias que formam o contexto de nossa vida. Elas deixarão marcas profundas no coração, que sempre serão parte de nossa experiência. Mas essas circunstâncias, por mais horríveis que sejam, não têm poder de *controlar* o resultado de nossa vida.

Nossa única esperança reside na consciência de que temos escolha a respeito de como reagimos às circunstâncias da vida.

Enquanto crermos que a felicidade e o bem-estar são determinados por aquilo que acontece conosco, sempre seremos *vítimas*, pois muito do que acontece conosco está fora de nosso controle. Dentro dessa visão de mundo não há lugar para a esperança; não existe a possibilidade de sermos diferentes, inteiros, livres. Em maior ou menor grau (dependendo de como fomos tratados ou maltratados), todos nós levamos

as marcas dos danos que sofremos e estamos destinados a ser indivíduos disfuncionais em um mundo disfuncional.

A verdade é que não temos muita escolha a respeito de boa parte das coisas que nos acontecem. Nossa única esperança reside na consciência de que temos escolha a respeito de como reagimos às circunstâncias da vida — e são essas atitudes que determinam o resultado da nossa vida.

Talvez essa não lhe pareça uma notícia muito boa. “Quer dizer que *eu* sou responsável? Que espécie de encorajamento é esse que coloca o peso de volta sobre *minhas* costas?”

Não importa quanto você tenha sido prisioneiro de suas reações às feridas que outros lhe causaram, eu lhe garanto que aceitar essa verdade é o ponto de partida na jornada rumo à liberdade.

Quando, como filhos de Deus, percebemos que sua graça é suficiente para todas as situações e que, pelo poder do Espírito que habita dentro de nós, temos condições de demonstrar graça e perdão a quem pecou contra nós, deixamos de ser vítimas. Vemo-nos livres para ir além daquilo que fizeram contra nós, para crescer em meio às circunstâncias

e nos tornar instrumentos de graça, reconciliação e redenção na vida de outros que estão sofrendo, até mesmo na vida daqueles que nos ofenderam.

Sim, você pode ser livre, desde que escolha a liberdade.

Contabilizar

Existem basicamente duas formas de reagir aos sofrimentos e às experiências injustas da vida. Toda vez que somos magoados, escolhemos uma dessas reações.

A primeira, mais natural, é nos tornarmos *cobradores de dívidas*. Decidimos obrigar o transgressor a pagar por aquilo que fez. Quer sejamos explícitos, quer sejamos sutis, enquanto não recebemos um pedido satisfatório de perdão, enquanto não concluímos que um castigo adequado foi aplicado, pretendemos manter o transgressor na prisão dos devedores; reservamo-nos o direito de puni-lo por sua transgressão. Esse é o caminho que conduz ao ressentimento e à retaliação, que busca a desforra e exige reparação pela ofensa.

Em vez de abrir mão das ofensas que sofremos e deixar que Deus seja aquele (o *único*) que é grande e forte o suficiente para lidar com o problema à sua maneira perfeita, justa e redentora,

apegamo-nos à dor e nos recusamos a soltá-la. Fazemos refém nosso ofensor (ou assim imaginamos).

Um exemplo é Esaú e Jacó e o direito de primogenitura roubado por dissimulação. A tão esperada oportunidade de prosperar enfim está ao alcance de Esaú, mas, por uma trapaça, uma conspiração gerada pela mãe, que demonstrou favoritismo, o acesso legítimo de Esaú à bênção de seu pai lhe é absurdamente negado no último instante.

"Esaú *guardou rancor* contra Jacó por causa da bênção que seu pai lhe dera. E disse a si mesmo: 'Os dias de luto pela morte de meu pai estão próximos; então matarei meu irmão Jacó" (Gn 27.41, NVI). Ele guardou rancor e esperou pacientemente, decidido a obter vingança… e mais um pouco.

Essa atitude de cobrar dívidas, porém, não coloca apenas o transgressor na prisão de devedores; também *nos* coloca ali.

Um colega relatou a história comovente compartilhada por uma mulher em seu pequeno grupo na igreja quando o Senhor lhe mostrou que

ela precisava escolher o caminho do perdão. Quando era menina, ela foi com uma amiga à delegacia da cidade pequena onde moravam para visitar o delegado. As crianças da cidade gostavam dele, pois era um sujeito legal e divertido, que vestia uniforme e tinha uma insígnia.

A certa altura, a amiga saiu para brincar e deixou a menina sozinha com o delegado na sala dele. De repente, a expressão do rosto do homem começou a fazê-la sentir-se pouco à vontade. O clima da sala se tornou estranhamente tenso e assustador. Ele se aproximou da menina e, apontando para as grades de ferro atrás dele, sussurrou: “Se você contar a seus pais o que vou fazer, mando prender você em uma das celas”.

E, em seguida, abusou sexualmente dela.

Finalmente, essa mulher conseguiu relatar o que havia acontecido tanto tempo atrás e como o homem que ela havia considerado um amigo de confiança tinha acabado com a inocência de sua infância. Ao refletir sobre a ameaça do delegado de colocá-la atrás das grades caso ela contasse a seus pais, ela comentou: “Hoje percebo que, em meu coração, eu coloquei *esse homem* na ‘cadeia’

naquele dia e, ao longo de todos esses anos, o mantive preso ali".

Quando Deus abriu os olhos dela para o estrago que o rancor estava causando em sua vida (e em seu casamento), ela se deu conta de outra coisa: naquele dia no passado, também havia colocado *a si mesma* atrás das grades. E, embora o delegado tivesse falecido há muito tempo, o rancor e a amargura a haviam mantido trancada todos aqueles anos em uma cela que ela própria
havia criado.

Ela teve culpa por um indivíduo com autoridade aproveitar-se dela? De jeito nenhum! Não há como enfatizar esse fato o suficiente. Mas quem foi a parte mais prejudicada por seu rancor? E por que ela deveria permanecer "atrás das grades" por causa de um crime que outra pessoa havia cometido?

Cobrar dívidas é a reação natural dos seres humanos quando sofrem injúrias, abusos ou maus-tratos. E seu fruto amargo é sempre dor ainda mais profunda, ressentimento e escravidão.

Mas há outro caminho. Um caminho melhor. O caminho que Deus oferece.

Abrir mão

Em vez de sermos cobradores de dívidas — o caminho do ressentimento e da retaliação —, Deus nos chama a escolher o perdão, uma escolha pura e poderosa, e a buscar, sempre que possível, restauração e reconciliação.

Na verdade, as Escrituras não apresentam esse caminho como algo opcional. Em Colossenses 3.13, Paulo escreve: "… assim como o Senhor vos perdoou, também perdoai". Não há muito espaço para interpretação nem para negociação.

Jesus foi igualmente claro e objetivo: "Quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai…" (Mc 11.25). "*Alguma coisa* contra *alguém*." Essa declaração abrange tudo! Nenhuma afronta é grande demais, nenhum ofensor está fora dos limites aos quais nosso perdão deve se estender. Nossa comunhão com Deus requer perdão e depende dele.

Portanto, se nós, como cristãos, persistimos em

guardar rancor, nosso coração se vê obrigado a lutar com o fato de que nossas ações constituem desobediência. O perdão não é uma opção de pegar ou largar, algo esperado apenas de supercristãos.

Sem dúvida, ele é contrário à nossa natureza. É sobrenatural.

E, por vezes, é quase inacreditável.

Pergunte ao cirurgião cujo erro médico custou a vida da mãe de minha amiga Margaret Ashmore. A mãe de Margaret fora levada às pressas para o hospital com dores no peito; no entanto, estava lúcida e alerta quando os exames mostraram que ela havia sofrido um infarto leve. Depois de uma rápida avaliação feita por um pequeno grupo de médicos do hospital, decidiu-se que a melhor opção seria uma angioplastia para abrir as artérias que pareciam estar entupidas.

Logo em seguida, ela foi levada para o centro cirúrgico. Todos esperavam que a cirurgia corresse bem.

Em algum momento durante o procedimento, porém, o médico insuflou rápido demais e cedo demais o balão colocado no vaso sanguíneo. O coração fragilizado sofreu dano irreparável e ela

entrou em coma.

Três horas depois, ela faleceu.

O pai de Margaret ficou inconsolável. Sua companheira há 42 anos, em um casamento de amor e lealdade mais intensos que a maioria, havia sido tirada dele em questão de minutos pelo erro de um cirurgião.

Os dias subsequentes foram de dor quase insuportável para Margaret. Seu pai gentil e carinhoso estava se transformando em um furacão de raiva, tristeza, desespero e vingança. Com furor implacável, atormentado por sua dor, ele declarou que sua missão era “derrubar aquele hospital!”. Exigiu uma reunião com a administração do hospital e com os médicos responsáveis pelo tratamento de sua esposa e prometeu enfrentar todos eles e lhes dizer que pretendia processá-los até o último centavo, só para vê-los sofrer.

Enquanto os funcionários do hospital e os médicos aguardavam, ansiosos, a chegada do pai de Margaret para esse confronto, tremiam nas bases só de pensar no que esperavam ouvir. Como alguém no lugar deles lida com uma situação dessas?

Não lida… quando Deus intervém.

A caminho da reunião, o pai de Margaret começou a perceber que, a fim de se livrar do calabouço de raiva e amargura em que se encontrava, teria de fazer o mesmo que Deus havia feito por ele. Teria de perdoar.

Para espanto de todos, quando ele entrou na sala de reunião naquele dia, foi até o médico cujo equívoco havia tirado a vida de sua esposa querida, estendeu a mão para ele e disse: “Só vou ter paz durante o que resta de minha vida se perdoá-lo”.

A equipe do hospital ficou aturdida. O médico se desfez em lágrimas. Por um longo tempo, segurou a mão do homem que havia renunciado ao direito de se vingar.

Naquele dia, dois homens saíram daquela sala de reunião em liberdade; o mais livre dos dois, porém, foi aquele que ofereceu essa liberdade, aquele que perdoou.

É como beber veneno

Volto a afirmar que nenhum aspecto do perdão é fácil. Não há dúvidas a esse respeito. É difícil pensar nele. É difícil colocá-lo em prática. É difícil continuar a praticá-lo. Se, contudo, conseguíssemos nos afastar de nossa situação por tempo suficiente, nos colocar a uma distância que nos permitisse enxergá-la mais claramente, em que as feridas e cicatrizes não estivessem tão sensíveis, veríamos algo diferente.

Veríamos que deixar de perdoar apenas piora a situação.

Rudy Tomjanovich, jogador de basquete vencedor quatro vezes do prêmio All-Star da NBA, parecia estar a caminho da quinta premiação em 1977. Seu time, o Houston Rockets, parecia preparado para brigar pelo título naquele ano.

Na noite de 9 de dezembro, os Rockets estavam no ginásio em Los Angeles para jogar contra os Lakers, o time da casa. O placar indicava empate, e

o segundo tempo havia acabado de começar quando houve uma briga entre dois jogadores perto do meio da quadra. Tomjanovich estava longe da briga, mas correu em direção a ela para defender seu companheiro de time.

Um dos jogadores envolvidos no confronto, Kermit Washington, lembra-se de enxergar pelo canto do olho um vulto vermelho se aproximando rapidamente dele — Tomjanovich com a camisa vermelha dos Rockets. Virando-se de um salto, Washington meteu o punho fechado no rosto de Rudy com a força de um bate-estaca. O jogador dos Rockets caiu para trás e bateu a cabeça com força no chão.

Depois desse episódio, conhecido pelos fãs de basquete apenas como “o soco”, Tomjanovich permaneceu caído e imóvel por vários segundos, completamente nocauteado. Médicos calcularam que o impacto do soco, em conjunto com o embalo de seu movimento para a frente, foi equivalente a duas locomotivas se chocando em velocidade máxima. Seus ferimentos pareciam os de uma pessoa que bateu com o rosto no para-brisa do carro a 80 km/h.

Não foi apenas um nariz ensanguentado. (Aliás, até hoje a esposa de Rudy se exaspera quando alguém se refere ao ferimento de seu marido como um nariz quebrado. “A única coisa no rosto que *não* quebrou”, ela comenta, “foi o nariz dele”.) Todo o seu crânio ficou fora de esquadro. Suas maxilas não se encaixavam mais. Até seus dutos lacrimais sofreram colapso.

Por pouco ele não morreu.

UMA DEFINIÇÃO DE RANCOR: “É como beber veneno e esperar que outra pessoa morra”.

Na temporada seguinte, depois de cinco cirurgias de reconstrução facial, Rudy tentou voltar para o esporte que tanto amava. No entanto, conseguiu retornar apenas por um breve período ao nível de desempenho que havia alcançado antes dos acontecimentos daquela noite. Aposentou-se pouco tempo depois, pois percebeu que suas habilidades haviam sido prejudicadas. Não quis mudar de time e ter de ir com a família para outra cidade só para estender sua carreira por mais alguns anos.

Tudo aconteceu rapidamente, sem aviso. Um dia, sua ideia de “normalidade” era a vida competitiva de atleta profissional. No dia seguinte, estava na UTI, sem saber se sobreviveria.

As causas dessa reviravolta não foram realmente intencionais. Algo desencadeou a sequência de acontecimentos, uma coisa levou a outra, e a situação fugiu ao controle. Acontece às vezes, não é mesmo? É provável que você consiga se lembrar de um momento em sua vida em que as coisas esquentaram, a panela transbordou e, quando você se deu conta, o estrago estava feito. Não havia como voltar atrás. Aquilo que foi dito, aquilo que aconteceu mudou sua vida para sempre.

Quando perguntaram a Rudy se ele havia perdoado Kermit Washington pelo soco que acabou com sua carreira, ele respondeu: “Alguém me disse que odiar Kermit seria como beber veneno e esperar que outra pessoa morresse. Procuro sempre me lembrar disso”.[1]

É como beber veneno e esperar que outra pessoa morra. Essa é uma imagem forte daquilo que o rancor faz ao coração humano. Embora pareça justificado e embora pareça ser a única

opção disponível, o rancor é destrutivo e mortal para quem o bebe.
A mesma arma que usamos para ferir nosso ofensor se volta contra nós e causa mais estragos em nós — e naqueles que nos amam — que em nosso ofensor.

Encontrar liberdade

Sei que essa jornada rumo ao perdão talvez exija que você explore áreas sensíveis e doloridas de sua vida. Também sei, porém, que nosso modo natural de lidar com essas feridas só as torna mais inflamadas.

Somente o caminho de Deus, e nenhum outro, oferece esperança de cura e de livramento dos problemas inevitáveis que enfrentamos.

As palavras de Jesus não foram apenas a expressão de um desejo ou uma promessa vazia: "… e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (Jo 8.32). Escolher o perdão e andar na verdade de Deus é o caminho prescrito por ele — e é sua jornada rumo à liberdade.

Só aqueles que trilham esse caminho a encontram.

Aplicação pessoal

- Há alguma pessoa ou circunstância que você culpe por aquilo que aconteceu em sua vida? De que maneira você pode se libertar assumindo responsabilidade por sua atitude em relação a essa pessoa ou situação?

- Há alguém que o tratou de modo injusto e que você continua tentando castigar por essa ofensa? Como você o faz pagar por isso? O que o impede de perdoar a essa pessoa e cancelar sua dívida?

- Você se lembra de uma situação em que se vingou ou ficou ressentido em vez de perdoar a alguém que o magoou? Quais foram os resultados? Como essa atitude afetou seu relacionamento com tal pessoa? Como afetou a você mesmo? Como afetou seu relacionamento com Deus?

[1] John Feinstein, *The punch: one night, two lives, and the fight that changed basketball forever* (Boston: Little, Brown, and Co., 2002), introdução.

CAPÍTULO 2

O QUE ACONTECE QUANDO NOS RECUSAMOS A PERDOAR

Toda vingança é, por natureza, veneno, e, embora não tomemos
o suficiente para acabar com a vida, mesmo que tomemos apenas
uma pequena porção, ela contaminará todo o sangue e
tornará difícil que sejamos restaurados
à saúde que antes desfrutávamos.

WILLIAM LAW

orações feridos por vezes abrigam fortes emoções.

CUma carta angustiante enviada a nosso ministério por um menino que se tornou homem e agora é diácono de uma igreja ilustra de modo vívido quão intensas essas emoções podem ser e como podem ter efeitos duradouros e abrangentes. Também mostra os esforços monumentais feitos por pessoas feridas para lidar com a dor.

Meu pai nos abandonou quando eu tinha 2 anos. Queria muito ter pai. Odiava-o por ter me abandonado. O ódio era tanto que desejava que ele morresse e fosse para o inferno.

Cresci nas montanhas, onde há muitas superstições. De acordo com uma crendice, se você batesse um prego em uma árvore e dissesse o nome de uma pessoa enquanto martelava, essa pessoa morreria.

Perto de minha casa havia um pinheiro grande. Todos os dias eu ia até ele, batia um prego e dizia o nome de meu pai. Não sei quantos pregos martelei naquela árvore, mas meu pai

não morreu. Como eu o odiava!

Esse ódio destruiu meu primeiro casamento e ameaça acabar com o segundo. Eu sou uma concha em forma de gente; não tenho relacionamentos próximos.

Ao trabalhar neste livro, senti um grande peso no coração pelos leitores semelhantes ao homem que escreveu essa carta. Ódio e amargura estão destruindo sua vida e seus relacionamentos, e eles sabem disso. Mas, por algum motivo, nunca tiveram a disposição ou não se sentiram capazes de abrir mão dessa amargura e perdoar seus ofensores.

Nossa sociedade está tão permeada de rancor e amargura que praticamente os consideramos atitudes normais

Outro grupo também deixa meu coração pesado, e tenho a impressão de que é muito maior que o primeiro: aqueles que não se consideram amargurados e rancorosos. Não batem pregos em árvores enquanto desejam que

diante da vida.

alguém morra, mas, se permitissem que o Espírito de Deus os abrisse, descobririam sementes de amargura que criaram raízes em seu coração.

Em nossa cultura de terapia, é amplamente aceito reconhecer que fomos “magoados” ou “feridos”, palavras que focalizam a afronta cometida contra nós. É muito mais difícil, porém, reconhecer que deixamos essa mágoa subir (ou melhor, *descer*) e se transformar em rancor ou amargura, o que coloca a responsabilidade sobre nossos ombros.

Nossa sociedade está tão permeada de rancor e amargura que praticamente os consideramos atitudes normais diante da vida. Nos Estados Unidos, dezenas de milhares de pessoas entram com processos legais todos os dias; são milhões de processos por ano! E aqueles cuja amargura não os leva a buscar uma solução nos tribunais, a cometer crimes violentos ou a desenvolver vícios recorrem a modos mais sutis de expressão: desconfiança silenciosa, insegurança, medos irracionais, sombria

indiferença, agitação compulsiva e inquietação.

Como saber se a mágoa se transformou em amargura em seu coração? Talvez você seja semelhante à moça do estado de Georgia, EUA, que me escreveu para falar da amargura que ela finalmente havia reconhecido em seu coração pelo divórcio de seus pais. Ela disse: “As pessoas sempre comentam como sou ‘meiga’ e como estou sempre sorrindo. No fundo, porém, tenho amargura e raiva de uma porção de coisas. Agora que percebi esse rancor, não o quero mais dentro de mim”.

Com frequência, contudo, não percebemos a presença desses sentimentos. Como saber? Para começar, veja se você se identifica com alguma destas declarações:

- Revivo em pensamento o acontecimento que me magoou.
- Quando penso em determinada pessoa ou situação, ainda sinto raiva.
- Esforço-me para não pensar na pessoa, no acontecimento ou nas circunstâncias que me causaram tanto sofrimento.
- Tenho um desejo secreto e sutil de ver essa

pessoa pagar por aquilo que me fez.

- Lá no fundo, não me importaria se algo ruim acontecesse à pessoa que me magoou.
- Conto a outros com frequência como essa pessoa me magoou.
- Muitas de minhas conversas giram em torno dessa situação.
- Quando o nome dessa pessoa é mencionado, é mais provável que eu diga algo negativo a seu respeito do que positivo.

Pensamentos como esses revelam áreas de ressentimento e rancor em nosso coração. Permitem-nos enxergar dentro de nós mesmos algo que jamais imaginamos que encontraríamos ali.

Qual é a gravidade do problema?

Não é minha intenção colocar sobre seus ombros um peso de culpa ou responsabilidade adicional nessa situação tão delicada e dolorosa. No entanto, se desejamos ser livres, precisamos reconhecer a profundidade do rancor em nossa vida e identificar o estrago que causou e que *pode* causar. Também precisamos tratar do fato de que nosso rancor é pecado, como foi a afronta que o gerou. Não é um pecado *pior*, mas também não é menos grave.

A maioria de nós sabe por experiência própria que, quando deixamos um pecado de qualquer tipo residir em nosso coração, ele não fica limitado a uma pequena área. Caso não haja confissão e arrependimento, mais cedo ou mais tarde ele afeta todo nosso ser, nosso bem-estar físico e emocional, nosso semblante e nossa forma de ver o mundo.

Não é diferente com o rancor. Quando não tratamos das mágoas da forma como Deus quer, abrigamos ressentimento em nosso coração e, como

uma infecção, ele supura e entra em nossa corrente sanguínea, até que, por fim, começamos a enxergar tudo o que os outros fazem e tudo o que acontece conosco pela lente da amargura.

Portanto, ao procurar aplicar a Palavra de Deus a esse assunto e às circunstâncias dolorosas que talvez você esteja vivenciando, meu desejo não é lhe dar mais um fardo para carregar, mas, sim, poupá-lo de mais dor. Quero que você desfrute a bênção, a liberdade e o poder transformador resultantes de caminhar em obediência.

Vejamos agora em mais detalhes qual é a natureza da amargura e quais são suas implicações e, mais importante, comecemos a investigar como ela pode ser superada pelo poder e pela graça de nosso grande Deus.

Gosto amargo

A maioria de nós conhece a exortação do apóstolo Paulo em Efésios 4: “Toda amargura, cólera, ira, gritaria e blasfêmia sejam eliminadas do meio de vós, bem como toda maldade” (v. 31). Mais adiante, veremos o outro lado da moeda, expresso no versículo seguinte (“… sede bondosos e tende compaixão uns para com os outros, perdoando uns aos outros…”). Primeiro, porém, concentremo-nos naquilo de que devemos nos livrar.

O termo grego traduzido por “amargura” no Novo Testamento vem da raiz *pik*. O som é semelhante ao significado: quer dizer, literalmente, picar, perfurar ou cortar. Pode se referir a um objeto afiado ou pontiagudo ou a um gosto forte e amargo. De modo figurado, denota “o estado mental de raiva e ressentimento que pode se desenvolver quando passamos por dificuldades”.[1]

Leia novamente as outras palavras que Paulo inclui nessa lista — e os tipos de ações e atitudes

que, inevitavelmente, giram em torno dessa amargura:

- *Cólera* e *ira*. Graus cada vez mais intensos de ressentimento, hostilidade e raiva que, com a quantidade certa de instigação ou pressão, transbordam facilmente, como uma enchente repentina depois de uma tempestade de verão.
- *Gritaria* e *blasfêmia* (ou *maledicência*). Acessos de raiva descontrolada; usar palavras para retaliar, humilhar e retratar outros de forma negativa, desejando que tenham má reputação.
- *Maldade*. Desejo intencional de causar dor, ataque premeditado ao ponto fraco do ofensor com base nos pensamentos e sentimentos amargurados em nosso coração.

Alguma dessas coisas encontrou abrigo em seu coração?

Cedo ou tarde, a amargura em nosso coração vem à tona em nossa maneira de falar e no tom de nossa voz. Veja, por exemplo, como “maldição” e “amargura” aparecem próximas uma da outra em Romanos 3.14: “… a sua boca está cheia de

maldição e amargura". Ambas são recortes do mesmo tecido horroroso.

Em Colossenses 3.19, Paulo faz um contraste entre amor e amargura e adverte seus leitores a não deixarem a amargura, ou a aspereza, contaminar o relacionamento conjugal. Ele instrui: "Maridos, cada um de vós ame sua mulher e não a trate com *aspereza*" ou "com amargura" (ARA).

Essas duas ideias, amargura e aspereza, são estreitamente ligadas até mesmo dentro do casamento. Vi a amargura corroer e sabotar mais de um casamento. Cônjuges outrora ternos e afetuosos um com o outro tornam-se arqui-inimigos, que lançam palavras ásperas e sarcásticas um contra o outro e pagam cada insulto com a mesma moeda.

Por que agimos desse modo? Por que permitimos que intrusos indesejados como amargura, ira, maldade, aspereza e maledicência se instalem dentro de nós e sejam como veneno guardado no armário da cozinha? Reflita comigo:

- A amargura entristece o Espírito de Deus.
- Essa atitude nos deixa duros e frios, tornando difícil para os outros a convivência conosco.

- Transforma-nos em pessoas negativas e críticas.
- Torna-nos resistentes ao plano e ao amor de Deus por nós.
- Cedo ou tarde, ela nos destrói, da mesma forma que ácido corrói seu recipiente.

Convite ao tormento

A essa altura, talvez você esteja pensando: “Mas você não entende minha situação; não é assim tão simples”.

Sim, sua situação talvez seja bem diferente das circunstâncias de outros que você conhece ou sobre os quais lerá neste livro. No entanto, a recusa em perdoar implica algumas consequências universais, por maior ou menor que seja a ofensa, por mais emaranhada ou complexa que seja a questão.

Na incômoda parábola sobre o servo inclemente em Mateus 18, que Jesus contou em resposta à pergunta de Pedro (“… até quantas vezes deverei perdoar meu irmão que pecar contra mim?…” [v. 21]), vemos o resultado terrível de guardar mágoa dos outros diante de quanto Deus nos perdoou.

Você conhece a história. Um rei descobriu que um de seus servos lhe devia “dez mil talentos”. Um talento equivalia a cerca de vinte anos de salário de um trabalhador comum, portanto dez mil talentos

correspondiam a *duzentos mil anos* de salário. Podemos fazer um cálculo simples: se um trabalhador recebe cerca de trinta mil reais por ano, dez mil talentos correspondem a cerca de *seis bilhões* de reais, uma dívida absolutamente impossível de pagar!

Para entender esse valor em seu contexto, naquela época a arrecadação anual de impostos do governo romano da província da Palestina era de cerca de novecentos talentos, muito menos que dez mil! Jesus escolheu essa soma astronômica de propósito, a fim de representar uma quantia inimaginável.

Sempre que guardo rancor, sou como o homem que agarrou seu devedor pelo pescoço e exigiu: "Paga o que me deves".

O rei ordenou que o homem fosse trazido a sua presença e que ele e sua família fossem vendidos como escravos a fim de recuperar pelo menos uma parte do dinheiro emprestado. O servo se ajoelhou diante do rei, suplicando que tivesse paciência com ele,

e garantiu (como se fosse possível) que lhe pagaria até o último centavo que devia. Embora o rei soubesse que o homem jamais conseguiria juntar tal soma gigantesca, teve compaixão dele. Cancelou a dívida e o soltou.

Mas a trama se complica. Quando o servo regressou a sua casa perdoado, encontrou um de seus conservos "que lhe devia cem denários; e agarrando-o, sufocava-o, dizendo: Paga o que me deves" (v. 28).

Talvez você tenha ouvido que "cem denários" correspondiam a apenas uns trocados. No entanto, um denário correspondia a um dia de serviço de um trabalhador comum, portanto cem denários equivaliam a cerca de três meses de salário.

Supondo, mais uma vez, que um trabalhador receba trinta mil reais por ano, esse homem devia mais de sete mil reais, o que não é pouca coisa para a maioria dos trabalhadores! Seria natural, portanto, nos identificarmos com a atitude do servo em relação a seu devedor, se não fosse pelo fato de que esse valor não era *nada* em comparação com a dívida enorme da qual ele acabara de
ser perdoado.

Quando leio sobre o que o servo perdoado fez com seu conservo, o sangue me sobe à cabeça. Sua insensibilidade e ingratidão são inacreditáveis. Logo em seguida, porém, percebo o Espírito Santo mansamente apontando o dedo para meu próprio coração e dizendo: “Por acaso você não faz o mesmo?”.

Sempre que guardo rancor, sou como o homem que agarrou seu devedor pelo pescoço e exigiu: “Paga o que me deves”.

Esse homem foi levado de volta à presença do rei que havia cancelado sua dívida impagável e foi entregue aos “carrascos” (v. 34) ou “carcereiros” (ESV), até que pagasse tudo o que devia.

“Carcereiros.” Não é um termo apropriado diante daquilo que vimos no capítulo anterior sobre como nosso rancor nos torna prisioneiros?

O homem que mandou colocar seu devedor na prisão foi, ele próprio, lançado no calabouço e sofreu os mesmos tormentos que havia infligido a seu devedor.

Se, por acaso, não entendemos a moral da história até aqui, Jesus a deixa bem clara no versículo 35: “Assim também vos fará meu Pai

celestial, se cada um de vós não perdoar de coração ao seu irmão".

Comecemos por esse ponto.

(1) *Quando nos recusamos a perdoar, nos colocamos numa situação em que seremos entregues aos "carrascos".*

Em certo sentido, Jesus estava se referindo ao tormento final e eterno. Aqueles que permanecem intransigentes em seu rancor não dão sinais críveis de que eles próprios foram perdoados; se é esse o caso, estarão sujeitos à ira e ao julgamento eternos de Deus.

No entanto, as palavras de Jesus têm outra aplicação: quem se recusa a perdoar aqueles que pecaram contra si pode ser entregue a "carrascos" ou "carcereiros" mais imediatos e temporais.

Quais são alguns desses carrascos? A meu ver, muitos dos distúrbios crônicos mentais, emocionais e físicos com as quais as pessoas lidam hoje em dia nascem da amargura e do rancor. Nem todos, é claro. Mas um conjunto cada vez maior de estudos começa a confirmar que a raiva e o ressentimento são responsáveis por vários problemas fisiológicos.

De acordo com uma reportagem da revista

Newsweek, essa é uma das linhas de pesquisa que atrai mais interesse na psicologia clínica atual. Emoções como amargura, raiva e hostilidade são associadas a aumento de pressão arterial, mudanças hormonais, deficiências do sistema imunológico e perda de memória. Nas palavras do diretor executivo de um grupo de pesquisa, "toda vez que sentimos rancor, temos maior probabilidade de desenvolver problemas de saúde".[2]

De acordo com um artigo da revista *Reader's Digest*, "na opinião do dr. John Sarno, professor de medicina de reabilitação na Escola de Medicina da Universidade de Nova York, quase todos os casos de dores nas costas têm origem em emoções reprimidas".[3] Suas observações ao longo de mais de trinta anos de trabalho com pacientes o convenceram de que a raiva e a ansiedade reprimidas se manifestam, mais cedo ou mais tarde, como espasmos musculares, disfunções nervosas e outras formas de dor e dormência.

É incrível como nosso semblante

Conforme outra reportagem da revista *Newsweek*, um estudo confirmou que pessoas

revela sinais inconfundíveis de amargura.

com resultados altos em testes de raiva, hostilidade ou depressão têm na corrente sanguínea um nível mais elevado (até o dobro!) de determinado tipo de proteína estreitamente ligado ao risco de doenças do coração.[4]

Aliás, é interessante que, na língua inglesa, as palavras *anger* (raiva) e *angina* (sintoma de dor sufocante no peito) têm a mesma raiz grega. Por sua vez, em português, os termos *angústia* e *angina* têm origem, via latim, na raiz grega que significa "constrição, estrangulamento, aperto".

Por favor, preste atenção no que estou dizendo. Não quero dar a entender, de maneira alguma, que toda dor ou todo desconforto físico é causado por amargura ou rancor. Creio, porém, que muitas vezes é o caso. Deus não criou nosso corpo para suportar o peso de conflitos não resolvidos e de amargura.

Essas emoções aparecem até mesmo em nosso rosto. É incrível como nosso semblante revela sinais inconfundíveis de amargura e rancor.

Olhamos para algumas pessoas hoje em dia e vemos as marcas deixadas ali por anos de ressentimento guardado, transformado em amargura.

Não é minha intenção levar pessoas que sofrem de doenças de origem fisiológica a se sentirem condenadas, nem insinuar que não devem buscar tratamento médico para suas questões de saúde. Espero que isso fique claro.

No entanto, Jesus associou a recusa em perdoar com o fato de que Deus nos entrega a carrascos que nos atormentam. Em casos de sintomas persistentes e inexplicáveis, creio que vale a pena pelo menos *perguntar* ao Senhor se ele está chamando minha atenção para algum rancor ou alguma amargura que talvez esteja causando problemas físicos, emocionais ou mentais desnecessários.

Conheço uma mulher que fez exatamente isso. No começo de um congresso no qual eu era palestrante, ela entregou um cartão pedindo oração por um problema nas costas. No final do congresso, ela enviou um bilhete no qual dizia:

Depois que decidi perdoar minha irmã e minha

mãe, notei que a dor nas costas passou. Sofro desse desconforto há vários meses (*carrascos?*). Creio que, quando tomei a iniciativa de perdoar, meu coração e meu corpo foram curados.

Quero deixar algo bem claro: ser uma pessoa que perdoa não lhe garantirá uma vida sem dor. É difícil não nos perguntarmos, porém, de quanta dor não poderíamos ser poupados e quanto dinheiro não poderíamos economizar com médicos e terapeutas se nos recusássemos a deixar a amargura criar raízes em nosso coração.

Quando não nos sentimos perdoados

Eis mais uma conclusão que podemos tirar dessa passagem:

(2) *Quando nos recusamos a perdoar, não temos como experimentar o amor e o perdão de Deus*.

Leia mais uma vez as palavras de Jesus no final da parábola sobre o servo inclemente em Mateus 18: “Assim também fará meu Pai celestial, se cada um de vós não perdoar de coração ao seu irmão” (v. 35).

A maioria de nós repetiu muitas vezes a súplica do Pai-Nosso: “Perdoa as nossas dívidas assim como nós perdoamos os nossos devedores”. A forma como esse pedido é expresso deve nos levar a refletir: “E se Deus me perdoasse apenas à medida que estou disposto a perdoar aqueles que pecaram contra *mim*?”. Trata-se de algo extremamente sério.

E é algo que não podemos varrer para debaixo

do tapete, pois, nos versículos logo depois do Pai-Nosso, em Mateus 6, Jesus diz: “Porque, se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará; se, porém, não perdoardes aos homens, tampouco vosso Pai perdoará vossas ofensas” (v. 14,15).

Palavras fortes. Elas nos desafiam a examinar nosso coração para identificar se, de fato, fomos perdoados. Como diz John Piper: “Se nos apegarmos com unhas e dentes a um espírito rancoroso, não seremos perdoados por Deus. Se seguirmos por esse caminho, não iremos para o céu, pois o céu é o lugar de habitação dos perdoados”.[5] A questão não é que o espírito disposto a perdoar nos leva a merecer o perdão de Deus, mas, sim, que pessoas perdoadas perdoam os outros, enquanto pessoas que se recusam persistentemente a perdoar os outros não têm base para afirmar que foram perdoadas por Deus.

Até mesmo pessoas perdoadas, contudo, têm dificuldade em perdoar. E a falta de perdão sempre afeta nosso relacionamento com Deus.

Conheci muitos cristãos que têm dificuldade em aceitar e experimentar o

amor e o perdão de Deus. Pode haver diversos motivos para isso. Creio, porém, que um dos maiores é a recusa em perdoar os outros. As palavras de Jesus sobre o rancor são tão rigorosas e diretas que nós, salvos pela graça, mas com um coração rancoroso, procuramos meios de nos esquivar do óbvio e tentamos nos convencer de que Jesus não tinha em mente algo tão severo. Sem dúvida, aquele que sabe como nossa dor é profunda não esperaria de nós perdão total! *Ou será que sim*?

Quando nos recusamos a perdoar, uma barreira se levanta em nosso relacionamento com o Pai.

Na realidade, não temos onde nos esconder. Em Mateus 5.7, Jesus diz: “Bem-aventurados os misericordiosos” e, supostamente, deixa implícito que quem *não* é misericordioso em relação a outros não deve esperar receber os benefícios dessa promessa.

Quando nos recusamos a perdoar, uma barreira se levanta em nosso relacionamento com o Pai. As Escrituras afirmam e nossas próprias experiências

confirmam que existe uma ligação clara entre nossa disposição de oferecer perdão a outros e nossa capacidade de experimentar o perdão divino por nossos pecados e nos apropriar dele.

Quem se apega à amargura, quem se recusa a perdoar, não deve ter a expectativa de desfrutar o doce e rico sabor da compaixão e da misericórdia de Deus.

Nos passos de Satanás

Desejo fazer mais uma observação importante acerca do rancor:

(3) *Quando nos recusamos a perdoar, colocamos Satanás em uma posição de vantagem em nossa vida*, tanto de modo individual como na comunhão com outros.

Quando o apóstolo Paulo procurou mostrar aos coríntios o que estava causando desunião entre eles, falou acerca da importância do perdão. Ao que parece, havia alguém em seu meio cujo pecado tinha vindo à tona. Essa pessoa tinha "causado tristeza" à comunidade (2Co 2.5), mas supostamente havia se arrependido e buscado restauração. Em vez de esse fato ser motivo de grande alegria, porém, o perdão de alguns estava vindo de modo lento, relutante, com reservas, tornando ainda mais difícil a esse indivíduo entrar na graça da misericórdia de seu Pai e começar a viver em liberdade.

Portanto, Paulo encorajou os coríntios a "perdoá-lo e consolá-lo" (v. 7), como o próprio apóstolo havia feito, "por vossa causa […] na presença de Cristo, *para que Satanás não leve vantagem sobre nós*, porque não ignoramos as suas artimanhas" (v. 10,11).

Satanás sempre vence quando deixamos de perdoar.

Quando nos recusamos a perdoar, ele tem oportunidade de levar vantagem sobre nós — de vencer as discussões em nossa mente, de conduzir nossos relacionamentos à maneira dele e de dessensibilizar nosso coração para a voz do Espírito.

Por isso as Escrituras nos exortam: "Quando sentirdes raiva, não pequeis; e não conserveis a vossa raiva até o pôr do sol; nem deis lugar ao Diabo" (Ef 4.26,27). Há ocasiões em que talvez tenhamos ira justa contra o pecado. Se, contudo, permitirmos que essa ira se transforme em amargura ou supure no coração, daremos a Satanás posição de vantagem para atuar em nossa vida.

Observei um exemplo claro dessa progressão na vida de uma moça que conheço. Quando "Corinne"

(nome fictício) era pequena, começou a guardar mágoa de várias pessoas, mesmo de membros da igreja que criticaram injustamente seu pai, o pastor da igreja, e sua mãe, uma mulher bem-intencionada, mas um tanto dominadora e, por vezes, severa e apressada em disciplinar outros.

Corinne permitiu que a mágoa se transformasse em raiva, que alimentou ressentimento e se transformou em intensa amargura e inquietação. Por fim, essa amargura toda veio à tona e transbordou, trazendo consequências desastrosas para Corinne, sua família e seus amigos. Satanás teve espaço para agir em sua vida, e essa "boa moça de família cristã" afundou em trevas espirituais outrora inimagináveis.

Quando fechamos a porta para o perdão, damos espaço para Satanás e colocamos em sua mão a arma de que ele precisa para levar vantagem sobre nós.

Coragem de aceitar a disciplina

No entanto, apesar dessas sérias advertências, muitas vezes ainda nos pegamos trilhando o caminho do rancor. E, se persistimos em seguir esse rumo, tornamo-nos algo que não pretendíamos nem desejávamos. Tornamo-nos pessoas amarguradas, estejamos dispostos a reconhecer esse fato ou não.

Como é o caso com qualquer outro pecado, quanto mais o praticamos, mais ele se sedimenta como padrão de comportamento. Quanto mais nos apegamos a nossas mágoas, à raiva e à amargura, mais nos tornamos escravos do rancor (cf. Rm 6.16). E, quanto mais tempo permanecemos nessa situação, mais difícil se torna romper as cadeias.

A amargura cresce dentro de nós quando não enxergamos as dificuldades e a dor em nossa vida do ponto de vista de Deus e quando há uma discrepância entre nossas *expectativas* em relação ao que a vida deveria ser e a *realidade* do que ela

de fato é.

A verdade é que a vida em um mundo decaído e pecaminoso não é fácil. Como o apóstolo Paulo lembra:

> Pois sabemos que toda a criação geme e agoniza até agora, como se sofresse dores de parto; e não somente ela, mas também nós, que temos os primeiros frutos do Espírito, também gememos em nosso íntimo, aguardando ansiosamente nossa adoção, a redenção do nosso corpo (Rm 8.22,23).

Hebreus 12 é um capítulo rico, que nos ajudar a ter a perspectiva correta a respeito das dificuldades que enfrentamos na vida cristã. Lembra-nos que Deus usa as experiências de nossa vida — até mesmo as difíceis, e talvez especialmente elas — para realizar algo específico dentro de nós: disciplinar-nos “para o nosso bem” (v. 10).

Sim, *para o nosso bem!*

Essa não é a maneira natural de pensar, assim como uma criança não espera ansiosamente ser disciplinada ou corrigida por seus pais! Como a

passagem declara, e como todos nós sabemos por experiência:

> Nenhuma disciplina parece no momento motivo de alegria, mas de tristeza. Depois, porém, produz um fruto pacífico de justiça nos que por ela têm sido exercitados (v. 11).

Deus não está minimizando o que aconteceu conosco. Se você foi ferido ou maltratado de algum modo, ele não está dizendo para você sacudir a poeira, dar a volta por cima, agir como gente grande e seguir com a vida.

Não, o ensino de Hebreus 12 deve ser fonte de ânimo porque Deus considera essas questões importantes o suficiente para exigir o cuidado e a atenção especiais dele. Deus deseja usar as experiências dolorosas para nosso treinamento e amadurecimento espiritual. Elas fazem parte de seu propósito e plano eternos para nos moldar e conformar à imagem de Jesus, a fim de que ele seja glorificado por meio de nossa vida.

Essa perspectiva nos oferece esperança, nos anima e nos dá forças para perseverar, cientes de

que há em vista um propósito e um objetivo que valem a pena. Permite-nos suportar a dor e aceitar o processo que Deus sabe ser necessário para nosso treinamento e crescimento. E é o caminho para inteireza, cura e bem-estar espirituais. É exatamente isso que o autor de Hebreus diz na sequência:

> Portanto, firmai as mãos cansadas e os joelhos vacilantes; endireitai os caminhos para os vossos pés, para que o manco não se desvie, mas, pelo contrário, seja curado (v. 12,13).

Você pode confiar em Deus, pois ele tem um propósito. Aliás, a disposição dele de se envolver com sua vida, mesmo como Pai disciplinador, é sinal claro de amor, e não de desaprovação. Quando recebida com um coração maleável e submisso, a disciplina de Deus renova em nós a certeza de que estamos nos relacionando com ele, de que pertencemos a ele.

Em vez de nos ressentirmos das pessoas que ele usa como instrumentos para nossa disciplina ou de reagirmos de forma pecaminosa aos problemas que

enfrentamos, recebemos o seguinte desafio:

> Procurai viver em paz com todos e em santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor (v. 14).

Em seguida, o autor nos lembra da provisão de Deus para que lidemos com as circunstâncias dolorosas da vida e fala daquilo que acontecerá se não aceitarmos essa provisão e não nos apropriarmos dela:

> Cuidado para que ninguém se abstenha da graça de Deus. Que nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe e muitos sejam contaminados por meio dela (v. 15).

Tenho convicção de que
o pecado sexual é quase sempre

Quando nos magoamos, por mais séria que seja a ofensa ou profunda a ferida, Deus tem graça disponível para nos ajudar a lidar com a ofensa e perdoar o

ligado a uma raiz de amargura, como o são muitos outros pecados e problemas.

ofensor. Nesse momento, temos de fazer uma escolha. Podemos reconhecer nossa necessidade e, com humildade, lançar mão da graça divina para perdoar e libertar o ofensor. Ou podemos resistir a Deus, deixar de receber sua graça e apegar-nos à dor.

Se escolhermos o segundo caminho, a amargura criará raiz no solo de nosso coração. E, com o tempo, essa raiz brotará e causará problemas para nós e para as pessoas ao nosso redor, que serão afetadas por nosso espírito rancoroso.

O versículo 16 trata desse conceito em mais detalhes ao ilustrar uma forma pela qual a amargura costuma se manifestar na vida das pessoas: "Ninguém seja *imoral* ou profano, como Esaú, que por uma simples refeição vendeu o seu direito de primogenitura".

Embora eu corra o risco de simplificar excessivamente a situação, depois de lidar durante anos com pessoas que "caíram" em vários tipos de

imoralidade, tenho convicção de que o pecado sexual é quase sempre ligado a uma raiz de amargura, como o são muitos outros pecados e problemas.

O espírito de uma menina é ferido por seu pai abusivo ou ausente e, em vez de recorrer à graça de Deus, ela se ressente do pai e procura amor na cama com o namorado. Um rapaz sofre abuso por parte de outro homem ou não recebe cuidado e afeto de seu pai. Não aceita a graça que Deus oferece, torna-se amargurado e busca relacionamentos ilícitos com outros homens para suprir as necessidades de seu coração. Um homem se sente desrespeitado por sua esposa (ou uma mulher se sente deixada de lado pelo marido). Em vez de buscar a graça de Deus, ele (ou ela) se torna vulnerável à sedução de uma (ou um) colega de trabalho ou fica vulnerável a algum outro pecado sexual.

Vendem seu direito de primogenitura espiritual pelo quê? Por escravidão, perversão, vergonha, gerações de vidas e lares despedaçados. Tenho visto essa dinâmica repetidamente.

Uma vez que as pessoas permitam que a raiz de

amargura brote, a vida delas — e quem sabe de quantas outras — torna-se problemática e corrompida.

Foi exatamente o que aconteceu com um conhecido meu que, junto com sua esposa, havia servido o Senhor e tido um longo e produtivo ministério. Com o tempo, contudo, “Dan” permitiu que, de forma quase despercebida, as sementes de orgulho espiritual e autoengano lançassem raízes em seu coração. Como ele próprio comentou pouco tempo atrás, ao se lembrar daquela época, “o que eu não sabia era que estava criando as condições favoráveis para amargura e mágoa”.

Como era de esperar, quando uma oportunidade de ministério não se concretizou da forma que ele desejava, Dan ficou decepcionado com Deus.

Ao deixar de se apropriar da graça de Deus para lidar com a decepção, ele abriu a porta para a amargura, primeiro contra o Senhor, depois contra sua esposa. Aos poucos, fechou o coração para ambos e, então, o Inimigo usou essa ocasião para bombardeá-lo com tentações sexuais.

Sua recusa em lançar mão da graça de Deus o transformou em um alvo fácil. Quando a tentação

se intensificou e ele sucumbiu, culpou Deus e se tornou ainda mais amargurado. De acordo com Dan, “as pessoas pareciam não me entender mais, e Deus parecia ter se calado. Em meu orgulho e autoengano, tornei-me profundamente amargurado e escancarei a porta para todo tipo de impureza”.

Foi só uma questão de tempo até a raiz de amargura se transformar em adultério consumado. “Não demorou para eu começar a jogar fora tudo o que sabia que era bom e correto.” Para ele, o errado se tornou certo, o mal se tornou bem, os valores se inverteram.

Agora que Dan finalmente está quebrantado, arrependido e no processo de restauração, depois de uma longa e difícil jornada por “um país distante”, ele olha para trás e diz: “Fico horrorizado de ver o que o *orgulho* espiritual e a *amargura* me levaram a fazer”.

Pode-se observar uma progressão semelhante na vida de Corinne, a jovem mencionada anteriormente neste capítulo. Em vez de receber a graça de Deus para lidar com as mágoas da infância por meio do perdão, ela permitiu que a raiz de amargura brotasse em sua vida. Ao fazê-lo, deu a

Satanás condições de levar vantagem sobre ela e lhe proporcionou o ponto de apoio que ele desejava.

Na infância e, mais adiante, como aluna em um instituto bíblico, foi atormentada por vozes e aparições demoníacas e atraída para práticas ocultistas e sexuais inomináveis. Ao longo do caminho, quase tirou a própria vida e deixou um rastro de devastação em outras vidas afetadas por seu comportamento autodestrutivo.

Como Corinne reconhece hoje, sua recusa em perdoar a levou a abrir mão da graça oferecida por Deus para tratar do sofrimento de sua infância, e essa escolha deu amplo espaço para o Inimigo trabalhar em sua vida.

Somente pela graça de Deus e pelos esforços de cristãos repletos de graça, essa jovem está se recuperando e começando a encontrar liberdade por meio do perdão.

Um motivo para não recusar

Uma “raiz de amargura” pode não parecer grande coisa. Aliás, em muitas circunstâncias, pode parecer algo perfeitamente compreensível e justificável. Garanto, porém, que não é irrelevante. Quando não é reconhecida nem tratada, seu veneno afeta e contamina você e outros, muito além do que se pode imaginar.

Quando você é difamado injustamente ou prejudicado pelas ações de outra pessoa — talvez alguém da família mais ampla, do trabalho ou da igreja —, a amargura pode parecer seu direito de primogenitura. Pode tornar-se sua área de segurança. Talvez você se sinta incapaz de qualquer outra reação. No entanto, é um *modus operandi* condenado ao fracasso.

A graça está presente porque Deus está presente.

Além de ser pecado, é insensatez.

A cura para a amargura consiste em confiarmos nas mãos e no coração de Deus e nos aproximarmos “com confiança do trono da graça, para que recebamos misericórdia e encontremos graça, a fim de sermos socorridos no momento oportuno” (Hb 4.16). Sim, a graça está presente porque *Deus* está presente.

Por meio dessa circunstância, por mais dolorosa ou difícil que seja, você tem o potencial e a oportunidade de ser transformado um pouco mais à semelhança de Cristo. Esse é o propósito supremo do Pai para sua vida, que você seja conforme “à imagem de seu Filho” (Rm 8.29). Até mesmo Jesus, pelo plano e propósito divinos do Pai, foi aperfeiçoado “por meio do sofrimento” (Hb 2.10), não apenas para obter salvação eterna para nós, mas também para saber como é ser tratado com aspereza, explorado e incompreendido — como você foi.

Se você deixar, a raiz de amargura infestará cada centímetro do solo de sua vida. Mas Deus o convida, Deus o *incentiva* com insistência a buscar e receber sua graça. Ao fazê-lo, seu coração será liberto das garras do rancor; você terá liberdade de

amar e servir a Deus e a outros. A raiz de amargura não o perturbará mais nem contaminará outros; antes, a graça divina fluirá por seu intermédio, abençoando tudo o que você tocar.

Aplicação pessoal

- Ao ler este capítulo, especialmente as declarações das páginas 43-4, o Senhor revelou alguma raiz de amargura ou de rancor em seu coração? Em caso afirmativo, como essa amargura se manifestou (p. ex., os pecados relacionados em Ef 4.31)?

- Há em sua vida alguma tensão ou pressão crônica (p. ex., física, emocional, mental, relacional, financeira) que talvez tenha origem em um espírito amargurado e rancoroso? Peça que o Senhor lhe mostre se existe uma ligação.

- Procure identificar se uma raiz de amargura (passada ou presente) resultou em uma ou mais destas consequências:
  - afetou sua capacidade de experimentar o amor e o perdão de Deus;
  - deu a Satanás um ponto de apoio em sua

vida;

- “contaminou” outros ao seu redor.

- Em que área de sua vida você precisa receber a graça de Deus para evitar que uma raiz de amargura brote em seu coração? Você está disposto a clamar a Deus por graça nessa área?

---

[1] Lawrence O. Richards, *New international encyclopedia of biblical words* (Grand Rapids: Zondervan, 1991), p. 127.

[2] Jordana Lewis; Jerry Adler, “Forgive and let live”, *Newsweek*, Sept. 27, 2004, p. 52.

[3] Claudia Kalb, “End your back pain”, *Reader’s Digest*, March 2005, p. 145.

[4] *Newsweek*, “The good heart”, Oct. 3, 2005, p. 49-55.

[5] “As we forgive our debtors”, mensagem pregada por John Piper em 20 de março de 1994 (www.desiringGod.org/library/sermons/94/032094.l

CAPÍTULO 3

A PROMESSA DO PERDÃO

O perdão deve ser como uma promissória
cancelada, rasgada ao meio
e queimada, para que jamais possa ser usada contra alguém.

HENRY WARD BEECHER

Meu conhecimento de computadores é bastante limitado. No entanto, sei muito bem para que serve a tecla DEL e sei que é possível apagar arquivos inteiros para sempre.

É isso mesmo. A tecla de deletar. (Imagino que você saiba do que estou falando.)

Gostaria que houvesse uma tecla de deletar na vida real. Gostaria que fosse simples assim fazer sumir para sempre sentimentos e lembranças que só atrapalham.

Em vários aspectos, o que acontece quando deletamos um arquivo do computador retrata de modo claro o que ocorre quando verdadeiramente perdoamos alguém pela ofensa que cometeu contra nós. Eliminamos a ofensa. Limpamos o registro. É como se o pecado jamais houvesse ocorrido. Não foi desse modo que Deus nos perdoou?

E não é desse modo que ele nos instrui a perdoar outros? "… assim como o Senhor vos perdoou, também perdoai" (Cl 3.13).

Como cristãos, sabemos que Deus perdoou "todos os nossos pecados; e, apagando a escrita de dívida, que nos era contrária e constava contra nós em seus mandamentos, removeu-a do nosso meio, cravando-a na cruz" (Cl 2.13,14).

Houve um tempo em que o "registro" estava ali, acusando-nos, desmascarando-nos, justificando a ira de Deus contra nós. Mas, como um arquivo que é removido definitivamente, nosso Deus santo e misericordioso apagou tudo. Ele não fez um *backup*

nem imprimiu uma cópia. Não transferiu para outra pasta nem guardou a cópia impressa em uma gaveta, para usar contra nós algum dia.

Tudo deletado. Para sempre. E tudo por causa da morte de Cristo na cruz em nosso lugar. Dívida cancelada.

É desse modo que Deus trata de nossas ofensas contra ele. E é desse modo que ele nos instrui a tratar dos pecados de outros contra nós.

Creio que a maioria de nós, ao lidar com os outros e com a dor que nos causaram, gostaria de chegar a esse ponto. Gostaríamos de ver a dor e a amargura sumirem e deixarem de nos incomodar de uma vez por todas.

Sabemos, porém, que pressionar uma tecla não fará todos os nossos sentimentos desaparecerem. Não consertará o estrago nem levará as coisas a serem como antes. Então, de que adianta tentar? Por que nos expor a possíveis decepções e talvez a recorrências que nos machucarão ainda mais? Por que nos dar o trabalho de oferecer perdão se ele não preencherá os vazios de nosso coração, pelo menos não no futuro próximo?

Por que Deus pede isso de nós?

Por causa de uma promessa.

Deixar para trás

Uma das melhores maneiras de definir o perdão é como *uma promessa*, a promessa de nunca mais cobrar da pessoa o pecado que ela cometeu. É não mencioná-lo para ela, nem para Deus, nem para mais ninguém. É a decisão intencional de apagar esse pecado, pressionar a tecla de deletar e começar do zero. Com a promessa do perdão, abrimos mão de nosso "direito" de castigar o ofensor ou de fazê-lo pagar, pois nada mais consta em seu registro.

Há casos em que uma mulher vem falar comigo e comenta: "Perdoei meu marido", ou: "Perdoei fulano ou sicrano", e depois começa a desenrolar uma longa lista de todas as mágoas que essa pessoa lhe causou. Embora seja louvável sua capacidade de reconhecer o que precisa fazer, suas próprias palavras mostram que não perdoou verdadeira e plenamente, pois o perdão é uma promessa.

É uma promessa que Deus fez para nós: "Como o Oriente se distancia do Ocidente, assim ele afasta

de nós nossas transgressões”
(Sl 103.12). O que fizemos a ele é real. O que *continuamos* a fazer contra ele é real. Mas, pelo sangue de seu Filho, que fez expiação por nós, Deus escolheu não se lembrar de nossas ofensas. Ele as deixou para trás.

É uma promessa que podemos levar conosco até a eternidade.

A questão do perdão é de fato a essência e o cerne do evangelho. Até mesmo nossas desculpas para *não* perdoar os outros nos levam de volta repetidamente à cruz, onde o perdão foi aplicado de modo perfeito, não a um grupo de pessoas que fizeram todo o necessário para se tornar perdoáveis, mas a nós, que não merecíamos nem sabíamos que precisávamos dele e talvez nem o desejássemos!

Mais que qualquer um, devemos entender a alegria do perdão, pois sabemos quanto é precioso sermos pura e perfeitamente perdoados.

Ademais, quando oferecemos a outros o perdão que Cristo nos ofereceu na cruz, refletimos a misericórdia e a graça de Deus para um mundo que precisa encarecidamente ser perdoado.

“Você é capaz de perdoar os alemães?”

Ernest (“Ernie”) Cassutto, judeu holandês, passou quase dois anos e meio fugindo e se escondendo antes de ser capturado pelos nazistas, mais uma triste vítima da loucura que varreu a Europa durante a Segunda Guerra Mundial. Ernie e sua noiva, Hetty, haviam aceitado Cristo como Salvador. Hetty também foi presa e, por fim, enviada para as câmaras de gás de Auschwitz.

Em seu livro comovente *The last Jew of Rotterdam* [O último judeu de Rotterdam],[1] Ernie conta que, em um dia interminável, ajoelhou-se no chão de sua cela enquanto lia a Bíblia. Deparou com a passagem em que os três jovens amigos de Daniel, Sadraque, Mesaque e Abednego, foram lançados na fornalha de fogo ardente, onde o Senhor foi ao encontro deles pessoalmente. Ernie relata: “De repente, o ‘quarto homem’ também estava comigo. Ninguém, nem mesmo os nazistas, puderam impedi-lo de entrar. Jesus foi ao meu

encontro em minha cela na prisão e me fez uma pergunta: ‘Ernie, você é capaz de perdoar os alemães? É capaz de orar por eles e amá-los?’”.

Os ombros de Ernie ficaram tensos. “Perdoá-los? Amá-los? Como, Jesus? Eles me prenderam. Mataram Hetty. Perdoá-los? É demais para mim, Senhor”.

No entanto, no doloroso silêncio que ecoava das paredes da prisão, fragmentos de lembranças começaram a lhe vir à mente. Ele viu a página do diário de Hetty em que ela havia anotado as palavras de Mateus 5.44: “… Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem”. Pensou em Jesus, humilhado, torturado e coberto de sangue por causa do ódio humano, o mesmo Jesus que, na cruz, perdoou seus assassinos, o mesmo Jesus que, naquele momento, lhe pedia que perdoasse outra ofensa inominável.

“Não consigo, Senhor.” O que mais podia dizer? Quão impossível é o perdão dessa magnitude! “Mas, se o Senhor me ajudar, eu tentarei. Por favor, ajude-me.”

Uma a uma, as cadeias de ódio, raiva e amargura começaram a se abrir no coração de

Ernie. Ele podia levantar os olhos. Podia quase sentir em seu corpo uma nova liberdade de movimento, o alívio de não precisar carregar um fardo pesado. Embora continuasse na prisão, estava livre.

Anos depois, Ernie relatou: “Mais um hebreu estava sendo liberto da fornalha de fogo ardente”.

Certo dia, depois da guerra e de Ernie ser solto, ele recebeu um telefonema da esposa do comandante encarregado da prisão em que estivera detido. O comandante estava doente, morrendo de uma doença contagiosa, e ele e sua esposa queriam que Ernie fosse visitá-lo.

Sim? Não?

Só podemos imaginar a distância imensa entre essas duas respostas e quanto o coração de Ernie estava propenso a dizer não. Ele já havia perdoado, já havia aberto mão de seu ódio. Deveria ser suficiente. Ver novamente aqueles olhos perversos, correr o risco de ser infectado pela doença daquele homem e voltar a encarar a morte. Sim?

Enquanto Ernie se debatia com a dúvida, seu pai o exortou: “Jesus disse que devemos perdoar nossos inimigos. Vá visitar o comandante”.

E Ernie foi.

Diante dele estava o homem que havia sido seu algoz cruel, agora fraco e respirando com dificuldade. Ernie tentou falar, mas as palavras fugiram. Naquele instante, “uma voz interior me convidou: ‘Beije-o’”.

“Não acreditei no que tinha ouvido. Beijá-lo?”

Mas a voz não se calou. “Beije-o. Eu protegerei você.”

Ernie se recorda: “Timidamente, me curvei para a frente e beijei sua testa. Ele caiu em pranto. Enquanto chorava, pediu perdão várias vezes pelo mal que me havia feito.

“Entendi que ele não precisava apenas de *meu* perdão; precisava da misericórdia de Deus. Falei-lhe de Jesus, de como o Messias judeu havia morrido para fazer expiação pelos pecados do mundo.”

E ali mesmo, naquele momento, Ernest Cassutto levou a Cristo o homem que havia sido seu carcereiro.

Enquanto voltava para casa, Ernie refletiu novamente sobre as palavras de Mateus 5.44. “O Senhor havia me ensinado mais uma lição sobre

como amar meu inimigo […] e, dessa vez, havia ensinado meu inimigo a me amar.”

Você sabe tão bem quanto eu que é impossível simular ou criar uma experiência dessas. Para um sobrevivente do holocausto, para você e para mim, o perdão é, de fato, sobrenatural. Não somos capazes de produzi-lo com nossas próprias forças. É como Corrie tem Boom, que enfrentou um desafio parecido nessa mesma época, relata em seu livro *O refúgio secreto*: “A cura do mundo não depende de nosso perdão nem de nossa bondade, mas do perdão e da bondade de Deus”.

Portanto, embora o perdão certamente tenha um alto preço, não está fora do alcance daqueles nos quais a vida de Cristo flui. Quando Deus ordena que amemos nossos inimigos, também nos dá o amor necessário.

Sim, você é capaz de perdoar… pois *ele* é capaz de perdoar.

É uma promessa.

Eu não… isso não

Há alguma situação em que o perdão lhe parece impossível? Talvez você esteja pensando: “Não tenho como perdoar aquela pessoa pelo que ela fez. É extremamente doloroso tocar nesse assunto. Perdi as contas de quantas vezes ela fez a mesma coisa. Feriu demais”.

Nem sequer penso em negar que “feriu demais”. Se você me contasse sua história ou a compartilhasse com um amigo chegado, isso transpareceria em seu olhar. Ficaria evidente em sua voz. Sabemos que esse pecado o atingiu em um lugar profundo e sensível.

Mas você precisa se perguntar, como todos nós precisamos nos perguntar: “Minha capacidade ou disposição de perdoar se baseia na dimensão da ofensa?”. Em outras palavras, há um limiar de dor além do qual estamos isentos da obrigação de perdoar ou além do qual talvez seja *impossível* perdoar?

As Escrituras lembram que Deus lançou "*todos* os nossos pecados nas profundezas do mar" (Mq 7.19). Não alguns. Todos.

Esses pecados abrangem o desdém, a zombaria e os insultos daqueles que o desprezaram (cf. Sl 22.6,7), que rejeitaram tudo em seu caráter, sua pessoa e sua razão de viver (cf. Is 53.3). Uma coisa é alguém não gostar de nós; outra bem diferente é ser *desprezado* — odiado, cuspido, ridicularizado, humilhado, traído e levado à morte. Acrescente a isso nossos pecados, aqueles que conhecemos tão bem e que contribuíram para a culpa que Jesus tomou sobre si na cruz.

No entanto, esse mesmo Deus "que apaga suas transgressões […] e que não se lembra mais de seus pecados" (Is 43.25, NVI), por causa do "imenso amor com que nos amou", apesar de ter nos encontrado "mortos em nossos pecados", também "deu-nos vida juntamente com Cristo" (Ef 2.4,5).

Talvez você não sinta "imenso amor" pela pessoa que quase destruiu sua vida, ou desprezou seus votos conjugais, ou abusou de você na infância, ou o enganou e levou seu dinheiro.

Ninguém espera que você sinta amor por ela.

Mas a força e a beleza da vida cristã transformada consistem no fato de que "é Deus quem produz em vós tanto *o querer* como *o realizar*, segundo a sua boa vontade" (Fp 2.13).

Quando se trata de perdoar, Jesus não nos daria uma ordem sem nos dar a capacidade de cumpri-la.

Você jamais perdoará atos e atitudes cruéis em razão da profundidade de *seu* amor. Jamais terá poder para relevar as mentiras perversas e as justificativas absurdas daqueles que o levaram a desconfiar de todos. *Somente* o amor de Cristo transplantado para seu coração piedoso pode substituir sua fraqueza pela força
de Cristo.

E, visto que ele nos perdoou e que sua vida transbordante agora habita em nós, *que ofensa é grande demais para a perdoarmos?*

Nas palavras de C. S. Lewis, "ser cristão significa perdoar o que é injustificável, pois Deus perdoou aquilo que é injustificável em nós".

Quando se trata de perdoar, Jesus não nos daria uma ordem sem nos dar a capacidade de cumpri-la. Também não nos daria uma ordem que ele mesmo não tivesse cumprido.

Obrigando-os a pagar

Outro pensamento que nos ocorre quando estamos lidando com o rancor é: “Se eu os perdoar, eles escaparão impunes!”.

Por vezes, imaginamos que, se perdoarmos alguém, não será feita justiça. A pessoa não receberá o castigo merecido. Se não a obrigarmos a arcar com as consequências, será como lhe dar permissão para nos prejudicar novamente.

Do ponto de vista humano, esse é um raciocínio lógico. No entanto, nossa mente precisa ser renovada para pensar como Deus pensa. De acordo com a Palavra de Deus, os malfeitores receberão o que merecem. Mas não cabe a *nós* aplicar o castigo:

> Amados, não vos vingueis a vós mesmos, mas dai lugar à ira de Deus, pois está escrito: A vingança é minha; eu retribuirei, diz o Senhor (Rm 12.19).

Quando tentamos fazer alguém pagar por seus atos, assumimos um papel que cabe somente a Deus. É nossa maneira de manter as chaves da prisão em nossas mãos, de querer controlar a aplicação da justiça.

É a velha e desagradável tarefa de cobrar dívidas.

Leia novamente as palavras de Romanos 12.19: "… não vos vingueis a vós mesmos, mas dai lugar à ira de Deus […] A vingança é minha, eu retribuirei, diz o Senhor". Paulo está dizendo: Se *você* deixar que o ofensor escape impune, não significa que *Deus* fará o mesmo. Por meio do perdão, transferimos o acusado de nossa guarda para a guarda de Deus, o justo Juiz, o único verdadeiramente capaz e responsável por fazer justiça.

Desse modo, o que parece ser o cúmulo da injustiça, sinônimo de deixar nosso ofensor safar-se, na verdade é, para nós, um passo rumo à liberdade.

A história de José na última parte de Gênesis é uma das ilustrações bíblicas mais tocantes dessa verdade. Repetidamente prejudicado ao longo da

vida — mal interpretado, tratado de forma injusta e falsamente acusado na adolescência e na vida adulta —, José alcançou uma posição em que poderia ter concretizado a plena vingança de seus irmãos, aqueles que haviam começado tudo. Tinha o direito, a autoridade e os meios para lhes dar o castigo merecido. Aliás, eles tremeram a seus pés, esperando que ele fizesse exatamente isso. Era o fim da linha.

Ouça, porém, o que José disse a seus irmãos aflitos: "… Não temais. *Por acaso estou no lugar de Deus?*" (Gn 50.19).

Palavras sábias e humildes! "Por acaso estou no lugar de Deus? Cabe a mim fazê-los pagar por seus atos? Quero mesmo esse peso adicional depois de tudo o que passei? Não é tolice imaginar que a vingança é doce, como dizem, doce o suficiente para compensar todos esses anos de sofrimento?"

Quero aproveitar para esclarecer alguns pontos importantes: quando a Bíblia ensina que devemos perdoar aqueles que pecaram contra nós, deixar que escapem impunes, ela não minimiza a seriedade de seu pecado nem dá a entender que seus atos foram *corretos*. Também não indica que devemos

deliberadamente permitir que a pessoa continue a pecar, nem que devemos eximi-la das consequências de suas ofensas.

Pense, por exemplo, em situações abusivas, em crimes ou em comportamentos antiéticos no trabalho. Não é errado (e talvez seja necessário) denunciar alguém, entregar o ofensor às autoridades que o responsabilizarão por seus atos ou ajudá-lo a encarar a realidade daquilo que fez.

Se, contudo, sua atitude ao tomar essas providências for de amargura e desforra, se você se mostrar vingativo e obcecado em fazer o ofensor pagar e se desejar vê-lo cair, é sinal de que ainda está segurando as chaves da prisão. Mesmo que consiga levá-lo a receber o castigo merecido, não experimentará a liberdade oferecida por Deus. Na verdade, continuará a ser prisioneiro de seu ofensor.

É fato que, de vez em quando, temos de lidar com pessoas insensatas. Lembro-me, por exemplo, da história de Abigail e Nabal no Antigo Testamento (aliás, o nome “Nabal” significa “insensato”). Davi, que ainda não era rei, tinha enviado mensageiros a Nabal e pedido uma

remuneração justa por haver protegido os rebanhos dele. Nabal, porém, expulsou os mensageiros de Davi de sua propriedade com insultos.

Ao saber disso, Davi se enfureceu. Ordenou que seus homens pegassem suas espadas e se preparassem para a vingança. Quando Abigail tomou conhecimento do que estava acontecendo, saiu às pressas para defender seu marido tolo e cuidar dos interesses dele, embora ele provavelmente merecesse o castigo que Davi planejava aplicar.

Quando lemos o relato completo em 1Samuel 25, vemos que Abigail não encobriu os atos de Nabal nem inventou justificativas ao falar com Davi. Não defendeu o comportamento insensato de seu marido. Também não tentou humilhá-lo nem procurou convencer Davi a tomar partido dela. Não negou que Nabal fosse tolo, mas agiu em favor dele, buscando a bênção e a proteção que ele teria buscado caso não fosse descontrolado e insensato.

Por favor, entenda: não estou dizendo que devemos a todo custo proteger os outros das consequências de suas ações ou suportar suas injúrias sem fazer coisa alguma.[2]

Estou dizendo, sim, que não cabe a nós apressar seu julgamento diante de Deus. Ele tratará com os "Nabais" em nossa vida. Aliás, ele tratou com *esse* Nabal. Quando Abigail voltou para seu marido, achou-o embriagado e só no dia seguinte lhe contou o que havia feito. Ele entrou em choque e, passados dez dias, faleceu.

Essa mulher sábia e perspicaz pôde seguir com a vida sem arrependimentos, certa de que não havia causado a destruição do marido. Sua convivência com um homem insensato não a levou a agir com insensatez.

Provérbios 11.21 diz: "Com certeza o homem mau não ficará impune, mas a descendência dos justos será livre". Precisamos buscar a sabedoria de Deus (e, talvez, o conselho de um pastor ou de um cristão maduro) ao lidar com os "Nabais" em nosso cotidiano. Devemos lembrar, porém, que eles terão de prestar contas a Deus. Ele dará o que merecem.

O amor de Deus e o amor de Lorna

Vários anos atrás, conheci uma mulher muito querida chamada Lorna Wilkinson, cujo marido — de modo não muito diferente de Nabal — havia provocado um bocado de discórdia e desconfiança em seu casamento. Ele era alcoólatra e, com o passar dos anos, seu problema piorou e causou as dificuldades que geralmente acompanham vícios desse tipo: pressão financeira, irresponsabilidade e a insegurança de não poder contar com ele, nunca sabendo se ele de fato estaria onde disse que estaria.

A situação se arrastou por vinte longos anos, sempre com a esperança de que as coisas iriam melhorar e de que ele iria mudar. Por fim, Lorna não aguentou mais. Concluiu que o divórcio era a única saída, a melhor maneira de salvar o que restava de sua vida.

Tomou as devidas providências, entrou com a documentação necessária, pediu que ele saísse de

casa e se preparou para seguir em frente.

Na época, ela ainda não era cristã. Providencialmente, porém, nesse momento crítico de sua vida ela ligou o rádio e, “por acaso”, sintonizou no programa *Revive our Hearts* [Reavive nosso Coração], quando eu falava a respeito de perdão. Ela foi tocada quando ouviu a mensagem do perdão extraordinário que Deus oferece por meio de Cristo, de como ele trata de nosso pecado ao nos libertar completamente e, com isso, nos capacita para que ofereçamos a outros o mesmo tipo de perdão.

Dia após dia, essa mulher necessitada continuou a ouvir os programas de rádio, e seu coração bebeu da verdade da Palavra de Deus. Em pouco tempo, seus olhos se abriram e ela se converteu a Cristo.

Seu divórcio, porém, continuava em andamento, até que um dia o telefone tocou. Era seu marido, dizendo que estava doente.

“Na época, ainda sentia certa frustração e raiva”, ela reconhece. “Eu disse: ‘Por que você está ligando pra mim? Chame o serviço de emergência’.”

Foi o que ele fez. E escapou por um fio. Estava

tendo um infarto.

Os parentes dele começaram a se reunir no hospital, sem saber se ele sobreviveria. Lorna relata que uma parte dela queria estar lá, perto dele, enquanto outra parte não queria saber de vê-lo. Em algum lugar, no mais recôndito de seu coração, porém, o Senhor começou a dizer: “Vá e sussurre no ouvido de seu marido que ele não precisa se preocupar com um lugar para morar. Diga-lhe que ele pode voltar para casa”.

Naquele dia, em meio a um emaranhado de fios, tubos e outros equipamentos hospitalares, Lorna deu a seu marido a dádiva mais restauradora de todas: a dádiva do perdão.

Pela graça de Deus, ele se recuperou e voltou para casa. Era outro homem. Miraculosamente, não tinha mais a compulsão de fumar e beber. Conseguiu um emprego em período integral e começou a trabalhar com dedicação a fim de prover o sustento de sua família. Havia novo amor em seu lar, desejo de orar e adorar e um foco em prioridades duradouras. Havia flores, cartões, jantares à luz de velas. Tudo.

No início do processo de restauração, houve

dias em que os sentimentos do passado voltaram ao coração de Lorna. “Senhor, não consigo”, ela clamava em oração. “Não consigo amar meu marido como o Senhor gostaria que eu fizesse. Mas estou lhe pedindo, Senhor, que me dê *seu* amor, que ele flua por meu intermédio para esse homem.”

Aos poucos, o amor de Deus começou a dissipar as lembranças terríveis. Lorna passou a vivenciar, uma a uma, as definições do amor em 1Coríntios 13: “O amor é paciente; […] é benigno. […] não busca os próprios interesses, […] congratula-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta”.

À medida que o amor de Deus começou a encher o lar de Lorna e seu marido, eles passaram a experimentar o tipo de casamento com o qual ela sempre havia sonhado, mas do qual havia desistido. Certo dia, quatro meses depois da reconciliação, o marido a acordou de manhã bem cedo e disse: “Eu sei que um homem deve amar sua esposa como Deus nos ama. Quero lhe dizer que, neste momento, eu a amo dessa forma”.

Essas foram as últimas palavras que ela ouviu dele. Poucas horas depois, um segundo infarto

fulminante o levou para junto do Senhor.

> *Mesmo quando não conseguimos enxergar os resultados do perdão, podemos ter a certeza de que fizemos aquilo que Deus pede de nós.*

Imagine onde Lorna e seus filhos talvez estivessem hoje se ela houvesse escolhido o caminho lógico, natural, vingativo, o caminho amargo do rancor. Imagine como sua vida teria se despedaçado com arrependimentos sem fim.

Alguns anos depois da morte do marido de Lorna, eu estava sentada com ela no estúdio, lágrimas escorrendo em meu rosto enquanto ela compartilhava sua história em uma entrevista na rádio.

“Não desista de seu casamento”, ela disse aos ouvintes. “Não desista de seu cônjuge. Apresente-o a Deus em oração e lembre-se sempre de que ele fará por você aquilo que você não é capaz de fazer com suas próprias forças.”

A tecla de deletar

Perdi as contas de quantas pessoas escreveram ou comentaram comigo que, pela graça de Deus, escolheram, como Lorna, pressionar a tecla de deletar — perdoar e limpar o registro.

Essa decisão resolveu automaticamente todos os problemas delas? Não. Mudou as circunstâncias em que viviam? Nem sempre. Não de imediato.

Sem dúvida, nem todo casamento é restaurado da mesma forma que o de Lorna, nem mesmo pelo perdão. No entanto, ainda quando não conseguimos enxergar os resultados do perdão, mesmo que a situação não se resolva inteiramente ou não apresente melhora alguma, podemos ter a certeza de que fizemos aquilo que Deus pediu de nós. Podemos *continuar* a perdoar à medida que o amor e a graça de Deus fluem por meio de nós. E podemos andar em paz — na paz de Deus.

Como Paulo escreveu em Filipenses 4.7, a paz de Deus "guardará" seu coração, isto é, seus

sentimentos, suas emoções. Ela também “guardará” sua mente, isto é, seus pensamentos, suas decisões. Isso porque a paz de Deus opera com poder em sua vida “em Cristo Jesus”, que sabe o significado e o custo de perdoar tudo.

Essa é a promessa de Deus para você.

Aplicação pessoal

- Há algum “Nabal” em sua vida que você precise entregar a Deus? Que atitudes você pode adotar a fim de demonstrar perdão, coragem, sabedoria e fé?

- Que medos, sentimentos ou restrições talvez o impeçam de perdoar alguém que pecou contra você? O que a Palavra de Deus diz acerca dessas questões?

- “Uma das melhores maneiras de definir o perdão é como *uma promessa*, a promessa de nunca mais cobrar da pessoa o pecado que ela cometeu. É não mencioná-lo para ela, nem para Deus, nem para mais ninguém.” Com base nessa definição, existe alguém a quem você ainda precise perdoar? Você está disposto a pressionar a tecla de deletar e abrir mão da ofensa?

[1] Ernest Cassutto, *The last Jew of Rotterdam*, Pomegranate Productions, 2001, p, 124–5, 161–3.

[2] Deus ordenou que as autoridades, tanto civis quanto eclesiásticas, castiguem os malfeitores e protejam os justos. É possível ter perdão em seu coração para com um cônjuge, filho, filha, patrão e, ao mesmo tempo, informar seu comportamento ilegal às autoridades que Deus designou para tratar dessas ofensas ou recorrer à liderança espiritual de sua igreja para confrontar a pessoa impenitente.

CAPÍTULO 4

PERDOAR POR JESUS

Digo, para a glória de Deus e com a mais absoluta humildade,
que, quando me vejo diante de Deus e me dou conta de ao menos uma
parcela daquilo que meu bendito Senhor fez por mim,
estou pronto a perdoar qualquer coisa a qualquer um.

D. MARTYN LLOYD-JONES

Durante muitos anos, participei de uma equipe que realiza encontros de reavivamento em igrejas em todo o território dos Estados Unidos.[1] Lembro-me de uma igreja específica em que o

Espírito de Deus operou de maneira extraordinária e levou muitos dos membros ao quebrantamento e arrependimento. Ao longo daquelas semanas, um médico foi profundamente convencido de seu pecado e, por fim, confessou a sua esposa seu segredo mais bem guardado e mais devastador: um relacionamento adúltero com uma enfermeira de seu consultório.

Talvez você tenha passado ou *esteja passando* pelo mesmo sofrimento que essa esposa. O choque, a traição, a vergonha e o egoísmo da situação ainda lhe causam dor visceral.

Suponho que nenhum de nós saiba, de fato, como reagiria inicialmente a esse tipo de revelação. É claro que o choque foi imenso e a angústia, indescritível. De algum modo, porém, enquanto se esforçava para processar a revelação de infidelidade do marido, ela se viu inexplicavelmente tomada pela consciência de que *devia* perdoá-lo. Não se tratava de uma fantasia de abnegação; antes, como ela própria relatou, seu pensamento foi: “Como poderia *não* perdoá-lo, se Deus me perdoou tão completamente?”.

Em um gesto inacreditável, impelida pela graça

de Deus, mais tarde ela escreveu um bilhete para “a outra mulher”, afirmando que a havia perdoado. No dia seguinte, a mulher apareceu à sua porta e disse entre lágrimas: “Por causa de seu perdão, eu encontrei
o Senhor”.

Como uma coisa dessas acontece na vida real? E com pessoas reais, que têm sentimentos reais?

Talvez a pergunta mais apropriada não seja “como?”, mas, sim, “por quê?”.

A resposta não é uma atitude superficial e sentimental que supomos ser capazes de adotar em relação àqueles que nos magoaram. Não é dar de ombros com um sorriso, como se a ofensa não houvesse acontecido.

Em seu livro clássico de textos devocionais *My utmost for his highest*, Oswald Chambers lembra que o cerne da questão do perdão é a cruz de Cristo. Nenhum perdão é possível sem a cruz, e a cruz não é um tema irrelevante.

> É bobagem superficial dizer que Deus nos perdoa porque ele é amor […] O amor de Deus significa nada menos que o Calvário; o amor de

> Deus é expresso na Cruz, e em nenhum outro lugar.
> A única base para o perdão de Deus é a Cruz de meu Senhor.[2]

Temos a tendência de nos esquecer disso. Tiramos de algum lugar a ideia de que Deus nos perdoou puramente por bondade, só porque ele quis. De certo modo, esperamos perdão de um Deus que não se importa de fazer um esforço para ser extraordinariamente gentil conosco.

Faz uma diferença enorme, porém, entendermos em que bases nosso perdão foi obtido. A fim de perdoarmos os outros da mesma forma que Deus nos perdoou, precisamos entender como ele nos perdoou.

O Calvário demandou uma agonia que não temos condições de compreender plenamente. Na cruz, Jesus tomou sobre si nosso pecado, suportando as consequências devastadoras do rompimento da comunhão com o Pai que ele adorava e do qual jamais havia estado separado. É impossível apreendermos inteiramente o significado disso.

Na melhor das hipóteses, podemos apenas imaginar o que o Pai e o Filho suportaram quando o preço de nosso pecado interrompeu sua comunhão eterna, algo que nunca havia acontecido.

Mas, como Chambers escreve, essa "tragédia tremenda" foi o que conquistou o perdão para nós. "Fundamentar o perdão em qualquer outra coisa é blasfêmia inconsciente."[3]

Palavras fortes. Igualmente forte é a declaração do apóstolo Paulo: "Nele temos a redenção, o perdão dos nossos pecados *pelo seu sangue*, […] pois ele é a nossa paz. De ambos os povos fez um só e, derrubando a parede de separação, *em seu corpo* desfez a inimizade" (Ef 1.7; 2.14).

O perdão não deve ser algo fácil e gratuito. É difícil. Custoso. Doloroso.

No entanto, esse é o único modo pelo qual pode ser real — assim como é real o perdão que recebemos de Deus —, real o suficiente para verdadeiramente nos transformar.

Como é possível?

É provável que você tenha ouvido que nada acontece na vida do cristão sem antes passar por Deus e ser filtrado por sua vontade e seu amor eterno por nós. Sem dúvida, vemos essa realidade claramente na história de Jó, quando Deus permitiu que Satanás provocasse uma medida determinada de dor na vida de Jó.

Isso significa que Deus poderia ter impedido a crise que você enfrentou, aquilo que aconteceu em sua vida e produziu rancor em seu coração. Mas ele não o fez.

Se você é filho de Deus,
o sofrimento pelo qual
está passando será usado para

Reconheço que esse é um dos ensinamentos mais difíceis das Escrituras. Não temos ideia dos elementos complexos que permitem a um Deus santo interagir com um mundo pecador a

conduzi-lo a um lugar mais profundo no coração do Pai.

fim de cumprir seus propósitos eternos. No entanto, um versículo que conhecemos bem e repetimos com frequência revela a esperança contida nessa verdade, esperança suficiente para nos dar bons motivos para perseverar além daquilo que compreendemos: “Sabemos que Deus faz com que todas as coisas concorram para o bem daqueles que o amam, dos que são chamados segundo o seu propósito” (Rm 8.28).

Mas como isso é possível? Como saber ao certo que é verdade? Como um mal tão grande pode ser redimido e resultar em algo de valor?

A resposta se encontra, pelo menos em parte, no fato de que “os que conheceu por antecipação, também os predestinou para serem *conformes à imagem de seu Filho*” (v. 29).

Se você é filho de Deus, o sofrimento pelo qual está passando, por mais errado, injusto ou cruel que seja ou tenha sino, será usado pela providência e pelas mãos habilidosas de Deus para conduzi-lo a um lugar bom — a um lugar mais profundo no

coração do Pai. Produzirá maior dependência e confiança, a fim de refiná-lo mais perfeitamente à imagem de Cristo.

Reflita outra vez sobre a cruz e suas implicações para aqueles que sofrem (todos nós, em maior ou menor grau) as consequências terríveis de viver em um mundo decaído. Eis aqui, sem dúvida, a injustiça mais hedionda do universo, segundo a qual, de acordo com as palavras piedosas dos primeiros cristãos, homens perversos "se aliaram contra o teu santo Servo Jesus […] para fazer tudo o que a tua mão e a tua vontade predeterminaram que se fizesse" (At 4.27,28).

Quem seria capaz de planejar o Calvário? Quem seria capaz de ver uma coisa boa resultante de tamanha atrocidade?

Somente o Deus que podia ver a ressurreição adiante.

Esse é o mesmo Deus que mediu a amplitude de sua dor e da injustiça que você sofreu. Ele monitora de perto a profundidade, a extensão e a altura de cada tribulação pela qual seus filhos passam, e não permitirá uma só circunstância que frustre ou desvie o plano eterno e amoroso dele para sua vida.

Se até mesmo o flagelo da cruz não foi capaz de impedi-lo de completar o plano que ele tinha para seu Filho, como poderia alguma dificuldade passada ou presente de sua vida, por pior que seja, exceder, *mesmo por um átimo*, o desejo ou a capacidade dele de completar o que planejou para você?

Ele usará até mesmo isso, meu querido, minha querida, para realizar sua obra redentora e santificadora em sua vida e por meio dela.

Três facetas do perdão

Talvez a ofensa que mais tenha afetado sua vida, aquela que vem primeiro à mente quando você pensa na necessidade de perdoar, seja uma ferida do passado distante, uma experiência da infância ou da adolescência.

Ou talvez seja o conflito em andamento entre você e seu cônjuge, ou um de seus filhos adultos, ou um parente, ou um colega de trabalho, ou alguma outra pessoa de seu convívio. Talvez a situação se arraste há tanto tempo e tenha se tornado tão complicada que você esteja praticamente de relações cortadas com essa pessoa. Só de pensar nela, você sente raiva, tristeza e uma gama de outras emoções negativas.

Você a evita. Faz todo o possível para ignorá-la. A última coisa que deseja fazer é pegar o telefone e ligar para ela. Você procura nem pensar no assunto.

O apóstolo Paulo, em sua epístola bíblica mais

curta, apresenta uma situação com implicações passadas e presentes em que alguém foi prejudicado, a confiança foi traída e as ações de alguém causaram um problema que não se resolveria sozinho.

É a história real de Filemom, homem aparentemente rico e influente que se convertera a Cristo em algum momento durante o ministério de Paulo. Com o tempo, os frutos da fé cristã de Filemom tinham se tornado evidentes em sua vida. Paulo o elogia por ser um homem cheio de amor, que havia recebido em sua casa a igreja de Colossos, sua cidade natal. Em todos os aspectos, Filemom era um homem dedicado a Deus.

No entanto, Onésimo, um de seus escravos, havia fugido, levando consigo não apenas suas habilidades e sua força de trabalho, mas também, ao que parece, uma quantidade não especificada de bens pertencentes a seu senhor. Onésimo fugiu para Roma, a quase dois mil quilômetros de Colossos, provavel-
mente com a intenção de sumir no meio da multidão e de juntar-se aos milhares de outros fugitivos que haviam corrido

esse mesmo risco.

Contudo, na providência supremamente sábia de Deus, Onésimo havia conhecido Paulo, que, nessa época, estava em prisão domiciliar em Roma enquanto aguardava julgamento. Ao conversarem, o evangelho tocou o antigo escravo, que se rendeu a Jesus Cristo. Onésimo deixou de ser um fugitivo sem eira nem beira e se tornou amigo e ajudante do grande apóstolo.

Paulo sabia, porém, que Onésimo não podia se esquivar para sempre da responsabilidade daquilo que havia feito a Filemom. Precisava voltar, pedir perdão e buscar reconciliação. A fim de evitar que Onésimo fosse apreendido por algum caçador de escravos e não fosse mal interpretado quando chegasse a Colossos, Paulo enviou com ele um companheiro de viagem para protegê-lo e uma carta para explicar a situação.

É por meio dessa carta que vemos sua história se desdobrar.

Os três personagens principais do relato nos permitem compreender um pouco melhor três “elementos” na equação do perdão. É bem provável que, em diferentes momentos da vida, tenhamos

desempenhado um ou mais desses papéis.

Primeiro, há Onésimo, o ofensor que agora volta para corrigir os erros do passado e buscar reconciliação. Depois, Paulo, o pacificador que intervém para reunir as duas partes e restaurar a amizade. (Graças a Deus pelos pacificadores!)

E, em terceiro lugar, Filemom, aquele que sofreu a ofensa. É a ele que é feito o pedido para que não apenas perdoe, mas também restaure o relacionamento com a pessoa que o prejudicou e lhe causou sofrimento. Para isso, precisava estar disposto a absorver a injustiça cometida contra ele e as perdas decorrentes dela. Precisava, ainda, estar disposto a enxergar seu escravo fugitivo de forma completamente diferente, como um irmão em Cristo.

Não temos o desfecho da história. Mas talvez — usando um pouco de especulação — tenhamos uma ligeira indicação daquilo que aconteceu.

Algumas décadas depois, um dos primeiros pais da igreja escreveu uma carta para a congregação de Éfeso. Nela, ele refere-se a seu pastor como "Onésimo, homem de amor inexprimível". Obviamente não temos como saber ao certo se esse

é o mesmo Onésimo da história de Filemom, mas é uma possibilidade.

Sabemos, porém, de uma coisa: qualquer ofensor restaurado à graça de Deus não é simplesmente levado de volta ao ponto em que estava antes de tudo acontecer. Por meio da grande misericórdia do Senhor, os pecadores culpados são declarados livres de toda culpa e restaurados a uma vida mais prolífica do que jamais poderiam imaginar.

Não foi o que aconteceu conosco graças à cruz?

E acaso não deve ser nossa grande esperança, ao oferecermos perdão a outros, que desfrutem a liberdade de vivenciar uma nova identidade, como nós que fomos declarados novas criaturas por meio do perdão de Cristo? Paulo resume essa verdade de modo sucinto: “Mas todas essas coisas procedem de Deus, que nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos confiou o ministério da reconciliação” (2Co 5.18).

Paulo conhecia muito bem a maravilha dessa graça redentora e transformadora. Outrora ferrenho blasfemador e perseguidor de Cristo e de sua igreja, ele havia recebido o perdão de uma dívida

infinitamente maior do que jamais seria capaz de pagar. Mais que isso, havia se tornado coerdeiro com Cristo, recebedor indigno de todas as riquezas de Deus em Cristo Jesus.

O apóstolo dedicou o restante de sua vida aqui na terra a ajudar outros a experimentar e oferecer essa graça extraordinária que reconcilia os seres humanos com Deus e uns com os outros — pessoas como Onésimo e Filemom, como você e eu.

Essa é a razão de ser da cruz.

Perdoar a si mesmo?

O custo exorbitante com o qual Deus arcou para obter o perdão de nossos pecados deve nos comover até o fundo da alma. Nossa redenção lhe causou dor mais profunda do que qualquer ser humano jamais sofreu. Ela o fez sangrar. Exigiu o Calvário.

No entanto, exigiu mais que isso; foi necessário um ato que somente Deus poderia realizar. Citando Chambers mais uma vez, "o perdão é o milagre divino da graça".[4] É algo que somente Deus pode fazer.

Portanto, se lhe parece impossível perdoar alguém que o magoou tão profundamente e que talvez continue a tratá-lo de modo cruel e injusto, adivinhe só. *É* impossível — para você! Mas nada é difícil demais para Deus. E ele é o único que pode realizar a obra de perdão e reconciliação por você.

Sim, somente Deus pode perdoar pecadores. Lembra-se da ocasião, no início do ministério de

Jesus (Lc 5.17-26), quando os homens levaram até ele o amigo paralítico para que fosse curado e o baixaram pelo telhado da casa, pois a multidão se comprimia ao redor do Mestre? Jesus disse ao paralítico: “Homem, os teus pecados estão perdoados”. Ao ouvirem isso, os escribas e fariseus começaram a questionar em pensamento: “Quem é este que profere blasfêmias? Quem pode perdoar pecados, a não ser Deus?”.

Sem dúvida, havia muita coisa errada na atitude deles, mas não na pergunta. Afinal, *quem pode perdoar pecados, a não ser Deus?* Ninguém.

É importante recordar essa verdade, especialmente quando seu problema não é um conflito não resolvido com alguma outra pessoa, mas, sim, algo de errado que você mesmo fez, quando o remorso, a vergonha e a culpa o levam a dizer, como ouvi de muitas pessoas: “Não consigo me perdoar”.

Talvez você esteja tendo dificuldade de superar uma decisão imprudente que lhe custou um bom emprego e parte considerável de sua estabilidade financeira a longo prazo. Ou pode ser que, em um momento de descuido, você não tenha protegido

um de seus filhos do perigo. Pode ser, quem sabe, que tenha feito um aborto dez anos atrás. Ou pode ser um milhão de outras coisas.

Um amigo ou um conselheiro bem-intencionado talvez lhe tenha dito que perdoar a si mesmo é o primeiro passo para a cura e a recuperação. No entanto, não encontramos nenhuma passagem nas Escrituras em que Deus nos instrua a lidar com nosso sofrimento dessa forma. Antes, ele nos exorta a receber
seu perdão.

Paulo escreve: "… Se Deus é por nós, quem será contra nós? Aquele que não poupou nem o próprio Filho, mas, pelo contrário, o entregou por todos nós, como não nos dará também com ele todas as coisas? Quem trará alguma acusação contra os escolhidos de Deus? *É Deus quem os justifica*" (Rm 8.31-33).

Se nos sentimos impelidos a perdoar a nós mesmos, não é sinal de que duvidamos do perdão de Deus ou de que simplesmente não estamos dispostos a recebê-lo? Se o perdão de Deus não é bom o suficiente para nós, o que há de tão especial em nosso próprio perdão? O que torna nosso

perdão capaz de fazer algo que o perdão de Deus não pode fazer? Se ele nos perdoou, nosso registro está limpo. O que resta para perdoar?

Não podemos esperar de nós mesmos o milagre gigantesco do perdão. Apoiar-se nisso é querer algo impossível.

Deus é seu perdoador — seu único e suficiente perdoador. Quando Jesus entregou a vida na cruz para pagar por seu pecado, disse: “Está consumado!”. O preço foi pago inteiramente. Pela fé na obra consumada de Cristo, você foi perdoado. Nada que você tenha feito ou que talvez ainda venha a fazer pode remover um miligrama que seja do peso de sua culpa.

William Cowper (1731-1800) foi um prolífico e talentoso escritor e poeta inglês, contemporâneo e amigo próximo de John Newton. Durante toda sua vida, Cowper lutou com episódios de depressão profunda e instabilidade mental e emocional intensa.

A certa altura, em um período de ansiedade e quase de loucura, tentou tirar a própria vida.

O perdão não é algo

que você pode oferecer a si mesmo. É algo que Cristo comprou para você.

Primeiro planejou atirar-se em um rio; em outra ocasião, recorreu a uma dose letal de ópio e, em seguida, fez uso de uma faca. Por fim, em razão do insucesso das tentativas anteriores, procurou enforcar-se. A correia que amarrou ao pescoço arrebentou; inconsciente, ele caiu ao chão e, em seguida, foi socorrido.

Um artigo publicado alguns anos depois de sua morte descrevia o remorso e a angústia excruciantes que Cowper experimentou ao se lembrar desses episódios:

> Sentia por si mesmo um desprezo inexprimível e inimaginável […]; sentia que havia ofendido a Deus tão profundamente que sua culpa jamais poderia ser perdoada, e seu coração estava tomado pelas dores tempestuosas do desespero.[5]

Depois de se recuperar fisicamente dessa crise,

porém, Cowper entendeu que nenhum pecado era capaz de criar uma nódoa que Deus não pudesse apagar. Suas experiências torturantes o levaram a escrever as palavras que mostraram a milhões de pecadores envoltos em culpa o caminho para a cruz, a única fonte de verdadeiro alívio e libertação:

> Há uma fonte cheia do sangue extraído das veias de Emanuel; pecadores imersos nessa torrente perdem toda mancha de culpa.
>
> O pecador moribundo se regozijou de ver essa fonte em seus dias;
>
> e ali eu, tão vil quanto ele, lavo todos os meus pecados.

Plenamente perdoado. Essa é sua experiência?

O sacrifício de Cristo no Calvário é suficiente para perdoar todos os pecados, mesmo os seus. O perdão não é algo que você pode oferecer a si mesmo. É algo que Cristo comprou para você.

Sementes do evangelho

Imaginar que precisamos perdoar a nós mesmos é um exemplo de como, por vezes, procuramos fazer acréscimos ao evangelho. O apóstolo Paulo foi bastante severo e direto com aqueles de sua época que não consideravam as boas-novas completas e plenamente adequadas, aqueles que acrescentavam suas próprias condições e requisitos. Fomos perdoados em Cristo, e isso é suficiente.

Se a ideia de perdoar a nós mesmos é uma tentativa de acrescentar algo ao evangelho, o rancor é uma forma garantida de subtrair algo do evangelho. Pense comigo: somos pecadores perdoados que receberam a graça de Deus. Saímos pelo mundo afora dizendo aos pecadores perdidos que eles precisam daquilo que temos. “Ele pode perdoá-los; pode purificá-los e libertá-los”, declaramos cheios de convicção.

No entanto, essas pessoas nos conhecem. Trabalham conosco no escritório. Cortam nosso

cabelo. Almoçam conosco. Moram em nossa rua. E elas nos ouvem. Ouvem quando falamos do ex-cônjuge, dos sogros e cunhados, do sujeito que acabou com o piso de nossa cozinha, da professora que não deu um papel importante para nosso filho na peça teatral da escola.

Com isso, nossa mensagem sobre o evangelho parece um tanto vazia. É difícil a graça e a misericórdia de Deus serem inteiramente críveis quando nós, aqueles que se dizem perdoados por ele, nos recusamos a perdoar os outros.

Em contrapartida, para o mundo não há prova mais confiável da realidade do evangelho proclamado por nós que oferecermos o perdão de Cristo a outros.

Pergunte às dezenas de recém-convertidos do povo santal, nas zonas rurais do leste do Nepal. Quando uma mulher desse povo decidiu seguir a Cristo, sua família e seus vizinhos a espancaram com tamanha violência que ela foi hospitalizada e, por fim, morreu por causa dos ferimentos. A polícia prendeu e indiciou várias pessoas por esse homicídio. No entanto, os cristãos que moravam na mesma vila que a mulher expressaram perdão e

pediram que as acusações fossem retiradas.

Admirados com essa demonstração de graça, centenas de habitantes da vila quiseram ouvir o evangelho, muitos converteram-se a Cristo, e uma nova igreja foi formada na vila.[6]

Pergunte ao apóstolo Paulo. Pergunte se ele se lembra do dia em que estava junto à multidão irada, tomando conta das capas daqueles que matavam o "blasfemador" chamado Estêvão.

Pergunte-lhe a respeito das palavras inesquecíveis que Estêvão bradou acima da balbúrdia do apedrejamento naquela tarde. Tenho certeza de que, mais adiante, quando Paulo entendeu melhor a verdadeira natureza de Cristo e soube das coisas que ele tinha dito na cruz, lembrou-se das palavras semelhantes de Estêvão:
"… Senhor, não lhes atribuas este pecado…" (At 7.60).

Estêvão tinha juntado as duas peças. Aquilo que ele havia recebido *de* Cristo ofereceu a seus assassinos *por meio de* Cristo. A cruz havia ligado esses dois pontos. Receber perdão. Oferecer perdão.

Uma espada silenciosa

Se você assistiu ao filme clássico *Ben-Hur*, lembra-se dessa história em que um jovem, Judá Ben-Hur, é injustamente acusado de agredir um centurião romano. Por consequência, a casa e os bens de sua família são confiscados. Sua mãe e sua irmã são lançadas em um calabouço cheio de ratos em que passam fome e acabam contraindo lepra. Judá é enviado como escravo para uma galé militar romana.

O homem responsável por tudo isso é Messala, amigo de infância de Judá, que o entregou aos romanos.

Ao longo dos anos, Judá é consumido por amargura e ódio pelos romanos em geral e por Messala em particular. O desejo ardente de vingança torna-se sua obsessão. Quando uma série de circunstâncias lhe permite voltar a sua terra natal, a ira em seu coração se renova diante das lembranças das perdas calamitosas que sua família

sofreu.

Ao reencontrar-se com Ester, seu amor de infância, o peso da dor se torna ainda mais insuportável. Enquanto conversa com ela, derrama todo o veneno da fúria que o atormenta incessantemente.

Por acaso, naquele mesmo dia, Ester havia escutado o ensino de um homem chamado Jesus. “Se você tivesse ouvido esse homem de Nazaré…”, ela comenta em tom melancólico, recordando-se de suas palavras. “Ele disse: ‘Bem-aventurados os misericordiosos, pois alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os pacificadores, pois serão chamados filhos de Deus’. A voz que ouvi no monte hoje dizia: ‘*Amem* seus inimigos. *Façam o bem* aos que os odeiam’”.

Judá não se comove e reage com ira a essa ideia. Não quer saber de misericórdia e pacificação e não tem intenção alguma de amar seus inimigos.

Então, Ester diz entre lágrimas: “Era Judá Ben-Hur que eu amava! O que foi feito dele? *Você parece ter se tornado a mesma coisa que está determinado a destruir, pagando mal com o mal. O ódio o está transformando em pedra*”. E, por fim,

vêm as palavras que atingem seu âmago: “*É como se você tivesse se tornado Messala*”.

Faça uma pausa para meditar sobre essa afirmação. Será que você está se tornando semelhante à pessoa que o magoou? Está se tornando alguém diferente, que não deveria ser, demonstrando atitudes e características que você detesta nos outros? O ódio está endurecendo seu coração e transformando-o em pedra?

Deus quer libertá-lo. E essa libertação ocorrerá para você no mesmo lugar em que ocorreu na vida do personagem Ben-Hur.

A história avança e Judá vai parar em Jerusalém no dia em que Jesus está sendo crucificado. Ele segue a procissão até o Gólgota, onde para à sombra da cruz central e vê o sangue do corpo torturado de Jesus correr para o solo.

Enquanto Judá olha para o Salvador, o amor de Cristo finalmente penetra seu coração endurecido. Em silêncio, sem dizer uma palavra sequer, ele crê nesse amor e o recebe. Seu rosto sofre uma transformação visível à medida que os anos de amargura e ódio são dissipados pelo amor, pela graça e pelo sangue de Jesus.

Na cena final do filme, Judá relata a Ester esse momento crítico: “Eu o ouvi dizer: ‘*Pai, perdoa-lhes*, pois não sabem o que fazem’, e senti sua voz remover a espada de minha mão”.

Permita-me fazer uma pergunta. Ainda há uma espada em sua mão? Uma espada de amargura, ressentimento, vingança, rancor? Em caso afirmativo, desejo convidá-lo a ir até o Calvário. Coloque-se debaixo da cruz de Cristo e veja o que ele sofreu para comprar seu perdão, a agonia que ele suportou para que você pudesse ser livre. Ouça-o oferecer perdão àqueles que o perseguiram. E deixe que a voz dele remova a espada de sua mão.

Você está disposto a se tornar, como o Senhor Jesus, pão partido e vinho derramado, reflexo da graça inigualável de Deus, manifestação viva da beleza e do poder do perdão?

Receber perdão. Oferecer perdão. Esse é o caminho da cruz, o cerne do evangelho.

Aplicação pessoal

- Há algum pecado em seu passado em relação ao qual você ainda luta para “sentir-se perdoado”? Qual é o papel da cruz e da fé no processo de levá-lo a experimentar plenamente a realidade do perdão de Deus?

- Até que ponto sua vida reflete o coração perdoador de Deus para com os pecadores? Você torna o evangelho crível para outros pela forma que você reage às injustiças que sofre?

- Separe alguns momentos para meditar sobre a cruz. O que a morte de Cristo significa para você, um pecador? E para você como alguém contra quem os outros pecaram?

---

[1] A organização Life Action Ministries tem

quatro equipes que realizam encontros em igrejas locais com o objetivo de buscar a Deus para experimentar um reavivamento pessoal e comunitário. Para saber sobre Life Action ou obter informações sobre a disponibilidade de nossa equipe para visitar sua igreja, entre em contato com P.O. Box 31, Buchanan, MI 49107; 800/321-1538; www.LifeAction.org; info@LifeAction.org.

[2] Oswald Chambers, *My utmost for his highest*, Nov. 19 [edição em português: *Tudo para ele* (Curitiba: Publicações Pão Diário, s.d)].

[3] Ibidem, Nov. 20.

[4] Ibidem, Nov. 20.

[5]*North American Review*, Jan., 1834, citado em http://www.cyberhymnal.org/htm/t/f/tfountfb.htm.

[6]*Religion Today Summaries*, Wed., June 22, 2005. *Religion Today Summaries* é publicado por Crosswalk.com, site da Salem Radio Network.

CAPÍTULO 5

A ARTE DE PERDOAR

A glória do cristianismo consiste em conquistar
por meio do perdão.

WILLIAM BLAKE

Mas como?

Dedicamos a primeira metade deste livro a refletir sobre alguns dos principais motivos para perdoar. Contudo, como todas as outras coisas na vida cristã, perdoar vai muito além de motivos e explicações. Nossa fé é ativa. Só se torna viva e atraente quando os substantivos são transformados em verbos.

Escolher o perdão conduz à vida que Deus planejou para você quando enviou o próprio Filho

para morrer por seu pecado. Conduz à liberdade de abençoar outros, de andar desimpedido, sem o peso da amargura e do ressentimento, de se relacionar confiantemente com Deus e com as pessoas ao seu redor e, mais importante de tudo, de ser manifestação viva do evangelho e da graça de Cristo.

Mas como alcançar esse objetivo? Como chegar ao ponto em que o perdão pode realizar sua obra restauradora tanto em você como no ofensor?

Uma mulher me escreveu: “Depois de quatro anos de mágoa, escolhi perdoar meu marido pelo relacionamento sexual que ele teve com uma namorada antes de nos conhecermos. Estou animada com a perspectiva de abraçá-lo e dizer que ele foi liberto”. Como tornar-se semelhante a essa mulher?

Alguém me contou: “O Senhor me ajudou a libertar alguém que eu havia mantido preso por mais de dezesseis anos. Agora, Deus pode restituir os anos que os gafanhotos consumiram”. Como libertar-se de uma questão como essa, que vem fervilhando e borbulhando durante boa parte de sua vida?

Nossa fé se torna viva e atraente quando os substantivos são transformados em verbos.

Outra mulher relatou: “Em minhas mais remotas lembranças, até onde eu consiga alcançar, meu pai e meus irmãos abusaram de mim até eu completar 16 anos. Por causa disso, permiti que outros homens tratassem meu corpo da mesma forma. Nunca tive um relacionamento saudável com o sexo oposto. Guardo esse ódio em meu coração há muito tempo. Agora, porém, escolho abrir mão dele e entregá-lo para Deus”. Como superar tal afronta, uma ofensa tão emaranhada em seu coração a ponto de moldar quem você é e como reage à vida?

Tenho visto Deus conceder graça para que pessoas perdoem situações quase inacreditáveis.

Uma mulher escreveu: “Em fevereiro do ano passado, um vizinho invadiu nossa casa, matou meu marido, me sequestrou e violentou e depois cometeu suicídio. Fiquei sozinha, com três filhos pequenos”. Em seguida, ela disse que tinha “grande

satisfação em imaginar que ele [seu agressor] estivesse ardendo no inferno” e que “a única forma de suportar a situação era saber que ele estava sendo castigado”.

Deus começou a tratar do coração dessa mulher em um congresso no qual falei sobre perdão. Ela sabia que a dor estava acabando com sua vida. Sabia que precisava perdoar. E, uma vez que isso aconteceu, ela experimentou a paz de Deus e se livrou da necessidade de saber qual tinha sido o fim de seu agressor. “Agora estou livre. Não sei se ele está no céu ou no inferno. Mas sei que Deus está no controle, e posso louvá-lo.”

Tenho visto o Senhor promover reconciliação e restauração entre pessoas que não suportavam ficar juntas no mesmo ambiente. Lembro-me de duas mulheres nessa situação que me procuraram no fim de outro congresso para contar sua história. Eram sogra e nora. A nora, grávida de nove meses, era casada há quatro anos.

Desde que se conheceram, porém, não se entendiam, e a aversão mútua havia se tornado intensa. Não sei se teriam sido capazes de explicar qual era exatamente o problema, mas haviam

chegado ao ponto em que tudo o que uma fazia incomodava a outra.

Sem dúvida você sabe, talvez por experiência própria, como essas coisas acontecem.

Embora a sogra estivesse no comitê organizador do congresso, não havia convidado a nora para participar. Em suas palavras, “sabia que minha nora não iria se eu a convidasse”.

Mas ela foi mesmo sem ser convidada.

E Deus encontrou as duas ali, sentadas em partes diferentes do auditório. Durante aquela tarde, enquanto eu falava sobre a importância do perdão, uma delas tomou a iniciativa. Não sei quem, só sei que as duas foram parar na sala de oração, abraçadas, pedindo perdão uma à outra.

É o que pode acontecer em qualquer situação, em *sua* situação, à medida que Deus lhe concede a graça de decidir fazer aquilo que ele o está chamando a fazer.

Mas como?

Quem fez isso?

Gostaria de sugerir três passos práticos para acelerar e consolidar o perdão. Não é minha intenção dizer que o perdão é fácil, nem reduzi-lo a uma fórmula de três passos. Sei que talvez existam memórias, emoções e relacionamentos que causam sofrimento e que precisam continuar a ser curados.

No entanto, esses três passos têm se mostrado úteis para dar início ao processo e encaminhar as pessoas na jornada rumo
à liberdade.

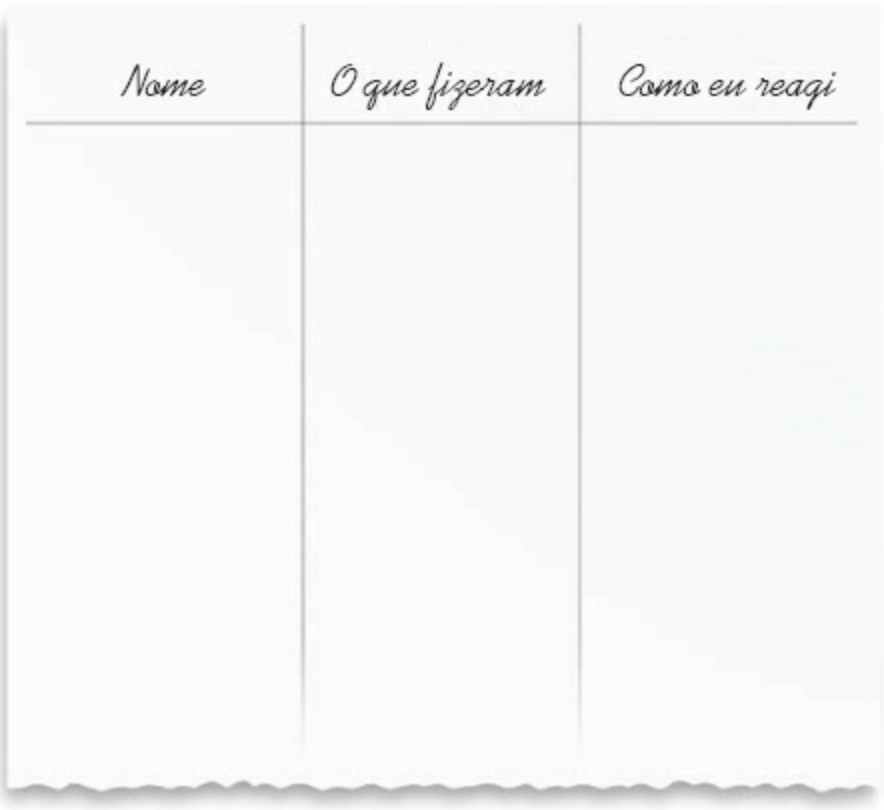
Como ponto de partida no caminho para o perdão: (1) *Identifique as pessoas que o ofenderam e o pecado (ou pecados) que cometeram contra você*.

Perdoar não
significa
fingir que a ofensa

Eis uma forma simples de fazê-lo: pegue uma folha de papel e trace duas linhas de alto a baixo, dividindo a folha

não aconteceu.

em três colunas. (Veja o exemplo abaixo.) Na coluna da esquerda, anote os nomes de todas as pessoas que pecaram contra você, todas com as quais você tem questões pendentes.



Você sabe quem são elas. Mãe, pai, madrasta, padrasto, irmão, irmã, ex-patrão, ex-pastor, vizinho, filho ou filha, ex-cônjuge — faça a lista.

Em seguida, na coluna do meio, ao lado dos

nomes que você acabou de relacionar, anote a ofensa (ou as ofensas) que cada um cometeu contra você. Como lhe prejudicaram? Seja específico.

Talvez você esteja pensando: “Espere um pouco. De que adianta trazer à tona isso tudo? Pensei que devêssemos perdoar e esquecer, enterrar essas coisas. Agora você me diz que devo fazer uma lista de todas elas!”.

É importante entender que perdoar não significa fingir que a ofensa não aconteceu. Isso não é honestidade. É negação. O verdadeiro perdão não requer truques mentais, mundos idílicos ou uma fuga da realidade. O verdadeiro perdão exige que *encaremos* a realidade e lidemos com ela à maneira de Deus.

O que essas pessoas fizeram com você foi errado. Magoaram você. E Deus não quer que você *fuja* da dor, mas que se *refugie nele* em meio à dor, que encare a plena fúria do sofrimento. Deus quer que você permita que ele vá ao seu encontro nesse lugar de angústia e lhe dê graça para ser liberto de quaisquer amarras que o prendem a essa angústia.

Considere, porém, este aviso importante: ao incentivá-lo a fazer uma lista das ofensas cometidas

contra você, *não* estou sugerindo que você deve tentar trazer à tona coisas do passado das quais não se recorda, como alguns aconselham. Deus é capaz de apagar recordações dolorosas de nossa mente e, por vezes, ele o faz. Não há proveito algum — aliás, creio que pode fazer muito mal — tentar recuperar lembranças que Deus, em sua misericórdia, talvez tenha apagado.

Se há alguém que você precisa perdoar, provavelmente não terá de se esforçar para identificar quem é essa pessoa e o que ela fez. Trate das situações que você sabe que precisam ser tratadas, aquelas que estão claras em sua mente, e confie que o Senhor lhe trará à memória quaisquer ofensas que você tenha de perdoar.

Anote as feridas do passado ou do presente das quais tem consciência. Não se esconda delas. Enxergue-as como pecados, pois é isso que elas são.

Ficou claro?

Algumas pessoas talvez parassem por aqui, imaginando que o simples processo de relacionar os nomes daqueles que as magoaram seria restaurador o suficiente. Talvez sugerissem que você queimasse a lista e, simbolicamente, deixasse a dor e o sofrimento se dissiparem junto com a fumaça.

A meu ver, porém, a Bíblia nos instrui a dar um passo adicional, algo mais profundo, mais restaurador e santo: (2) *Certifique-se de que sua consciência está tranquila em relação a cada um dos indivíduos de sua lista*.

É para isso que serve a terceira coluna de sua folha de papel. Pergunte-se: “Como reagi a essa pessoa?” e anote a resposta.

- Você a abençoou?
- Amou-a?
- Orou por ela?
- Perdoou-a?

Ou seria mais honesto dizer que você negou amor, ressentiu-se e ficou com raiva?

Você falou mal de seu ex-cônjuge para seus filhos? Criou barreiras entre você e o vizinho que vive se metendo em sua vida ou o colega de trabalho que zomba de suas crenças? Criticou a pessoa que pintou uma imagem negativa de você para seus amigos? Como vingança sutil dos sogros, cunhados ou irmãos que dificultaram sua vida, você deixou de falar com eles ou se afastou deles em vez de tentar amá-los?

Não é possível perdoar enquanto sua consciência não estiver limpa em relação à pessoa que pecou contra você, enquanto não deixar Deus formar em seu coração o amor dele por aqueles que o decepcionaram.

Na verdade, você não é responsável por aquilo que acontece na segunda coluna (supondo que a ofensa do outro não tenha sido uma reação a seu pecado contra ele!). Você não pediu para isso acontecer, não provocou a situação, não mereceu a ofensa. No entanto, você *é* responsável — única e inteiramente responsável — por aquilo que acontece na terceira coluna.

E, se suas reações não seguiram o exemplo de Cristo, você precisa procurar essa pessoa e pedir perdão por ter pecado contra ela.[1]

Essa linha de raciocínio desencadeia uma reação automática (e bastante compreensível): “Espere um pouco! Essa pessoa pecou contra *mim*! Agora você quer que *eu* vá pedir perdão a *ela* por aquilo que eu fiz?!”.

Sim.

É claro que, talvez, você sinceramente não tenha feito nada de errado em seu coração em relação a essa pessoa. Não quer vingança. Não fala mal dela pelas costas. Não a olha com desprezo quando ela pede desculpas.

Espero que seja esse o caso. Mas geralmente não é.

Na maioria das vezes, o *ofendido* se torna *ofensor* pelo modo como reage à ofensa. Na mente do ofendido, sua reação talvez seja totalmente justificada: *Ela merece*. *A culpa é dela*, *não minha*.

Independentemente do que provocou nossa reação, se pecamos contra o cônjuge, o pai, a mãe, um amigo, um conhecido de longa data, uma figura de autoridade, ou seja lá quem for, precisamos

pedir perdão como se nós tivéssemos começado a briga. Precisamos assumir responsabilidade por nossa reação pecaminosa.

Você pode dizer: “Reconheço que talvez tenha sido responsável por *5%* dos motivos para que nosso casamento terminasse em divórcio. Mas *95% ou mais* foram culpa dele!”.

Tudo bem. Assuma 100% da responsabilidade por seus “5%” e peça perdão.

Ao permitir que Deus sonde seu coração, talvez você descubra que não existe uma disparidade tão grande quanto imaginava entre as porcentagens. Sem dúvida, existem situações em que você é inteiramente inocente, em que fez pouco ou absolutamente nada para causar a ofensa, situações em que continuou a perdoar e seguiu em frente sem guardar rancor.

Em geral, porém, apressamo-nos em desconsiderar nossa parcela de culpa — e a outra pessoa faz o mesmo. Por consequência, resta um bocado de responsabilidade que ninguém assume e que continua a espalhar seu veneno e perpetuar os estragos.

No Sermão do Monte, Jesus lembra que é muito

mais fácil ver as falhas na vida de outros que nossas próprias necessidades. Nossa tendência é enxergar os pecados de outros por um microscópio e os nossos por um telescópio!

Jesus enfatiza a importância de tratar de nossos próprios pecados antes de tentar lidar com os erros de outros.

> Por que vês o cisco no olho de teu irmão e não reparas na trave que está no teu próprio olho? Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o cisco do teu olho, quando tens uma trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do olho; e então enxergarás bem para tirar o cisco do olho de teu irmão (Mt 7.3-5).

Não é questão de minimizar aquilo que seu "irmão" fez. No entanto, é difícil ser objetivo a respeito do pecado *dele* ou eficaz na tarefa de ajudá-lo a livrar-se desse pecado se *você* não tiver confessado seu próprio pecado. Sem falar no problema da hipocrisia!

Portanto, seja honesto: O pecado de alguém gerou pecado em sua vida? Confesse-o, até mesmo

para a pessoa, caso seja possível e apropriado. Não de uma forma que o justifique e culpe o outro por levá-lo a agir desse modo, nem de uma forma que produza ainda mais pecado ao instigar sua ira contra o outro.

Deus está dizendo: “Assuma sua parcela de responsabilidade”. Você já fez isso?

Caso não tenha feito, humilhe-se. Vá e peça perdão. Certifique-se de que sua consciência está limpa.

Sua escolha

Depois de identificar seus ofensores e depois que sua consciência estiver limpa diante do Senhor e desses indivíduos — isto é, depois de pedir perdão por aquilo que fez a eles, seja ao contribuir para o que aconteceu, seja ao reagir com atitudes e comportamentos pecaminosos —, é hora de dar o próximo passo em sua jornada, talvez o passo mais difícil.

(3) *Escolha perdoar plenamente cada pessoa que pecou contra você.*

Essa é a "hora da verdade". É o momento em que todas as partes feridas e sensíveis de suas emoções talvez protestem e supliquem para que você as proteja. E é o ponto em que o Inimigo trabalhará com afinco para impedi-lo de ir até o fim com Deus e fazer o que precisa ser feito.

Mas, se quiser ser livre, você terá de ir até o fim.

Escolha perdoar cada indivíduo (ou grupo) que

pecou contra você. Apague o registro. Pressione a tecla de deletar. Liberte-os de
sua guarda.

Você não precisa sentir vontade de fazê-lo. Se, contudo, deseja ser um filho obediente de Deus, terá de perdoar.

Quando você começou a ler este livro, quando Deus lhe mostrou, mais uma vez, a necessidade de lidar com essa questão que ocupa um lugar importante em sua vida há tantos anos, você provavelmente já sabia que, cedo ou tarde, chegaria aqui. Não há como contornar esse ponto da jornada rumo à liberdade em Cristo.

"… *se tendes alguma coisa contra alguém*, *perdoai*…" (Mc 11.25).

"Mas e se tais pessoas não pediram perdão? E se pensam que não fizeram nada de errado?"

Infelizmente, a falta de disposição delas de se arrepender as impedirá de receber o perdão de Deus (o perdão que mais importa) e de ter um relacionamento correto com ele. E limitará a capacidade delas de ter um relacionamento plenamente restaurado com você e com outros.

Essa dureza de coração afetará o bem-estar e os

relacionamentos desses indivíduos enquanto não confrontarem e tratarem seus pecados e os manterá cativos, mas ninguém pode obrigar *você* a ser prisioneiro dentro de seu próprio coração — desde que dê o passo corajoso de perdoar. Essa é uma escolha que você pode e deve fazer, não importa o ponto da jornada em que as outras pessoas se encontrem.

Ao atender ao Senhor nessa questão, certifique-se de perdoar de fato a seus ofensores. Ouvi pessoas sinceras e bem-intencionadas orarem: "Senhor, por favor, *ajuda-me a perdoar* essa pessoa". Ouvi outras dizerem: "Eu sei que preciso perdoá-lo…". Não duvido de sua sinceridade, mas *isso não é suficiente*. Não se limite a pedir ajuda a Deus, nem a apenas dizer que precisa perdoar. Vá até o fim. Diga: "Senhor, por tua graça, e em obediência a ti, eu *escolho* perdoar — apagar o registro, pressionar a tecla de deletar, libertar o ofensor e não me vingar da ofensa. Eu *perdoo*!".

Perdoar terroristas?

Gracia Burnham e seu marido, Martin, fizeram essa escolha em meio a circunstâncias em que a maioria consideraria impossível perdoar.

Durante férias de seu trabalho missionário, os dois foram sequestrados por um grupo terrorista filipino e suportaram mais de um ano de tortura, privação e abuso, empurrados de um lado para o outro sem rumo no meio da floresta tropical. Em junho de 2002, quando os militares do país tentaram salvar os reféns, Gracia foi ferida, mas conseguiu escapar. Martin foi morto na troca de tiros.

Depois de seu longo sofrimento ao lado do marido, Gracia teve de sair da selva sozinha.

No relato comovente de sua história no livro *In the presence of my enemies* [Na presença de meus inimigos] e na obra subsequente *To fly again* [Voltar a voar], Gracia revela algumas das realidades brutais da vida de refém; são cenas de

horror, às quais é quase inacreditável que alguém tenha sobrevivido.

A sensação enlouquecedora de confinamento, acorrentada a uma árvore horas a fio, de dormir em pé e ser obrigada a suplicar pelas coisas mais básicas para sobreviver.

A dor de ser acometida de diarreia incessante, intensificada pela degradação de não ter privacidade, nem como se limpar ou escapar da sujeira que piorava a doença.

A exaustão de ter de carregar mais de vinte quilos de equipamentos e andar quilômetros por terreno acidentado, com poucas roupas para se proteger das intempéries e pouco alimento para sustentar o corpo enfraquecido e exausto.

> *"É compreensível sentir raiva em uma situação traumática. Não significa, porém, que seja produtivo."*
> *GRACIA BURNHAM*

Tortura.

E, nos breves intervalos de medo mortal, raiva.

Gracia relembra: “Quando Martin e eu estávamos agachados junto à fogueira esperando nossa porção, observávamos com atenção enquanto alguém servia porções fartas de arroz para os outros, mas nos dava apenas dois terços de xícara, só porque não éramos filipinos nem muçulmanos. Eu tinha vontade de gritar”.[2]

E, no entanto, mesmo no meio da selva implacável e aterrorizante e de captores fortemente armados que riam e zombavam — homens que não tinham direito algum de se colocar tão fria e insensivelmente entre Gracia e seu lar, seus filhos, um banho quente ou uma refeição caseira —, mesmo nessas condições extremas, Deus estava trabalhando no coração de Gracia.

Ela escreve: “Descobri que, enquanto culpei o Abu Sayyaf [grupo que os estava mantendo reféns], meu coração continuou perturbado. Culpei os terroristas; culpei o exército filipino por sua incompetência; culpei o governo americano por não usar uma vara de condão para nos libertar; culpei até mesmo Deus, pois, afinal de contas, ele está no controle de tudo, não é mesmo?”.

Aos poucos, porém, sua perspectiva começou a

mudar: “Comecei a perceber que meu ressentimento não estava ajudando em nada […] É compreensível sentir raiva em uma situação traumática. Não significa, porém, que seja produtivo […] A alternativa, obviamente, era perdoar, mesmo sem que o ofensor houvesse pedido desculpas. Eu podia, de modo inteiramente unilateral, *escolher* perdoar.

E, quando Gracia perdoou, Deus fez novamente aquilo que ele faz tão bem. A raiva de Gracia arrefeceu. A dor começou a diminuir.

Ela reconhece, porém, que, “quando começava um novo dia e uma nova injustiça acontecia, eu era confrontada, mais uma vez, com a necessidade de perdoar. Era uma decisão consciente que eu tinha de tomar repetidas vezes. Aliás, tornou-se um padrão re-
corrente. E nele estava o caminho de volta para o domínio próprio e para a serenidade.

“Não orei pedindo: ‘Deus, ajude-me a perdoar’”, ela se recorda. “Se o fizesse, estaria fugindo de minha própria responsabilidade […] A tarefa cabia inteiramente a mim, embora, *a partir do momento em que escolhi perdoar, Deus*

certamente tenha me dado forças para fazê-lo" (grifo da autora).[3]

Gracia agora está segura, de volta a sua casa numa cidade pequena do Kansas, EUA, criando seus três filhos e levando uma vida mais próxima de uma realidade que conseguimos entender e com a qual podemos nos identificar. Hoje, suas lutas não são com as dificuldades de sobreviver como refém, mas com os traumas cotidianos de um filho que se esquece de colocar o lixo para fora, de um amigo que faz uma piada de mau gosto, de um membro da família que diz
algo insensível.

Ela afirma, porém, que o mesmo modelo de perdão se aplica a todas essas situações.

Identificamos o pecado. Limpamos nossa consciência em relação ao ofensor. E escolhemos — sim, Senhor, escolhemos — perdoar.

Na alegria e na tristeza

Você continua a imaginar que é impossível perdoar? Continua a considerar sua situação difícil demais?

Anos atrás, vi uma amiga querida passar pelas águas profundas dessa questão do perdão, não apenas uma vez, mas repetidamente. Lembro-me com clareza do dia em que o homem com o qual ela estava casada há 23 anos confessou ter um envolvimento sexual com outra mulher há seis meses.

Essa parte, o simples fato de ele haver quebrado seus votos conjugais, já foi extremamente difícil. Para piorar, contudo, ele informou que não sabia se estava disposto a abrir mão do relacionamento adúltero; não tinha certeza do que desejava fazer a esse respeito.

As coisas continuaram praticamente na mesma por mais de um ano. “Ele me dizia que havia terminado o relacionamento”, ela escreveu pouco

tempo atrás ao se recordar de sua história, “mas na verdade continuava envolvido. Não dava sinal de que estava verdadeiramente arrependido e triste com seu pecado e persistia nele, às vezes quase esfregando-o na minha cara. A atitude dele magoava a mim e a meus filhos de forma indescritível”.

De algum modo, porém, Deus concedeu a essa esposa arrasada a graça de se apegar ao Senhor, de perdoar seu marido rebelde e de continuar a amá-lo fielmente, mesmo em meio a sua dor intensa e à evidente falta de contrição dele.

“A princípio, não *senti* disposição de perdoar”, ela comenta. “Minha reação inicial foi de raiva intensa, seguida de profunda mágoa. Lembro-me, porém, de que, na primeira noite depois que descobri sobre o adultério, prostrei-me diante de Deus com a Bíblia aberta e derramei meu coração para ele.

“Não entendi por que Deus havia permitido que uma coisa dessas acontecesse comigo, mas sabia que tudo tinha passado por suas mãos amorosas antes de me atingir e que ele desejava usar essa situação para meu bem e para a glória suprema

dele.

"*Naquela noite, escolhi perdoar meu marido*, embora ele não houvesse pedido perdão e embora todo o meu corpo tremesse e eu me sentisse quase entorpecida de tanta dor. Só conseguia pensar em Cristo na cruz e em como ele havia pedido que o Pai perdoasse seus algozes."

Qual foi o fim dessa história? Uma vez que ela escolheu perdoar, seu lar voltou a ser um lugar de alegria, em que todos interagiam sem constrangimento e faziam programas juntos nos finais de semana?

Não. "Durante os treze meses seguintes, houve muitos momentos em que fiquei devastada com coisas que meu marido fez ou disse em relação a esse adultério, mas Deus continuou a me capacitar para que eu demonstrasse perdão, embora meu marido ainda estivesse vivendo em pecado.

"Eu jamais teria sido capaz de produzir perdão desse tipo. Sou fraca e pecadora, e percebi ao longo daqueles meses difíceis que Deus estava derramando a graça de que eu precisava para perdoar."

Em meio a esse processo doloroso, no qual

minha amiga escolheu o caminho para o perdão, ela experimentou a presença e o poder de Deus de maneira extraordinária:

> Algo surpreendente aconteceu em minha vida à medida que continuava a perdoar meu marido. Deus me deu liberdade e alegria em meio à dor. De algum modo, ele permitiu que eu visse essa experiência não como algo a ser desprezado, mas como *um presente a ser aceito*.
>
> Do ponto de vista humano, não há como explicar. Deus permitiu, de fato, que eu me alegrasse em meu sofrimento e o visse como oportunidade de sofrer, em pequena medida, aquilo que ele havia sofrido quando foi rejeitado.

Essas não são as palavras de um professor de escola dominical falando em teoria. Não se trata de alguém distante o suficiente da dor para se contentar com respostas prontas. É o testemunho de uma mulher que passou pela situação e sabe como é, o que custa, o que significa. Uma mulher cuja fé

foi provada no fogo da aflição e que se revelou ouro puro.

Com o tempo, em sua misericórdia, Deus conduziu o marido ao arrependimento sincero e restaurou sua vida arruinada e o casamento deles. Tenho convicção de que isso não teria acontecido se não fosse pela disposição dessa esposa ferida de perdoar (e continuar perdoando) muito antes de saber qual seria o resultado e sem ter garantia alguma de que o coração de seu marido algum dia seria transformado.

Eis como ela concluiu seu testemunho escrito:

> Quando escolhemos perdoar os outros, mesmo quando eles não se quebrantam, Deus derrama em nosso coração liberdade, graça, paz, alegria, amor — e até mesmo o perdão propriamente dito. Passar por essa experiência é algo extraordinário. *Ela nos conduz a lugares mais profundos do relacionamento com Deus que jamais alcançaríamos se não tomássemos o caminho misterioso do perdão.*
>
> Impressionante!

Você percebe o que isso quer dizer? Qualquer que seja sua experiência, por maior ou menor que seja a injustiça sofrida, sua escolha de perdoar pode significar que você tem diante de si seus dias mais preciosos com o Senhor.

Sim, o perdão é sobrenatural. Sim, é algo que somente Deus pode fazer. Sim, está muito além da capacidade de uma pessoa de carne e osso. Mas, se você é filho de Deus, ele lhe infundiu o mesmo poder "que atuou em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos…" (Ef 1.20). Pense nisso! Isso significa que você tem em seu interior a capacidade sobrenatural de oferecer perdão por ofensas "imperdoáveis". Por meio desse poder capacitador, você tem condições de perdoar os outros com a mesma graça e o mesmo perdão que recebeu de Deus pelos *seus* pecados.

Portanto, escolha perdoar! Não espere até sentir vontade ou entender como funciona. Em última análise, o perdão não é uma emoção. É um ato de sua vontade, um ato de fé. Não alimente a amargura por mais um dia sequer.

Seu problema talvez seja algo de proporções monumentais, como alguns dos exemplos que

vimos até aqui, ou algo pior. Ou talvez, em comparação, seja algo menor, tão pequeno que você se convenceu de que não é importante, de que não tem problema continuar a guardar ressentimento.

Quer a ofensa seja tão gigantesca a ponto de parecer *impossível* perdoar, quer seja tão pequena a ponto de parecer *desnecessário* perdoar, você continuará a ser prisioneiro enquanto não abrir mão dela, não a entregar à misericórdia insondável de Deus e não a deixar para trás!

Essa é a vontade de Deus para você em Cristo Jesus. E você pode escolher apropriar-se dela.

Se você ainda não mergulhou no oceano do perdão de Deus, clame ao Senhor neste instante: “Ó Deus, por amor a Jesus, como tu me perdoaste, eu escolho perdoar essa pessoa. Escolho perdoar cada um que pecou contra mim”.

“Escolho perdoar!”

Aplicação pessoal

- Agora que vocês sabem estas coisas, felizes serão se as praticarem (Jo 13.17, NVI).

---

[1] Evidentemente, há situações em que não seria apropriado restabelecer contato com o ofensor. Se você estiver na dúvida, procure o conselho sábio de seu pastor ou de outro cristão experiente.
[2] Gracia Burnham; Dean Merrill, *To fly again* (Wheaton: Tyndale, 2005), p. 43.
[3] Ibidem, p. 43-4.

CAPÍTULO 6

COM RAIVA DE DEUS

Os homens logo passam a pensar que têm direito
a tudo o que desejam; a sensação de
desapontamento
pode, com pouco esforço de nossa parte,
transformar-se em mágoa.
De Fitafuso para Vermebile

C. S. LEWIS[1]

"No caso de Drusky *versus* Deus, Deus venceu."

Desse modo começava uma notícia da agência Associated Press em 15 de março de 1999.

Na sequência, explicava: "O processo legal aberto por um residente da Pensilvânia contra Deus

foi rejeitado pelo tribunal de Syracuse [NY]". Depois de uma longa batalha com a empresa onde tinha trabalhado (chamada, na época, U.S. Steel), Donald Drusky havia responsabilizado Deus oficialmente por não lhe fazer justiça quando ele foi demitido pela empresa trinta anos antes.

De acordo com o processo, "Deus, o acusado, governante soberano do Universo, não tomou nenhuma medida corretiva contra os líderes de sua igreja e de sua nação pelas injustiças extremamente sérias que arruinaram a vida de Donald S. Drusky".

Segundo a reportagem, "o juiz distrital Norman Mordue rejeitou o caso. Mordue considerou frívolo o processo legal que também acusava os ex-presidentes americanos Ronald Reagan e George Bush, as principais redes de televisão do país, os cinquenta estados americanos, cada um dos cidadãos dos Estados Unidos, todos os juízes federais e os membros do centésimo ao centésimo quinto congressos".

Por mais absurda que essa história pareça para alguém racional, de certo modo a diatribe de Drusky talvez seja diferente apenas em grau daquilo que ouço muita gente dizer hoje em dia.

Ao ler cartas e e-mails enviados para nosso ministério e ouvir pessoas contarem suas histórias, um dos temas recorrentes que observo é: “Estou com raiva”.

“Raiva de meu marido.”

“Raiva de meus filhos.”

“Raiva de meus pais.”

“Raiva de meu pastor.”

E, por vezes, depois de passarem por todas essas camadas, expressam o que reside no cerne da questão:

“Estou com raiva de Deus.”

Até mesmo pessoas tementes a Deus, como Gracia Burnham, são tentadas, por vezes, a voltar seu ressentimento contra Deus. Talvez você tenha notado isso no capítulo anterior. Ao relacionar as várias causas de seu sofrimento enquanto era refém nas Filipinas, ela destacou as pessoas. Citou nomes. Viu rostos. Então, apontou para um rosto invisível, alguém que, a seu ver, era pelo menos parcialmente responsável por seu sofrimento: Deus.

Essa revelação aparece no trecho de seu testemunho que citei: “Culpei até mesmo Deus, pois, afinal de contas, ele está no controle de tudo,

não é mesmo?”.

“Afinal de contas, se ele é onipotente, poderia ter impedido que isso acontecesse. Se ele é supremamente amoroso, poderia ter protegido meu coração e me poupado da dor. Mas não o fez. Deu as costas e resolveu não agir. Como posso confiar em um Deus desses, que permite que uma coisa desse tipo aconteça em minha vida?”

Você alguma vez disse, ou pelo menos pensou, algo semelhante? Chegou a um ponto em que ter raiva de seu opressor não era mais suficiente? Em sua busca por respostas e justificação, apontou o dedo para o céu e protestou contra Deus pelo modo como ele o tratou? Talvez isso não seja tão explícito; talvez seja mais semelhante a um ressentimento nebuloso, que ferve em fogo brando.

Existe alguma ocasião em que temos o direito de sentir raiva de Deus?

Há alguma situação em que esses sentimentos e acusações são justificados? Deus tolera essa atitude rebelde das pessoas que ele criou? Nosso

relacionamento com ele inclui o privilégio de sermos honestos a esse ponto em nossas expressões?

Existe alguma ocasião em que temos o direito de sentir raiva de Deus?

Crer no impossível

Bill Elliff e sua esposa Holly são meus amigos de longa data. Bill experimentou a dor angustiante de ser traído pelo pai não na infância, mas na vida adulta. Sua infância e adolescência haviam sido quase constrangedoramente ideais. Seus pais eram exemplos de amor e compromisso. O pai era sinceramente dedicado a seu trabalho como pastor e líder em sua denominação. O ministério do casal era caracterizado por alegria e gratidão verdadeiras, a ponto de inspirar os três filhos a serem pastores e a filha a se casar com um pastor.

Bill, que havia terminado o seminário e exercia o ministério há algum tempo, às vezes refletia sobre como Deus tinha sido bondoso em sua vida e sobre quão pouco sofrimento ele e sua família tinham enfrentado.

A essa altura, seu pai havia deixado os trabalhos semanais na igreja local para atuar como consultor e supervisor de um grupo grande de

igrejas em sua denominação. Perto de se aposentar, havia alcançado seus alvos e ido além. Tinha vivido plenamente e, diante dele, estavam os anos dourados que ele compartilharia com a esposa de sua juventude, à qual ele havia sido fiel por mais de quatro décadas.

Foi então que o mundo desabou.

Alguém interferiu de modo insensível e impediu que o pai de Bill exercesse a última função ministerial importante que ele desejava antes de se aposentar. Em vez de receber graça de Deus para lidar com a decepção, ele permitiu que a amargura e o rancor criassem raízes em seu coração. Nessas condições, começou a aconselhar em seu escritório uma mulher que passava por um momento difícil no casamento.

Então, esse homem, a última pessoa da qual se esperaria tal atitude, se deixou envolver em um relacionamento imoral.

É evidente que Bill não ficou sabendo de imediato. Os sinais da infidelidade de seu pai foram aparecendo aos poucos. As suspeitas se cristalizaram em realidades difíceis de varrer para debaixo do tapete ou esquecer. Mesmo diante de

negações categóricas, as provas se acumularam. Por fim, quando pareceu absolutamente necessário saber a verdade, Bill e seus irmãos foram visitar os pais sem avisar. Incrédulos, fizeram a pergunta difícil e ouviram a confirmação da verdade dolorosa.

Teve início, então, uma montanha-russa de reviravoltas nauseantes que se arrastaram por vários anos. Coube à mãe de Bill a parcela mais pessoal e aflitiva das consequências desse ato vergonhoso de traição e rejeição. No entanto, mesmo diante das oscilações nas perspectivas e comportamento do marido, ela permaneceu firme em seu desejo de tratar da questão à maneira de Deus. Sem dúvida ela havia sofrido injustiça cruel e gratuita. Contudo, escolheu deixar que Deus consolasse seu coração. Escolheu perdoar.

Para Bill, porém, tudo o que ele sabia e em que havia acreditado a respeito da vida, de seu pai, de seu chamado e de Deus foi inundado por perguntas não respondidas.

“Por que Deus permitiu que isso acontecesse? Não estávamos tentando, como família, servir ao Senhor? Por que Deus não respondeu *de imediato* a

nossas orações? Como um Deus de amor podia permitir que seus filhos sofressem tanto? Deus é verdadeiramente fiel a suas promessas? Ou será que não?”

Certo dia, durante esse sofrimento aparentemente infindável, a mãe de Bill voltou para casa e não encontrou ninguém. Sobre a mesa, havia apenas um bilhete arrumado com cuidado. Tinham chegado a esse ponto, a esse arremedo lamentável de um desfecho. Como a última página de um romance que os leitores esperavam que mudasse de rumo e terminasse bem, aquele pedaço de papel deu expressão triste e silenciosa ao que todos mais temiam.

O pai havia ido embora. Com a outra mulher. E não voltaria.

Até quando, ó Senhor?

Voltaremos à história de Bill mais adiante no capítulo. Agora desejo fazer uma pausa para tratar dessa reação bastante natural à dor e à angústia, essa tendência de ficarmos insatisfeitos com Deus e com raiva dele quando outros nos prejudicam ou nos ofendem.

Cheguei à conclusão de que, em maior ou menor grau, toda amargura se direciona em última análise contra Deus. Talvez se disfarce de raiva contra um indivíduo ou contra um grupo específico que nos ofendeu, mas, na verdade, vai muito além.

Parece que todos nós sabemos intuitivamente que Deus tem poder para resolver nossos problemas, se ele assim o desejar.

Portanto, quando a mágoa se transforma em amargura, quando damos espaço, tempo e oxigênio para o rancor criar vida própria, a ideia de um Deus poderoso que não se importa conosco o suficiente para intervir em nossa situação começa a nos

perturbar. Vai contra tudo o que fomos levados a crer a respeito de sua bondade e justiça, contra a imagem que formamos em nossa mente de um Deus imparcial que, no final, coloca tudo em ordem.

As orações e os clamores fervorosos dos salmos parecem até nos dar certa permissão de nos sentirmos dessa forma. Não precisamos de uma concordância bíblica para encontrá-los. A transparência emocional desses versículos transborda de quase todas as suas páginas.

> Até quando, SENHOR? Tu te esquecerás de mim para sempre?
> Até quando esconderás o rosto de mim? […]
> Até quando o meu inimigo se exaltará sobre mim? (Sl 13.1,2).

> Tudo isso nos sobreveio.
> Todavia, não nos esquecemos de ti,
> nem traímos a tua aliança.
>
> Nosso coração não voltou atrás,
> nem nossos passos se desviaram dos teus

caminhos.
Apesar disso, tu nos esmagaste onde habitam os chacais
e nos cobriste de trevas profundas […]

Desperta! Por que dormes, Senhor?
Acorda! Não nos rejeites para sempre.
Por que escondes o rosto
e te esqueces da nossa tribulação e da nossa angústia?
(Sl 44.17-19,23,24).

Houve momentos em que Jó também não teve medo de apontar, sem rodeios, para a aparente injustiça de Deus:

Mas falarei com o Todo-poderoso,
quero defender-me diante de Deus. […]
Por que escondes o rosto
e me consideras teu inimigo? (Jó 13.3,24).

Longe demais?

Podemos ser honestos com Deus? Sem sombra de dúvida.

Não somos incentivados a ter ira justa contra o pecado, mesmo contra as transgressões cometidas contra nós? Sim.

A certa altura, porém, nossas perguntas honestas a Deus passam do ponto e se tornam expressões de um coração orgulhoso. Insubordinado. Exigente.

As Escrituras nos advertem a não deixar que a ira justa se transforme em pecado: "Na vossa ira, não pequeis…" (Sl 4.4). Em vez disso, o salmista nos exorta a ponderar: "… consultai o coração no travesseiro e aquietai-vos. Oferecei sacrifícios de justiça e confiai no SENHOR" (v. 4b,5).

Deus é Deus. Nós não somos.

Em vários aspectos, essa é a base para nosso relacionamento com ele. Além disso, ele nos ama, cuida de nós e está operando no meio da situação

terrível de uma forma que poderia ser difícil de acreditar, mesmo que ele escrevesse no céu com nuvens e fumaça.

Em sua sabedoria e seu amor inescrutáveis, Deus é capaz de usar as circunstâncias mais angustiantes da jornada que você percorre neste mundo decaído para refiná-lo, purificá-lo, levá-lo a dar frutos e engrandecer a graça e a glória divinas por meio de sua vida. Sei que, às vezes, é difícil acreditar. Sei que talvez lhe pareça impossível suportar a dor mais uma semana, um dia, uma hora sequer.

No entanto, a meu ver, a ira incontida contra Deus nasce de uma visão distorcida a respeito dele, da ideia de que ele o está ignorando sem a mínima consideração, de que ele não se importa com o que está acontecendo com você.

A verdade é que ele está passando por essa experiência com você e por você. Gosto muito do versículo em Isaías que mostra tão ternamente como Deus tratou os filhos de Israel (mesmo quando estavam colhendo os frutos de suas escolhas pecaminosas): “Em toda a angústia deles, ele também ficou angustiado…” (Is 63.9).

E em toda a *sua* angústia, ele também fica angustiado.

Ele está com você no meio de seu sofrimento. Ajudando-o. Amando-o. Sofrendo com você. Conduzindo-o de volta para ele, aproximando-o dele e tornando-o mais dependente da graça e do poder dele.

À medida que você crescer em conhecimento e confiança no coração dele, será capaz de enfrentar a cruz, como Jesus a enfrentou nas sombras aterrorizantes do Getsêmani, e ainda dizer, em meio às lágrimas: “Não seja feita a minha vontade, mas a tua”.

E se?

Noemi, sogra de Rute, é um exemplo bíblico clássico desse dilema.

Você já viu seu cônjuge tomar uma decisão deveras imprudente e depois descobriu, com o passar do tempo, que *você* sofreria as consequências mais pesadas? Você foi a parte que teve de pagar mais caro pelo erro de outra pessoa?

Então vai identificar-se com o solo fértil para a amargura na vida de Noemi.

Durante um período de escassez de alimentos em Belém, cidade natal do casal, o marido de Noemi, Elimeleque, tomou uma decisão precipitada e se mudou com a família para Moabe "por um tempo", até passar a crise (Rt 1.1). Infelizmente, "um tempo" se transformou em muitos anos. E, antes que pudessem voltar para casa como haviam planejado, Elimeleque faleceu. O regresso de Noemi a sua terra se tornou ainda mais improvável e suas raízes se aprofundaram ainda mais em solo

pagão quando seus dois filhos escolheram casar-se com mulheres moabitas. Nos anos subsequentes, porém, a tragédia sobreveio novamente, duas vezes, e seus dois filhos morreram. As duas jovens esposas ficaram viúvas.

E Noemi ficou sem família.

Na conhecida história de seu regresso a Belém com a nora, Rute, a Bíblia registra a reação dos habitantes da cidade quando essa mulher, que tinha ido embora com seu marido em busca de fartura, voltou mais vazia que antes, não apenas de corpo, mas
de alma.

“Será que esta é Noemi?”, perguntaram entre si. Era a mesma mulher que, em outros tempos, talvez houvesse sido tão agradável e alegre, tão vigorosa e contente como esposa e mãe, antes de seu marido a levar para longe de tudo o que ela conhecia e ir atrás de uma solução imprudente para os problemas da família? No final, por mais que Noemi tenha concordado com os planos de mudança, ela concluiu que a decisão insensata do marido a havia arruinado. Para ela, a vida tinha acabado.

Ela lhes disse: “Não me chameis Noemi

[‘agradável’], mas, sim, Mara [‘amarga’], pois *o Todo-Poderoso* tornou a minha vida muito amarga. Na fartura parti, mas *o SENHOR* me trouxe de volta de mãos vazias. Por que me chamais Noemi, visto que *o SENHOR* se colocou contra mim e *o Todo-Poderoso* me afligiu?” (Rt 1.20,21).

Reparou quem ela culpa por sua calamidade? Noemi e Elimeleque haviam feito uma escolha. Se tudo tivesse corrido bem, provavelmente teriam dado tapinhas nas costas um do outro por terem sido astutos, superado a calamidade natural e conseguido interpretar sua situação de modo tão apropriado.

Mas as coisas não tinham dado certo. E, ao que parece, a culpa era de Deus.

Você já passou por isso? Foi vítima de suas próprias escolhas e, talvez, das escolhas infelizes de outros? Em vez de assumir responsabilidade por elas ou escolher perdoar quem o desencaminhou ou o maltratou, encheu-se de raiva contra Deus por permitir uma reviravolta inesperada, por não livrá-lo do aperto e não intervir quando ainda era possível evitar a calamidade?

Nesse ponto, algumas pessoas sugerem que é

necessário “perdoar Deus”, como se ele tivesse errado e precisasse de nosso perdão. *Nós*? *Perdoar Deus*? Pense nisso. Mesmo quando esse conselho vem de alguém que não tem a intenção de ofender nem de se intrometer, é quase blasfemo. Imaginar que temos esse tipo de poder sobre o Deus justo e soberano é aviltar o nome dele e inflar nossa própria importância.

Não, Deus não precisa de nosso perdão. Ele nunca erra. Aliás, aquilo que você possivelmente considera uma injustiça da parte dele talvez seja, na verdade, a melhor coisa que poderia lhe acontecer. No mínimo, como sabemos, pela graça onisciente do Pai, o que ocorreu pode ser transformado para seu bem, para a glória dele e para o avanço de seu reino eterno.

Peço-lhe, portanto, que olhe novamente dentro do coração de Deus e veja Alguém que tem um plano mais profundo e mais amoroso para sua vida — mesmo no meio desse caos doloroso — do que você jamais seria capaz de imaginar por sua própria conta. Pode estar certo de que, se escolher sujeitar-se a ele durante essa provação de sua fé, a presença e a provisão dele bastarão. Ele usará essa decepção,

esse desgosto, essa circunstância indescritível a fim de ensiná-lo e instruí-lo e a fim de cumprir os propósitos santos e eternos que tem para sua vida.

A alternativa, ter raiva de Deus, só piora as coisas e adia ainda mais sua cura.

O que você diz?

Noemi não entendeu. Até mesmo o termo que ela usou para Deus em sua resposta veemente — *El Shaddai*, o "Todo-Poderoso", Aquele que é plenamente suficiente — apenas enfatizou a profundidade de sua raiva e desilusão. "Claro que vocês o chamam Todo-Poderoso, Jeová plenamente suficiente, todos esses títulos magníficos com os quais vocês se iludem, mas eu não. Em minha vida ele certamente não fez jus a seu nome."

Outro dia, uma amiga me falou de uma conversa que teve recentemente com sua irmã, que sofreu perdas imensas e que tem falado de modo semelhante a Noemi. Essa mulher cristã tem a impressão de que Deus deu as costas para ela e não correspondeu a suas expectativas; agora, leva sua vida de forma independente de Deus e toma decisões contrárias à Palavra dele. Embora não reconheça esse fato, ela voltou sua raiva e sua amargura contra Deus.

E você? Tem a impressão de que Deus não fez jus ao nome dele em sua vida? Parece que ele é uma coisa nos sermões e nas aulas de escola dominical e outra bem diferente quando você mais precisa dele?

Ouça a si mesmo. O que você tem dito a respeito dele? O que sua vida tem comunicado a outros sobre ele?

Tudo o que Noemi conseguia fazer era falar de quanto Deus a havia maltratado. Mas, quando as pessoas escutam *você* falar o nome de Deus, ou descrever o caráter dele, ou se ressentir das circunstâncias de sua vida, o que elas são levadas a concluir a respeito dele?

Fiquei comovida com a carta que o pastor John Piper enviou a seus muitos leitores, ouvintes e amigos depois que recebeu o diagnóstico de câncer de próstata.[2] Mesmo alguém com uma firme base bíblica como a dele poderia não ter reagido a uma notícia dessas com graça e temor a Deus.

Mas foi o que ele fez. E suas palavras inspiraram meu coração, como o chamado de Deus que atravessa a vastidão da eternidade, lembrando-nos que devemos nos manter firmes nessa jornada

temporária chamada vida humana, certos de que nosso Pai no céu está fazendo tudo de modo correto.

Depois de relatar seu diagnóstico, Piper comentou:

> É claro que essa notícia foi boa para mim. [Essa frase me deixou boquiaberta: "Essa notícia foi… *boa* para mim"? Foi um erro de digitação? Não. Prossiga com a leitura.] As coisas mais perigosas do mundo são o pecado de depender de si mesmo e a letargia do mundanismo. A notícia de que eu tenho câncer teve um efeito maravilhosamente devastador sobre ambas. Agradeço a Deus por isso. Os momentos com Cristo nestes dias têm sido extraordinariamente doces […]
>
> Deus projetou essa tribulação para meu bem e para seu bem […] Portanto, eis minha oração: "Senhor, para tua grande glória, não permita que eu deixe passar quaisquer bênçãos santificadoras que o Senhor tem para mim em meio a essa experiência".

Ao ler essas palavras, pensei: “Esse homem verdadeiramente acredita naquilo que prega! Está colocando essas convicções em prática no meio da fornalha ardente”.

Noemi enxergou as coisas de forma bem diferente.

Não há dúvida de que ela sofreu um bocado. Foi obrigada a enfrentar dificuldades pelas quais provavelmente não teve culpa alguma. Mas, em vez de se refugiar em Deus, sua atitude diante dele foi de amargura. E as provas disso ficaram visíveis em seu rosto.

Lembro-me de um versículo que mencionei anteriormente, Hebreus 12.15, a respeito da “raiz de amargura” que “brotando, vos [perturba] e muitos [são] contaminados por meio dela”.

Tenho visto, repetidamente, o estrago que “Noemis” podem fazer no casamento, na igreja, no local de trabalho, no ministério, nas amizades e na família. Sua amargura e sua raiva de Deus e de outros são nocivas, embora, com frequência, elas sejam as últimas a reconhecer tanto esses sentimentos como o efeito deles sobre as outras pessoas. Em suas tentativas de curar as próprias

feridas ou de despertar compaixão e compreensão, contaminam o mundo ao seu redor.

Nossa raiva de Deus torna-se inevitavelmente veneno que se espalha muito além de nosso coração, como aconteceu com Noemi. Aquilo que parece tão intensamente pessoal torna-se impossível de conter dentro de nós. E, com certeza, torna-se visível.

Anseios não concretizados

Talvez sua raiva de Deus tenha nascido de um sonho que ele não permitiu que se realizasse, de uma promoção dada a alguém que a merecia menos, de uma dificuldade financeira que o tem obrigado a viver muito abaixo do padrão ao qual você estava habituado.

Talvez sua raiva de Deus seja resultante de você não ter se casado num mundo em que todas as pessoas à sua volta são casadas.

Ou talvez você esteja com raiva de Deus porque não consegue ter filhos.

Por que ele nos provocaria desse modo em uma área tão vulnerável de nossa vida? E, ainda assim, precisamos aprender a aceitar o que recebemos ou deixamos de receber dele. Precisamos aprender a nos prostrar diante de sua soberania.

Tudo se resume a uma escolha: culpar Deus e vociferar contra ele por seus supostos caprichos de crueldade enquanto nos queixamos e insistimos em

ter as coisas como desejamos. Ou confiar que ele sabe o que está fazendo, que ele está operando em nós para nos purificar e nos preparar para uma vida de maior serviço e utilidade, ao empregar um de seus mais excelentes mestres, o tempo, para expandir nosso coração e ampliar nossa visão.

Esse é o trabalho árduo de Isaías 26.3, a disciplina submissa de manter nossa mente "firme" no Senhor, confiando nele de maneiras que não enxergamos nem entendemos, em situações nas quais precisamos aprender a nos contentar com o mistério.

Pilotos de linha aérea têm de aprender a ler os instrumentos da aeronave e a confiar neles. Quando entram em uma tempestade ou em condições de ausência total de visibilidade, pode acontecer de ficarem desorientados; seu senso de direção se inverte e pode enganá-los facilmente, levando-os a tomar decisões que colocariam vidas em perigo. Nessas situações, precisam fazer a escolha consciente de acreditar nos instrumentos, e não em seus instintos ou sentimentos.

Para os cristãos, a Palavra de Deus é o painel de instrumentos. Haverá

Quanto mais tempo vivo debaixo da providência de Deus, mais prontamente consigo confiar nele quanto aos mistérios insolúveis da vida.

ocasiões em que, em meio a uma "ausência total de visibilidade", nossos sentimentos nos trairão, discordarão da Palavra de Deus e afirmarão que ele não se importa ou que ele errou. Nesses momentos, não podemos nos atrever a confiar em nossos sentimentos, antes devemos tomar a decisão de crer naquilo que o Instrumento nos diz que é verdade.

Somos seres governados por emoções e sentimentos. Mas nós "não [aprendemos] assim de Cristo" (Ef 4.20). Parte do processo de sermos transformados em novas criaturas consiste em não permitir que nossos sentimentos tenham acesso pleno e inquestionável à "cabine de comando".

Aqui, as linhas que separam cristãos de não cristãos começam a divergir. Não é de admirar que reste ao incrédulo pouca coisa a fazer além de ficar

com raiva de Deus quando a vida o maltrata. Não há nada maior e mais persuasivo para deter sua explosão emocional, não há um instrumento constante e objetivo que possa lhe dar uma perspectiva correta e nortear sua reação.

No entanto, por meio de nossa redenção, *porque fomos perdoados*, recebemos poder, pela graça de Deus, para submergir nossa raiva humana ardente e emotiva na confiança legítima no propósito eterno e amoroso de Deus para nossa vida.

Quanto mais tempo vivo debaixo da providência de Deus, mais prontamente consigo confiar nele quanto aos anseios não realizados e aos mistérios insolúveis da vida. Mais alegremente sou capaz de amá-lo e adorá-lo e de me contentar com aquilo que ele provê. E mais pacientemente consigo esperar pelo dia em que a fé se transformará em visão, e tudo o que não faz sentido para meus referenciais limitados será esclarecido.

Perdão próximo da morte

Do ponto de vista humano, a mãe de Bill Elliff tinha todos os motivos do mundo para permitir que uma raiz de amargura brotasse em seu coração depois do pecado de seu marido contra ela. Então, como se não bastasse o sofrimento, cerca de um ano depois que seu marido saiu de casa, ela desenvolveu mal de Alzheimer. Mais uma possível razão para ter raiva de Deus.

Não faço ideia de como aquele ano havia sido para ela. (Talvez você faça.) Mas posso imaginar que, naquele momento, mais que nunca, teria sido fácil ressentir-se das consequências das ações insensíveis de seu marido: ser obrigada a suportar a lenta e assustadora perda de suas faculdades mentais e de sua percepção sem ter ao seu lado um marido carinhoso para apoiá-la e ampará-la, evitar que passasse vergonha e impedir que suas limitações crescentes se tornassem tão evidentes para todos.

Seu casamento havia acabado. Sua saúde estava indo por água abaixo. Que motivo restava para confiar em Deus?

Certo dia, Bill usou sua chave para entrar no apartamento que a família havia alugado para a mãe perto da casa dele, para que ele e a irmã pudessem cuidar melhor dela. Estava tudo em silêncio. Quieto demais. Quando ele entrou no quarto dela, percebeu que havia algo errado.

A mãe estava quase morta. Bill a pegou nos braços e correu com ela para o hospital mais próximo, onde os médicos confirmaram que ela havia sofrido uma hemorragia cerebral. Antes do fim do dia, ela havia entrado em coma; os médicos tinham poucas esperanças de que ela sobrevivesse até a semana seguinte.

No entanto, uma semana depois, ela recobrou a consciência inesperadamente e começou a falar de modo ininteligível. Bill e a irmã tiverem de se esforçar para entender. Somente uma palavra ficou clara, e ela a repetiu três vezes.

“Perdoar… perdoar… perdoar.”

No dia seguinte, enquanto a família estava reunida em torno de seu leito cantando, orando,

lendo a Bíblia e compartilhando lembranças com a mãe, que ainda estava consciente, o telefone tocou.

Era o pai de Bill.

A família passou o telefone para a mãe e a ouviu fazer um esforço imenso para articular palavras de perdão e amor, presentes de despedida repletos de graça para o homem que havia ferido seu coração, mas que não conseguiu roubar dela sua confiança em um Deus gracioso e bondoso. Na manhã seguinte, durante um momento de lucidez que lhe permitiu expressar os sentimentos de todo o seu ser, ela disse ao filho: “Billy, não foi ótimo seu pai ligar? Era justamente isso que estávamos pedindo em oração, para que ele voltasse para o Senhor!”.

Mais tarde, naquela noite, ela voltou a perder a consciência. Passou cinco semanas em um coma do qual nunca voltou. Alguns dias antes de ela ir para o lar celeste, a família toda se reuniu ao redor de seu leito pela última vez: filhos, filha, genro, noras, netos…

E seu marido.

Logo no início de seu sofrimento, a mãe de Bill havia entendido que não

voltaria a ficar casada com seu companheiro de tantos anos. Sabia que sua vida nunca mais seria a mesma. Mas, ao lutar com suas emoções e com os efeitos avassaladores desse trauma inesperado no fim de seus dias, ela chegou ao ponto em que se rendeu ao Senhor e disse: “Meu maior desejo, Pai, é que o Senhor seja glorificado”.

Existe alguma ocasião em que temos o direito de sentir raiva de Deus?

Ela poderia ter escolhido a raiva. Teria sido natural.

Poderia ter se afastado de Deus e recusado tudo o que ele tinha a oferecer. Alguns de seus amigos provavelmente teriam concordado.

Em vez disso, ela se entregou aos propósitos do Senhor e conseguiu vê-los se cumprirem.

E você? Está em uma situação tão incerta e insustentável quanto a de Bill, seus irmãos e sua mãe? Sentiu vontade de urrar contra Deus entre dentes cerrados, bater com os punhos nas portas do céu que parecem friamente cerradas para seu coração e sua vida?

Ouça a pergunta que Deus fez duas vezes para seu profeta ressentido: “É razoável essa tua ira?” (Jn 4.4,9).

Ele conhece seu coração, meu querido. Ele não o abandonou. E, ao confiar na sabedoria, bondade e amor soberanos do Senhor, pode ser que você também veja, um dia, a bela restauração de tudo pelo que orou.

Mesmo que isso não aconteça, porém, você terá se refugiado na vontade e no cuidado de Deus, um lugar bendito, alcançado apenas por aqueles que confiam no coração dele e continuam a confiar, mesmo quando as trevas os cercam.

Aplicação pessoal

- Você já experimentou alguma decepção, mágoa ou anseio não realizado que o levou a questionar a bondade ou a sabedoria de Deus? Qual foi sua reação?

- O que sua atitude típica diante de adversidades comunica para os outros a respeito de Deus?

- "A ira incontida contra Deus nasce de uma visão distorcida a respeito dele" (p. 120). Que passos você pode dar para cultivar uma visão mais correta de Deus e aprofundar sua confiança nele?

---

[1]*Cartas de um diabo a seu aprendiz*, tradução de Juliana Lemos (São Paulo, WMF Martins Fontes, 2009).

[2] John Piper, Jan. 6, 2006, carta.

CAPÍTULO 7

O QUE É E NÃO É O VERDADEIRO PERDÃO

O cristianismo não faz pouco do pecado […], pelo contrário,
considera tão sérios os pecados contra nós, que, a fim de corrigi-los,
Deus entregou seu próprio Filho para sofrer mais do que jamais
seríamos capazes de fazer outros sofrerem
pelo mal que nos causaram.[1]

JOHN PIPER

Espero que ao longo da leitura deste livro o Senhor tenha verdadeiramente falado ao seu

coração a respeito da importância e da necessidade de perdoar. Conforme você reflete sobre situações específicas de sua vida em que o perdão é mais difícil, eu peço a Deus que você veja não apenas a profundidade de seus pecados, perdoados por Deus em Cristo, mas também a profundidade da fonte de graça divina que, neste momento, pode lhe dar todo o necessário para demonstrar misericórdia a outros.

Essa graça está presente. *Deus* está presente. Se você escolher perdoar.

É possível que, mesmo depois de ler as passagens bíblicas e analisar os conceitos dos quais tratamos, ainda pareça doloroso e difícil demais cogitar o perdão. Ou talvez, verdade seja dita, você prefira continuar alimentando a dor e sentindo certo prazer no ressentimento em vez de abrir mão da ofensa. De qualquer modo, você ainda não está pronto para perdoar. Se esse é o seu caso, sinto-me impelida a lhe dar, com amor, uma advertência muito séria.

Sua resistência em confiar em Deus e obedecer-lhe nessa questão, mesmo que seja resultante mais de exaustão e autopreservação que de dureza absoluta de coração, manterá o ambiente de sua

vida contaminado com o veneno da amargura. Talvez você não tenha consciência de seus efeitos nocivos no dia a dia, mas isso interromperá o fluxo da graça de Deus em sua vida. Satanás usará essa amargura como ponto de apoio para levar vantagem sobre você, para apontar um dedo acusador e dizer que você não é tudo aquilo que diz ser — e que Deus não é tão forte e amoroso quanto você gostaria de imaginar.

Isso não significa que a injustiça que você sofreu não seja terrível. No entanto, não há consolo no rancor. Ele não traz lenitivo algum. Não o leva a lugar algum. Por que deixar que continue a corroê-lo, se a força de Deus está tão ao seu alcance, tão pronta para lhe dar alívio?

O perdão não é comprovado por sentimentos.

Dito isso, sei que muitas pessoas que desejam sinceramente perdoar aceitaram mitos e conceitos equivocados que frustraram suas melhores tentativas de oferecer perdão. Elas adotaram uma interpretação errada de como expressar perdão, dos sentimentos que deve

inspirar, de como o perdão deve ser. Consequentemente, não conseguem completar sua jornada rumo à liberdade.

Neste capítulo, trataremos de quatro mitos comuns sobre o perdão que se fazem passar por verdades. Obviamente há outros, mas estes parecem ser os mais amplamente aceitos e estão entre os que causam mais confusão. Se você é vítima de algum desses conceitos equivocados, à medida que a luz da Palavra dissipar a névoa, você poderá caminhar ao ar livre com Deus, de cabeça erguida, braços amparados por força divina extraordinária, coração pulsando de gratidão pela graça transbordante em
sua vida.

Isso não parece perdão

Talvez você tenha sido enganado pela suposição comum de que (1) *perdão e sentimentos agradáveis andam de mãos dadas*.

É possível que você verdadeira e sinceramente tenha confiado que Deus o ajudaria a perdoar seu ofensor. Entregou seu coração a Deus, colocou tudo diante dele e abriu mão de seu direito de castigar a pessoa que o magoou. Mas então o telefone toca. Chega o aniversário da pessoa. Surge uma situação em que ela demonstra a mesma insensibilidade de sempre.

E suas emoções começam a entrar em ebulição novamente.

A essa altura, muitos concluem: “Pelo visto, ainda não perdoei de verdade; se tivesse perdoado, não estaria me sentindo dessa forma”.

No entanto, o perdão não é comprovado por sentimentos, assim como não é motivado nem possibilitado por eles. O perdão é uma escolha.

Sentimentos com frequência não são. É plenamente possível perdoar alguém da forma correta, como Deus requer, e ainda assim ter pensamentos contrários à decisão que você tomou.

Em vários aspectos, o perdão não é complicado, como física quântica. Embora muitas vezes seja difícil concordar com as exigências da Bíblia e segui-las, ela as apresenta para nós de forma razoavelmente objetiva.

Ao mesmo tempo, contudo, perdoar não é uma ciência *exata*. Não é como plantar bulbos de tulipa, que você coloca na terra no inverno e depois se esquece deles até a primavera, quando brotam lindos e cheios de vigor. A vida prossegue e, por vezes, sentimentos antigos voltam quando você não está prestando atenção. São desenterrados e precisam ser manuseados novamente e replantados. São deixados à sua porta e você precisa lidar com eles outra vez.

Isso não anula, porém, o que você fez. Apenas lhe dá a oportunidade de permitir que Deus governe suas emoções, de permanecer no curso escolhido e de continuar a perdoar — pela fé.

Não podemos simplesmente esquecer?

Muitas pessoas também acreditam no mito de que (2) *perdoar significa esquecer*. Citam a passagem das Escrituras sobre como Deus nos perdoou e afastou nossos pecados de nós "como o Oriente se distancia do Ocidente" (Sl 103.12).

No entanto, em momento algum a Bíblia diz que Deus se "esquece" de nossos pecados. Como um Deus que sabe todas as coisas poderia se esquecer de algo? Em vez disso, a Bíblia diz que ele não "[levou] em conta" nossos pecados contra nós (2Co 5.19). Ele escolheu não se lembrar deles contra nós (Hb 10.17), não voltar a mencioná-los, nunca mais nos acusar deles nem nos condenar por eles. Ele nos deu o exemplo da promessa silenciosa do perdão.

A lembrança de feridas do passado pode

Portanto, o fato de você não ser capaz de esquecer a ofensa não significa necessariamente

ser
um excelente ponto
de partida para
ministrar
a outros que estão
sofrendo.

que você não a perdoou.

Talvez sejamos tentados a imaginar que seria maravilhoso simplesmente nos esquecermos da dor, que seria muito mais fácil perdoarmos se não tivéssemos de lidar com as recordações. Seria ótimo se Deus pegasse uma borracha e apagasse de uma vez de nossa mente todas as imagens negativas do passado, não é mesmo?

Não tenho tanta certeza. Descobri que as recordações mais dolorosas do passado podem ser fortes lembranças da graça e do perdão de Deus, monumentos vivos de sua misericórdia em minha vida, marcos que me ajudam a continuar a depender dele e confiar nele.

Além disso, a lembrança de feridas do passado pode ser um excelente ponto de partida para ministrar a outros que estão sofrendo.

Se não nos recordássemos de como é ter o coração exposto e descoberto, ferido pelos golpes

do pecado e da injustiça, como seríamos capazes de entender a dor das pessoas ao nosso redor? Como poderíamos tratá-las com sensibilidade e compaixão? E como poderíamos lhes oferecer consolo verdadeiro se não conseguíssemos nos identificar, pelo menos em certa medida, com seu sofrimento?

Essas memórias nos ajudam a entender como é fácil alguém ser consumido por raiva e afundar em desespero. Dão-nos a capacidade de olhar nos olhos de outros e dizer: “Eu passei por isso. Eu sei. E posso lhe garantir que a graça de Deus é suficiente para você”.

As Escrituras nos lembram que a aflição não apenas nos permite receber consolo profundo e rico do Senhor, mas também serve de base para consolarmos e ministrarmos a outros:

> Bendito seja o […] Pai das misericórdias e Deus de toda a consolação, que nos consola em toda a nossa tribulação, *para que também sejamos capazes de consolar os que passam por alguma tribulação*, por meio da consolação com que nós mesmos somos consolados por

Deus (2Co 1.3,4).

Temos aqui algo extremamente importante. Perdoar é muito mais que uma forma de lidar com nossas mágoas. A misericórdia e a graça de Deus bem como as lições que aprendemos ao longo do caminho devem ser oferecidas a outros como canal de bênção.

Aquilo que Deus investiu *em* nós não é apenas *para* nós.

Graças a Deus porque, em sua misericórdia, ele escolhe manter algumas coisas eternamente ocultas de nosso banco de memórias. Mas graças a Deus também porque, à medida que nos concede graça, ele escolhe deixar em nossa lembrança o suficiente para que sejamos úteis no ministério a outros.

Se fôssemos capazes de esquecer completamente, seria muito fácil nos tornarmos narcisistas e inúteis. No fundo, sabemos que isso é verdade.

Perdão como processo

O terceiro mito que impede muitos de experimentarem a realidade e a bênção do perdão em sua vida é a ideia de que (3) *o perdão requer um longo e demorado processo e não pode ocorrer enquanto não houver cura completa*.

Ouvi pessoas dizerem: “Estou caminhando para o perdão” ou “Estou no processo de perdoar”, por vezes até mesmo depois de anos de aconselhamento ou terapia. Não há dúvida que, para alguns, lidar com as ofensas terríveis que foram obrigados a suportar pode ser uma jornada longa e árdua. Há todo um percurso para chegar ao ponto em que o perdão seja uma ideia minimamente aceitável.

Mas digo por experiência própria que alguns cristãos passam anos a fio “trabalhando para chegar ao perdão” sem sucesso. Aliás, iria mais longe e diria que, enquanto eles consideram o perdão um processo em andamento, raramente ele se realiza.

A escolha de perdoar não precisa implicar um

processo longo, assim como o perdão que Deus nos oferece não é uma sucessão lenta de acontecimentos e momentos do tipo “vamos ver no que vai dar” e “só quando eu estiver pronto”.

Sem dúvida, pode levar tempo para a restauração e a reconciliação se concretizarem, e pode exigir sério empenho, que vai além de apenas uma oração ou uma decisão isolada. À medida que você entender melhor as circunstâncias, bem como os caminhos de Deus, é possível que o perdão chegue a camadas mais profundas de seu coração.

Mas, *pela graça de Deus*, *você pode escolher perdoar em um momento específico*, de modo proporcional a seu entendimento nesse momento. E, embora talvez seja necessário muito mais empenho adiante, a realidade de ser liberto da prisão de seu rancor pode acontecer hoje. Neste momento. Um fato consumado.

Há quem proponha que o perdão deve acontecer no final de um longo processo de cura. Embora seja verdade que a cura da mente, das emoções e do coração leva tempo e implica um processo de crescimento, se esperarmos até estarmos plenamente restaurados para perdoar, é provável

que nunca o façamos.

Em minha opinião, geralmente o perdão *pontual* é seguido de um *processo* de cura e restauração, e não o contrário. A disposição de perdoar com frequência é o início da verdadeira cura. Tomar a decisão de perdoar permite que entremos plenamente no processo de restauração.

Assim como você recebeu a graça *de Deus* em um momento específico, pode oferecer graça a outros como expressão imediata de sua vontade. Então, à medida que amadurecer em Cristo, os frutos do perdão começarão a surgir. Seu coração se tornará mais sensível. Suas palavras perderão a acidez da raiva. Suas reações se tornarão menos precipitadas e rígidas, mais bondosas e moderadas.

Portanto, embora seja verdade que fazemos *progresso* no perdão, ele não é um *processo* pelo qual temos de passar. Ele acontece, e depois se desenvolve dentro de nós.

Perdão futuro

O último mito a ser desmascarado é a crença de que (4) *o perdão deve sempre melhorar a situação*.

Faz parte do fato de sermos humanos, criados à imagem de Deus, esperarmos que a vida siga um movimento ascendente e se torne cada vez mais rica, plena e gratificante. Por isso cineastas elaboram histórias que se intensificam à medida que caminham para um clímax emocionante. Por isso os projetistas de brinquedos de parques de diversão criam montanhas russas que começam devagar e terminam em alta velocidade. Por isso concertos e espetáculos de fogos de artifício têm um "grande final".

Em geral, porém, não é assim que a vida funciona em nosso mundo decaído. Sem dúvida, para os crentes em Cristo, que sabem que os anos aqui na terra são apenas uma pequena fração de nossa vida eterna, há a garantia de um grande e eterno clímax à nossa espera na glória.

Nesse ínterim, para que possamos viver em paz com Deus e com os outros, o perdão tem de ser um modo de vida. Assim como você sofreu injúrias no passado, certamente enfrentará situações futuras em que voltará a ser ofendido, caluniado e tratado de modo injusto.

Repetidamente ao longo da vida, em seu casamento, com seus filhos, no lugar de trabalho, na igreja e até mesmo no ministério, você se verá na mesma encruzilhada: perdoar ou guardar ressentimento e amargura?

Tempos atrás, durante minha hora devocional, meditei sobre 2Timóteo, que, de acordo com a maioria dos estudiosos, foi a última carta escrita por Paulo na prisão, pouco antes de ser executado. Até mesmo naquele momento, depois de tantos anos de serviço fiel ao Senhor, Paulo teve de lidar com novas ofensas.

Com medo de represálias do governo repressor de Nero, “todos os da província da Ásia […] abandonaram” Paulo (1.15, NVI). Além deles, “Alexandre, que [trabalhava] com bronze”, tinha causado sérios problemas para o ministério do apóstolo. Ele o havia prejudicado

consideravelmente (cf. 4.14) e talvez estivesse feliz de vê-lo na prisão.

Outros haviam apoiado a pregação do evangelho e ajudado Paulo em seu chamado e ministério ímpares, mas, quando o preço da amizade se tornou alto demais e exigiu coragem à altura de suas convicções, "ninguém [o] ajudou". Pelo contrário, todos o abandonaram. Mas a reação do apóstolo a essa triste decepção fica evidente em suas palavras: "… *Que isto não lhes seja cobrado*" (4.16).

Como ele conseguiu ter essa atitude? Como foi capaz de perdoar e continuar perdoando, mesmo diante de novas mágoas e ofensas?

Como agir desse modo quando um funcionário recém-contratado parece ter prazer em questionar sua competência? Como fazê-lo quando o antigo e secreto vício de seu marido em pornografia *on-line* vem à tona e a acerta em cheio com rejeição e traição?

Ou talvez seja algo muito menos grave, algo do cotidiano. Como perdoar o vizinho cujo cachorro late a noite toda e não deixa você dormir? Como demonstrar misericórdia pelo amigo que

transformou sua confidência em um pedido para o grupo
de oração?

Formar o hábito

Creio que essa capacidade de Paulo nasceu de pelo menos três bons hábitos que ele havia aprimorado ao longo dos anos; dois deles são mencionados de modo específico nesta passagem de 2Timóteo e o outro parece estar logo abaixo da superfície.

1) *Paulo exercitava confiança total no poder e no plano eterno de Deus*. Não estava alheio ao que ocorria ao redor dele ou com ele. Não vivia em iludida negação nem tentava "esquecer" aquilo que os outros lhe haviam feito. Em vez disso, ele lidava com os golpes à luz desta verdade: "O Senhor me livrará de toda obra má e me levará a salvo para o seu reino celestial…" (4.18). Paulo sabia que indivíduos como Alexandre, que o haviam prejudicado, teriam de prestar contas a alguém mais: "… o Senhor lhe retribuirá segundo as suas ações" (4.14).

Quando você se sentir sobrecarregado por sua incapacidade de lidar com a dor, quando sua mente

for atormentada por respostas incisivas que você gostaria de ter dado a seu ofensor, quando o peso se tornar insuportável, tome a decisão de lançar suas preocupações sobre o Senhor. Transforme sua fraqueza em oração. Renda-se inteiramente à graça de Deus e confie que ele tratará da situação à maneira e no tempo dele.

2) *Paulo se preocupava mais com seu chamado que com seu conforto*. Ele sabia que a proclamação do evangelho, a força motriz de todo seu trabalho e de seu empenho, era mais importante que qualquer drama de sua vida pessoal. Sabia que o poder do Senhor não visava apenas ao seu próprio benefício, daí declarar: “Mas o Senhor esteve ao meu lado e me fortaleceu, para que por meu intermédio a pregação fosse anunciada e todos os gentios a ouvissem…” (4.17).

Deus tem forças suficientes para lhe conceder? Sem dúvida alguma. Ele é capaz de livrá-lo “da boca do leão” e libertá-lo do domínio sufocante do rancor, como fez com Paulo. No entanto, o plano divino para você vai além de seu bem-estar e de sua felicidade. O plano de Deus, a paixão dele por transformar pessoas por meio do poder do

evangelho, também é seu chamado. E uma forma pela qual esse plano se realiza é na história de perdão que você viveu.

3) *Paulo havia aprendido o segredo da transigência*. Esse não é um termo que ouvimos com frequência hoje em dia, mas, se aprendermos a praticá-lo na vida diária, pode se tornar uma de nossas maiores armas contra a falta de perdão.

"Transigir", ou "tolerar", significa demonstrar comedimento, ser paciente diante de provocações, ser longânime e estar disposto a suportar as ações ou a inércia de outros — estar disposto a relevar.

É um derivado do tipo de amor que "cobre um grande número de pecados" (1Pe 4.8), ou, como Paulo expressa de modo tão eloquente em 1Coríntios 13, do amor que "não se enfurece, não guarda ressentimento do mal; […] tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta" (v. 5,7).

Vejamos o que acontece na vida real:

- Seu marido não repara em algo especial que você fez por ele.
- Seus filhos adultos não telefonam com tanta frequência quanto você gostaria.

- Seu chefe o responsabiliza por algo que outro funcionário fez.
- Sua sogra faz um comentário que o magoa.
- Alguém passa direto por você na igreja sem dizer uma palavra.
- Está na cara que seus pais consideram loucura sua decisão de ter mais um filho.
- Um sujeito na igreja lhe pergunta toda semana: “Já arranjou emprego?”.
- Um motorista usando o celular quase tira você da estrada.

O que você faz? Tolera. *Releva*.

Por certo, algumas ofensas precisam ser confrontadas e trabalhadas. Muitas outras, porém — aliás, a maioria delas — só precisam ser relevadas e deixadas de lado. (Nosso problema é que temos a tendência de confrontar os pecados que deveríamos relevar e relevar os pecados que deveríamos confrontar!)

A intransigência em nossos lares e nas circunstâncias diárias nos leva a exagerar as ofensas, “até que um ovo [de mosca] adquire as proporções de um ovo de avestruz”, como disse

Charles Spurgeon.[2] A intolerância amplia a tensão e intensifica o conflito; levanta muros nos relacionamentos, torna-nos mesquinhos e rabugentos e rompe laços de amizade. Estou convencida de que muitos divórcios poderiam ser evitados se um ou ambos os cônjuges simplesmente praticassem a graça da transigência. Muitas tensões e mal-entendidos no ambiente de trabalho desapareceriam se aprendêssemos a ser transigentes uns com os outros.

O exercício da transigência em questões menores do cotidiano é uma prática importante e uma forma de nos prepararmos para oferecer perdão em questões maiores que certamente surgirão.

Quando ouvimos ou lemos relatos impressionantes de perdão na vida de pessoas comuns colocadas em circunstâncias de tensão extraordinária, é de duvidar que tenham desenvolvido repentinamente essa imensa capacidade de perdoar. A meu ver, é mais provável que sua capacidade venha da prática do perdão e da transigência nas pequenas situações diárias da vida.

O exercício da transigência em questões menores é uma prática importante para oferecer perdão em questões maiores.

o homem que a estuprou e não apenas a engravidou, mas também lhe transmitiu HIV, e que diz: “Toda vez que sentimos a dor, precisamos perdoar novamente”.

O homem que viu seu pai ser morto a tiros por causa de uns trocados na carteira, mas que um dia aperta a mão do assassino e declara: “Eu o perdoo”.

A mãe que perde os dois filhos e fica em estado crítico depois de um acidente de carro — causado por um motorista sem habilitação, dirigindo em alta velocidade — cujas primeiras palavras ao marido depois de sair do coma induzido são: “Você o perdoou?”.

Tais exemplos não são atos de heroísmo que simplesmente acontecem. Quase sempre, nascem de pessoas que sabem o que significa perdoar muito antes de se verem em situações tão críticas.

E você pode ser uma dessas pessoas.

Cinquenta anos atrás

Enquanto eu escrevia este livro, o mundo cristão lembrava os cinquenta anos do martírio de cinco missionários por índios aucas (hoje conhecidos como waodanis) na selva do Equador. O nome que a maioria de nós associa de imediato a esse acontecimento é Jim Elliot, cuja viúva, Elizabeth, tornou-se uma presença querida na vida de muitos de nós por meio de seus textos e de suas palestras.

Na época desse cinquentenário, tive a oportunidade de conversar com Steve Saint, cujo pai, Nate, foi um dos homens martirizados naquela ocasião trágica. Ele me levou de volta àqueles dias sombrios e deixou ideias e impressões das quais não me esquecerei tão cedo.

Talvez você se identifique com a experiência de perder um dos pais na infância ou adolescência. Posso apenas imaginar a intensidade do sofrimento e as consequências devastadoras. Quando Marge Saint contou a seu filho Steve, de 5 anos, que o pai

dele nunca mais voltaria, é evidente que ele sentiu a terrível e incomparável tristeza associada a esse tipo de perda.

No entanto, cinquenta anos depois, quando perguntei a Steve se ele havia sentido amargura em relação aos assassinos de seu pai, ele respondeu: “Segui o exemplo de minha mãe e das outras quatro viúvas. Nunca, em momento algum, as ouvi ao menos insinuar que Deus tivesse cometido um engano — ou que *os maridos* tivessem cometido um engano”. Essas mulheres demonstraram uma confiança piedosa tão profunda que ficou evidente até mesmo para seus filhos pequenos.

Aliás, ao adaptar essa história para um filme, os roteiristas fizeram questão de mostrar a angústia e a raiva de Steve, da forma como imaginaram que eles próprios teriam se sentido diante de tamanha tragédia pessoal. A certa altura, ele teve de objetar: “Pessoal, não foi assim que aconteceu. Nunca os odiei. Nunca tive vontade de me vingar deles”.

Os roteiristas responderam: “Sabemos que é verdade, Steve, mas foi só porque sua mãe, as outras esposas e seus avós criam em Deus. Isso fazia parte de sua herança, mas a maioria das

pessoas não vê as coisas dessa forma".

Ao refletir sobre essa conversa, Steve comentou comigo: "Creio que eles têm razão. Eu não sabia quais eram os motivos dos waodani, e não sabia como chegaria à vida adulta e me tornaria pai sem ter um pai para me ensinar, mas acreditava que Deus podia abrir um caminho e que tinha um plano. E, cinquenta anos depois, ainda acredito que ele tem um plano".

É espantoso. O poder do perdão. O poder da fé que aquelas jovens viúvas demonstraram, que poderia fácil e compreensivelmente ter sido tragada pela autopiedade, mas, em vez disso, foi usada por Deus para elas protegerem seus filhos de transmitir à geração seguinte o peso do rancor.

Temos essa responsabilidade em relação a nossos filhos e a outros que observam nosso modo de viver. Que tipo de legado deixaremos para nossos filhos e para os filhos deles? Se imitarem sua reação à dor, à decepção e à perda, como *eles* reagirão às tragédias da vida? De que maneira suas atitudes estão moldando a imagem que eles têm de Deus? Você já parou para pensar no impacto que seu espírito disposto a perdoar (ou sua amargura)

exercerá sobre gerações futuras?

Uma tragédia sem sentido?

Surpreendentemente, algumas daquelas viúvas e suas famílias voltaram à selva para ministrar aos mesmos indivíduos que haviam perpetrado o massacre e foram usadas como instrumentos para levar o evangelho àqueles que haviam empunhado lanças e acabado cruelmente com a vida dos entes queridos delas.

Anos depois, um dos homens que havia matado o pai de Steve teve a oportunidade de ministrar-lhe quando ele enfrentou uma crise bem diferente.

Stephenie, a caçula dentre os quatro filhos de Steve, havia acabado de voltar de um ano de turnê como tecladista de um grupo musical do ministério Mocidade para Cristo. Embora, inicialmente, Steve não houvesse se entusiasmado com a ideia, permitiu que Stephenie trancasse a matrícula na faculdade por um ano, pois sabia que ela havia recebido um chamado missionário — um entusiasmo com o qual não era fácil discutir. Steve

e sua esposa tinham muitas saudades da filha, imaginavam os riscos que ela enfrentava e ficaram extremamente aliviados quando ela finalmente desembarcou do voo para casa.

Sua garotinha estava de volta.

Durante a festa de boas-vindas, ela foi para o quarto, queixando-se de dor de cabeça. A certa altura, Ginny, esposa de Steve, o chamou e disse que Stephenie estava com muita dor e que havia pedido para ele orar com ela.

Apesar das circunstâncias, Steve ficou grato pela oportunidade de ter um tempo a sós com a esposa e a filha e foi de imediato. Ginny segurava Stephanie no colo como se fosse uma garotinha. Steve abraçou as duas e orou para que Deus removesse a dor de cabeça de Stephenie.

Enquanto orava, ouviu a filha soltar um grito fraco. Olhou para o rosto dela e a viu revirar os olhos. Estava tendo uma hemorragia cerebral fulminante.

Quando chegaram ao hospital, ela já havia falecido.

“Não entendi o que estava acontecendo”, disse Steve. “Até mesmo eu imaginava, de certo modo,

que, se obedecêssemos a Deus, ele teria a obrigação de seguir nossas regras. Sei que não é verdade, mas é tentador pensar desse modo.”

Essa forma de pensar também era tentadora para Mincaye, o amigo que acompanhou Steve e Ginny ao hospital, o homem que muitos anos atrás havia transpassado o corpo de Nate Saint com a arma que o matou. “Quem está fazendo isso?”, ele perguntava. “Por que ela está morrendo?”

Quando a realidade começou a se tornar clara, o guerreiro da selva amazônica — que a princípio havia tentado proteger Stephenie da equipe médica e da ambulância, coisas que ele não entendia — foi o primeiro a expressar aquilo que se tornaria a maior fonte de consolo para todos: “É *Deus*”, ele disse. “Vocês não veem que isso é obra do próprio Deus?”

Enquanto eu enxugava lágrimas dos olhos, Steve prosseguiu: “Naquele momento, enquanto a vida de minha única filha, a quem eu amava de todo coração, se esvaía, o avô Mincaye, o homem que havia assassinado meu pai, me envolveu com os braços da fé. Ele me ajudou a apegar-me ao legado que havia recebido e a transmiti-lo à

geração seguinte. Nem sempre entendemos, mas Deus tem seus motivos".

Confiança total, que fecha o círculo. Tudo por causa de cinco mulheres valentes que lidaram, à maneira de Deus, com circunstâncias indescritíveis, mulheres cujo legado continua a dar frutos agradáveis a Deus.

Quem poderia imaginar a amplitude do propósito divino naquela atrocidade inicial, naquele dia em que o brado de guerra ecoou cheio de morte junto a um riacho na selva equatoriana? E, no entanto, quantos foram conduzidos à fé, tocados para realizar a obra missionária ou inspirados a atitudes de grato sacrifício por causa daqueles cinco homens que perderam a vida de modo tão sem sentido! Mas será que foi sem sentido?

Não podemos nem imaginar os propósitos de Deus, mesmo quando já estão se realizando ao nosso redor. Podemos ter a certeza, porém, de que ele *tem* propósitos e de que deseja nos usar como parte do cumprimento deles ao longo de gerações.

Se confiarmos no coração dele. Se perdoarmos.

Aplicação pessoal

- Identifique qual (ou quais) dos quatro mitos analisados neste capítulo o tem impedido de oferecer perdão total.

- Você já aprendeu o segredo da transigência? Que situações está enfrentando no momento nas quais precisa exercitar essa virtude?

- Que tipo de legado você deixará para a próxima geração no que diz respeito ao perdão?

---

[1] John Piper, *Future grace* (Sisters: Multnomah Press, 1995), p. 268 [edição em português: *Graça futura* (São Paulo: Shedd, 2000)] .

[2] C.H. Spurgeon, “Forgiveness made easy”, disponível em: http://www.spurgeon.org/sermons/1448.htm.

CAPÍTULO 8

RETRIBUIR COM UMA BÊNÇÃO

O perdão libera alegria. Promove paz. Limpa o registro.
Coloca em movimento todos os valores mais sublimes do amor.
Em certo sentido, o perdão é o cristianismo em seu ápice.[1]

JOHN MACARTHUR

Mitsuo Fuchida era o líder da esquadrilha japonesa que atacou Pearl Harbor. Piloto destemido e habilidoso, foi escolhido a dedo para essa função de comando e foi aquele que deu a

ordem — Tora! Tora! Tora! — para os 360 aviões de combate em formação em seu flanco.

Na época, ele considerou a matança de 2.300 marinheiros americanos “a façanha mais emocionante de [sua] carreira”.

O que a maioria das pessoas não sabe, porém, é que, em 1949, menos de oito anos depois do ataque a Pearl Harbor, esse intrépido piloto militar aceitou a Cristo como Salvador.

Deus usou dois acontecimentos extraordinários para possibilitar essa conversão “improvável”.

O primeiro ocorreu logo depois da guerra, quando Fuchida conversava com um amigo que havia sido capturado e detido nos Estados Unidos. Curioso para saber como os americanos haviam tratado seus prisioneiros, ele ouviu esse amigo lhe falar de uma voluntária de 18 anos que tinha auxiliado os japoneses e cuidado deles. Quando os prisioneiros perguntaram por que ela os ajudava tanto, sua resposta inesperada e ilógica foi: “Porque soldados japoneses mataram meus pais”.

Os pais dessa moça haviam sido missionários no Japão durante o período de intensificação da hostilidade internacional que levou à Segunda

Guerra Mundial. Considerados espiões, foram decapitados depois que fugiram para as Filipinas. A filha, levada para os Estados Unidos antes disso, só ficou sabendo da morte deles três anos depois e, naturalmente, reagiu à notícia com tristeza e raiva. Mas, conhecendo seus pais, concluiu por fim que eles teriam perdoado seus executores. Ela simplesmente sabia. Portanto, precisava perdoá-los também. Não apenas perdoar, mas retribuir com bênçãos. Por isso ela estava lá, nos campos de prisioneiros, demonstrando amor por seus inimigos.

Fuchida ficou pasmo com essa ideia. Como era possível alguém reagir à execução de seus pais dessa forma?

Certo dia, vários anos depois, alguém lhe entregou um folheto enquanto ele esperava pelo trem na estação. Ele provavelmente teria jogado o papel fora, mas o fato de ter sido escrito por outro aviador despertou seu interesse. O folheto do sargento Jacob DeShazer, *Fui prisioneiro no Japão*, era um relato em primeira pessoa de um piloto americano que havia sido obrigado a saltar de paraquedas de sua aeronave durante o ataque Doolittle, um bombardeio a Tóquio em retaliação

por Pearl Harbor.

DeShazer, que foi capturado de imediato pelos militares japoneses, descrevia os três anos seguintes como um pesadelo sem fim de tortura, fome, execuções de outros prisioneiros e confinamento em prisão solitária que reduziu seu mundo a uns poucos metros quadrados, mas acendeu e alimentou seu ódio.

Quando estava preso havia dois anos, recebeu alguns livros para ler na penumbra de sua cela, entre eles uma Bíblia. Como luz nas trevas, a Palavra penetrou seu coração, especialmente um versículo que se aplicava a sua situação presente: “Amai os vossos inimigos”.

Transformado pela graça de Deus, DeShazer começou a se dirigir a seus captores de forma respeitosa, mesmo quando o tratavam com crueldade e o humilhavam. Relatou no folheto: “Eu orava para que Deus perdoasse meus torturadores e estava

Ao perdoar, precisamos ir muito além de abrir mão da vingança contra nossos ofensores.

decidido, com a ajuda de
Cristo, a fazer todo o possível para transmitir a essas pessoas a mensagem da salvação".

Admirado com a história de DeShazer, Fuchida se apressou em procurar uma Bíblia para comprar a fim de ver com seus próprios olhos de onde vinha essa ordem estranha para amar seus inimigos.

Fuchida teve um encontro com Cristo, tornou-se evangelista e, junto com DeShazer, viajou por todo o Japão e pela Ásia para falar a grandes multidões. Os dois se tornaram amigos e levaram muitas pessoas a Cristo.[2]

Tudo isso por causa de duas pessoas que não se limitaram a perdoar, mas que foram muito além — duas pessoas que haviam recebido o mal e retribuíram com amor.

Ir até o final

Conversei com pessoas que acreditam ter verdadeiramente perdoado seus ofensores e pressionado a tecla de deletar, mas que ainda se sentem “emperradas” no que diz respeito às emoções. Quando pensam no ofensor, ainda ficam tensas. Não conseguiram avançar em paz e liberdade. Algo ainda as prende.

A Palavra de Deus apresenta um elemento importante para levarmos o perdão até o final. Ela diz que precisamos ir muito além de abrir mão da vingança contra nossos ofensores. Devemos oferecer a graça de Deus e construir pontes de amor para retribuir maldição com bênção, mal com bem.

“Mas eu o perdoei! Não guardo rancor.” É louvável que você tenha dado o passo corajoso de libertar o ofensor da prisão de sua raiva e vingança.

No entanto, não é só isso. Deus deseja que você viva com o tipo de liberdade que irradia a luz e o amor divinos desde seu sorriso até a sola de seus

pés.

O verdadeiro perdão vai muito além da declaração: “Eu o perdoei”. Nas palavras de Thomas Watson, pastor puritano do século 17:

> *Quando perdoamos os outros*? Quando lutamos contra todos os pensamentos de vingança; quando nos recusamos a prejudicar nossos inimigos e, em vez disso, desejamos seu bem, entristecemo-nos com suas calamidades, oramos por eles, buscamos nos reconciliar com eles e nos mostramos prontos, em todas as ocasiões, a lhes dar alívio. Isso é perdão conforme o evangelho.[3]

Que padrão elevado! Somos chamados a perdoar os outros *como Deus nos perdoou*. E como foi que Deus nos perdoou? Ele não declarou apenas: “Você está perdoado”. Ele entregou a vida de seu Filho por nós quando ainda éramos seus inimigos. Ele foi nos buscar quando não queríamos nada com ele. Adotou-nos em sua família. Tornou-nos coerdeiros com Cristo. Prometeu que nunca nos deixaria nem nos abandonaria. Consola-nos e supre

nossas necessidades. Ele "… de dia em dia nos cumula de benefícios…"
(Sl 68.19, ARC). Esse tipo de graça extravagante e imerecida mostra como devemos perdoar.

Perdoar alguém abre as cortinas e as janelas para deixar que a brisa fresca da graça de Deus inicie sua obra de cura. Quando, porém, tomamos a decisão de abençoar nossos ofensores, de amar nossos inimigos, passamos a ter acesso ao pleno poder do perdão.

Volto a Gracia Burnham para ilustrar esse princípio impressionante. Em uma passagem anterior, relatei como Gracia e seu marido passaram pelo sofrimento terrível de serem feitos reféns e maltratados durante meses nas selvas filipinas.

Em seu livro *Fly again* [Voltar a voar], Gracia fala de um de seus captores, um rapaz que chamavam "57" por causa da bazuca M57 que ele sempre carregava quando saíam em marcha. Estava sempre taciturno e mal-humorado, sempre discutindo, como se fosse arrancar a cabeça de alguém. Era imprevisível e, portanto, os reféns não sabiam como evitar ofendê-lo.

Certo dia, porém, Martin, marido de Gracia, descobriu que “57” sofria de dores de cabeça intensas, provável razão pela qual era tão irritável. Martin começou a lhe oferecer analgésicos de sua pequena reserva de medicamentos e outros suprimentos básicos.

“A atitude do sujeito em relação a Martin mudou instantaneamente”, Gracia se recorda. “Daquele momento em diante, meu marido se tornou amigo dele.”[4]

Um ato tão simples. Uma pergunta atenciosa. Uma aspirina. E, no entanto, para realizar esse ato, Martin teve de colocar de lado milhões de motivos racionais não apenas para considerar as dores de cabeça do rapaz com indiferença, mas para desejar que *todos* os seus captores tivessem dores de cabeça excruciantes!

Ouça, porém, as palavras de Gracia depois de seu cativeiro cruel, depois de ver seu marido ser morto em consequência dele, depois de perder tudo o que a vida supostamente reservava para ela: “Até hoje, aquele rapaz ocupa um lugar especial em meu coração por causa do que Martin fez por ele”.[5]

Desfecho. Encerramento. Ser capaz de começar

o dia seguinte sem o peso da necessidade de se defender e se vingar.

Não há razão no mundo, nem mesmo se você pensar nas situações mais debilitantes que enfrentou — situações "imperdoáveis", como alguns dizem — para você não participar com Deus da conquista plena e total da vitória.

> *Deus nunca conheceu uma circunstância tão terrível que ele não fosse capaz de transformar em um troféu de sua misericórdia e graça*.

Para fazê-lo, porém, você terá de levar a sério, de forma literal, tudo o que Deus diz a esse respeito. E isso inclui algo que talvez lhe pareça impensável: *abençoar seus ofensores*.

Como mencionei no capítulo anterior, muitas vezes Deus escolhe deixar dentro de nós algumas das memórias dolorosas, dos sentimentos e dos efeitos persistentes de mágoas do passado, para que tenhamos misericórdia e compaixão de outros que estão passando por sofrimentos semelhantes. Na

verdade, esse é um grande privilégio concedido a nós por um Deus cujo amor excede as expectativas de muitos, um Deus que nunca conheceu uma circunstância tão terrível que ele não fosse capaz de transformar em um troféu de sua misericórdia e graça.

Dito isso, porém, não creio de maneira alguma que você deva passar o resto da vida sob o peso dessas emoções não resolvidas. E o motivo pelo qual muitos ainda não chegaram a uma cura mais completa nessas áreas é porque não foram até o final e deixaram de abençoar aqueles que os ofenderam.

Precisamos prosseguir. Precisamos terminar aquilo que Deus começou. Para o nosso bem. Para o bem de outros. Para a glória de Deus.

Corrigir a injustiça

Encontramos esse princípio para abençoar nossos ofensores em Romanos 12, não como um acessório opcional, nem como um curso de aperfeiçoamento para cristãos de nível avançado. Essa passagem é para você. E para mim. E para todos que precisam da ajuda de Deus para cumprir toda a jornada do perdão. Siga
a progressão:

Primeiro: “A ninguém devolvei mal por mal…” (v. 17).

A Palavra é muito clara e objetiva. Deus diz para não retribuirmos o mal que recebemos de outros. Isso é tarefa *dele*:

> Amados, não vos vingueis a vós mesmos, mas dai lugar à ira de Deus, pois está escrito: A vingança é minha; eu retribuirei, diz o Senhor (v. 19).

“Tudo bem, essa parte eu entendi. Não devemos devolver mal por mal, a vingança é de Deus, não minha.”

Mas não é só isso. Eis o que devemos fazer:

> Pelo contrário, se o teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer; se tiver sede, dá-lhe de beber; […] vence o mal com o bem (v. 20,21).

Observe o poder incrível que essa verdade contém. Além de não precisarmos ser vítimas do mal que outros cometem contra nós, podemos *vencer* o mal — com o bem!

Peço que você faça, mais uma vez, o exercício mental de identificar seu ofensor, aquele que lhe causou sofrimento e perdas, que lhe dificultou tanto a tarefa de perdoar e de abrir mão da vingança. Ao pensar nele, quero que se distancie de seus sentimentos dolorosos e que o veja como alguém necessitado.

Ele é necessitado.

Quando ele magoou você — esse companheiro, namorado, pai ou mãe, ex-cônjuge, colega de faculdade, tia ou tio, esse desconhecido que surgiu

do nada em sua vida —, mostrou que era necessitado. E supriu essa necessidade indevidamente às suas custas.

Você deseja experimentar plenamente a liberdade do perdão? Peça para Deus lhe mostrar a verdadeira necessidade na vida de seu ofensor.

Então pergunte a Deus como ele gostaria de usá-lo para suprir essa necessidade.

Foi exatamente o que aconteceu na vida de José, sobre quem falamos anteriormente. Ele sofreu injustiça de seus irmãos, da esposa de Potifar e de seus companheiros de prisão que haviam prometido ajudar a libertá-lo, mas se esqueceram dele. E, no entanto, depois que José atravessou o sofrimento, quando o perdão já havia se tornado parte de seu coração, ele se propôs a abençoar os mesmos irmãos que o haviam colocado nessa confusão.

Sempre me admiro com a atitude de José diante dos irmãos que o feriram tão profundamente. Ele se recusou a devolver mal por mal. Não quis fazer o jogo deles. Mas também não se contentou em não retaliar (demonstrar *misericórdia*) — o que já é bem difícil —, antes foi muito além e estendeu a mão de forma ativa e deliberada para ministrar às

necessidades deles (demonstrar *graça*):

> Agora, não temais; *sustentarei* a vós e a vossos filhinhos. Assim ele os *consolou* e lhes *falou ao coração* (Gn 50.21).

É algo sobrenatural! Esse é o coração redentor e restaurador de Cristo, que veio a nós quando merecíamos a ira de Deus e, em vez dela, nos cobriu com a graça divina.

Esse é o cerne das instruções de Paulo aos coríntios acerca do membro da igreja que havia pecado gravemente e precisava de restauração: "… deveis *perdoá-lo* e *consolá-lo* […] insisto convosco que *confirmeis o vosso amor* para com ele" (2Co 2.7,8).

Parece muito difícil em seu caso? Deve parecer mesmo. É *mais* do que muito difícil. Se há um ponto em que precisamos da capacitação do Espírito Santo para obedecer à sua Palavra, com certeza é esse. Quem procura sobreviver sem o auxílio da graça e da salvação de Deus não tem a mínima possibilidade de fazer o que esse versículo exige.

Mas você tem. De outro modo, Jesus jamais poderia ter dito:

> *Amai* os vossos inimigos,
> *fazei o bem* aos que vos odeiam,
> *abençoai* os que vos amaldiçoam e
> *orai* pelos que vos maltratam (Lc 6.27,28).

Portanto, preste atenção no que estou dizendo: não se trata de algo que você pode possa fazer. Mas trata-se de algo que Deus pode fazer por seu intermédio. E, se você deseja avançar nesse processo de cura, uma vez que chegar ao ponto em que perdoou totalmente seus ofensores, os libertou e pressionou a tecla de deletar, peça para Deus lhe mostrar como você pode investir na vida desses indivíduos que pecaram contra você.

Não precisa ser algo espetacular. Talvez consista apenas em usar palavras bondosas para responder a palavras cheias de ódio. Ou em preparar uma refeição com carinho. Ou em oferecer-se para fazer alguma tarefa doméstica que a pessoa deteste. Ou mesmo dar um vale-presente

para um restaurante do qual ela goste, ou escrever um bilhete romântico e colocar na gaveta de meias.

Comece por aí. Veja o que acontece, se não na outra pessoa, em você. E veja para onde Deus o conduzirá a seguir, até que você comece a encontrar alegria, a alegria do Senhor, em abençoar alguém que o maltratou. Ao fazer isso, você vencerá o mal com o bem.

Essa é a obediência mais prática de todas. Não existe nada mais real, mais eficaz nem mais poderoso, tanto para você como para o ofensor.

Vi esse processo se desdobrar diante de meus olhos na vida de uma amiga que havia sido profundamente afrontada por seu marido. Ela sabia que não podia alimentar rancor no coração, então perdoou. Sabia que não podia se vingar, portanto, por mais difícil que fosse, recusou-se a devolver mal por mal.

Mas a liberdade em seu espírito, bem como o arrependimento e a restauração plena de sua vida só aconteceram quando ela tomou a decisão de devolver o bem em troca do mal, de madrugar todos os dias para preparar o café da manhã do marido antes de ele sair para o trabalho, de passar

as camisas dele, orar pedindo bênçãos sobre ele, responder a seus acessos de raiva com palavras brandas e pedir perdão a ele nas ocasiões em que não conseguiu agir desse modo.[6]

Cada ato de bondade (imerecida) contribuiu para que ela não alimentasse amargura e, ao mesmo tempo, lançou sementes da graça no coração do homem que ela esperava que fosse restaurado a Cristo.

Assim são os frutos do perdão que vai muito além.

Perdão mais intenso

Dependendo da natureza e das circunstâncias de seu relacionamento com quem o feriu, pode não ser apropriado voltar a encontrar-se com a pessoa nem restabelecer contato. Como observei anteriormente, para tomar essa decisão, é prudente aconselhar-se com seu pastor ou com um amigo maduro e temente a Deus que poderá ajudá-lo a proceder de modo seguro e bíblico.

Todavia, não importa quem seja a pessoa ou o que ela tenha feito, existe um passo que você pode dar: orar por ela.

Estou falando de orar de verdade.

Talvez você suspire e diga: “Acho que não sou capaz de orar por essa pessoa… Não *quero* que Deus a abençoe!”. Mas eu lhe garanto que, ao começar a orar, mesmo sem vontade, por simples obediência à Palavra de Deus, você descobrirá o que eu descobri em minha própria vida: é difícil continuar a odiar alguém por quem você está

orando para que Deus abençoe e restaure a um relacionamento correto com ele.

Nosso objetivo maior em relação a nossos ofensores deve ser a reconciliação deles em primeiro lugar com Deus e, se possível, conosco. Podemos contribuir para esse objetivo ao construir pontes de amor e bênção sobre o abismo. Independentemente da reação deles, é impossível manter em pé os muros que erguemos, recusar-nos a pedir bênção e restauração para eles e depois esperar ter comunhão desimpedida com Deus em nossa própria vida.

O poder do amor do Calvário

Não somos os únicos a receber liberdade quando escolhemos perdoar e abençoar quem pecou contra nós. No plano sublime de Deus, tornamo-nos instrumentos de sua obra redentora, canais de sua misericórdia e graça na vida daqueles que recebem essa bênção. Eles são confrontados com a realidade do amor do Calvário, mesmo sabendo que mereciam exatamente o oposto.

No final, essas medidas imerecidas e inexplicáveis talvez se tornem o meio de levá-los ao quebrantamento e ao arrependimento por seus pecados.

Pouco tempo atrás, recebi um e-mail de um colega que sabia que eu estava trabalhando em um livro sobre perdão e que sentiu o desejo de me lembrar do impacto exercido na vida dele pela atitude de sua esposa quando ele a feriu com uma traição e ela retribuiu com bênção.

Até hoje ele se recorda claramente da expressão

de espanto e terror no rosto de sua esposa quando ele confessou a imoralidade desenfreada em sua vida. Nas palavras dele: “Ela ficou inexprimivelmente magoada. Nunca me esquecerei da conversa terrível
que tivemos”.

Contudo, há algo mais de que ele também se lembra, algo que exerceu impacto ainda mais forte que a dor, não apenas na vida de sua esposa, mas em sua própria restauração: “Algo que não sai de minha mente, quase quatro anos depois, é a ausência de recriminação e retaliação para me magoar como eu a havia magoado”.

Sem dúvida, ela ficou arrasada e “com muita, muita raiva”. Do ponto de vista humano, tinha todo direito de sentir-se desse modo. Em meio a tudo, porém — à perda de amigos queridos, ao caos na família por causa do pecado dele e até mesmo à necessidade de voltar a trabalhar para gerar a renda que ele havia perdido —, “ela não falou comigo *nem uma vez sequer* com amargura, maldade ou rancor”.

“Fico pasmo com isso”, ele diz. “Continuo a me admirar. A meu ver, o amor e o sacrifício incríveis

de minha esposa são o motivo de ainda estarmos juntos hoje e de eu ter voltado a servir ao Senhor.”

Para essa esposa, a disposição de perdoar não custou pouco. Algumas semanas depois que o pecado de seu marido veio à tona, ela teve de fazer uma viagem de dezesseis horas. Na volta para casa, passou todo o tempo em oração, clamando ao Senhor, expressando sua dor, orando por seu marido e seus filhos e tentando decidir se devia pensar em divórcio.

Essa viagem foi um momento crítico. Durante as horas aparentemente intermináveis em que dirigiu para casa, Deus a lembrou de tudo o que ele havia passado por amor a ela, de como o perdão *dele* havia se aplicado a seus pecados. Em seu coração, ela sabia que Deus estava lhe dando uma escolha: ter uma atitude de amor e graça, que refletisse como Deus a havia acolhido, ou recusar a graça de Deus e se tornar uma mulher amargurada.

“Felizmente”, seu marido observou, “ela escolheu a primeira opção. Graças a essa escolha estou aqui hoje, restaurado, em comunhão com Deus, com minha família e com os demais. Não foi uma jornada fácil. Exigiu conversas difíceis,

intensa prestação de contas e conselhos de pessoas amorosas e tementes a Deus.

“Mas isso foi possível porque minha esposa escolheu perdoar. Não há como pensar a esse respeito sem perceber, mais uma vez, a graça e o amor incríveis de Deus. Sou eternamente grato”.

Não posso lhe prometer que abençoar seu ofensor resultará em um “final de conto de fadas”. Mas posso lhe garantir o seguinte: se você escolher *não* abençoá-lo, é praticamente certo que nunca terá a reconciliação pela qual seu coração anseia.

Tenho visto Deus realizar coisas inacreditáveis quando seus filhos se dispõem não apenas a perdoar os ofensores, mas também a arriscar-se e pagar o mal com o bem. Costumo aconselhar mulheres com estas palavras: “Acredite ou não, se você permitir, Deus encherá seu coração com profundo amor e compaixão pela pessoa que você odeia há anos!”. E tenho visto Deus fazer exatamente isso.

Sim, é um milagre da graça divina. É um milagre que você pode experimentar, não apenas uma vez, mas repetidamente, ao cultivar um coração disposto a perdoar os outros como Deus

o perdoou.

Aplicação pessoal

- Pergunte a Deus onde ele deseja que você comece a aplicar Lucas 6.27,28 e Romanos 12.20,21. Quem é o "inimigo" que você precisa abençoar? Quais são algumas formas apropriadas de suprir as necessidades desse indivíduo, investir em sua vida e lhe oferecer graça divina?

---

1 John MacArthur, *Forgiveness* (Wheaton: Crossway, 1998), p. 161.

2 "Glory from the ashes", *Focus on the Family* (Dec. 2001); "The kamikaze of God", *Christianity Today* (Dec. 3, 2001).

3 Thomas Watson, *The Lord's prayer*, p. 252.

4 Gracia Burnham; Dean Merrill, op cit, p. 54.

5 Ibidem, p. 54-5.

6 Ao "abençoar" e "fazer o bem" a seu marido, ela

não o justificou, não fez vista grossa para as escolhas pecaminosas dele nem contribuiu para elas. O verdadeiro amor exigiu que ela dissesse a verdade, mas ela tomou a decisão de fazê-lo sem rancor, amargura ou maldade em seu coração.

POSFÁCIO

O PODER DO PERDÃO

Quando Jesus, pregado em uma cruz romana, orou "Pai, perdoa-lhes", empunhou uma arma contra a qual
nem mesmo César tinha poder […] Quem pode resistir à força do perdão?[32]

ELISABETH ELLIOT

Perdoar não é tarefa simples. Sei disso. Enquanto dou os retoques finais neste livro, estou lidando com uma série de "ofensas" não relacionadas, a maioria delas relativamente pequenas, mas todas difíceis de engolir.

Algumas dessas afrontas atingiram áreas particularmente sensíveis e trouxeram à tona

relacionamentos complicados e questões que eu imaginava que haviam ficado no passado. Foi como remover a crosta de uma ferida que ainda não sarou completamente.

Apesar (ou talvez *por causa*) do fato de eu ter passado os últimos meses imersa no tema do perdão, encontrei-me em uma batalha intensa em que minhas emoções e minha carne desejavam com todas as forças guardar mágoas, alimentar as ofensas e "castigar" aqueles que as haviam infligido, ao mesmo tempo em que o Espírito insistia mansamente: "Abra mão! Perdoe… seja tolerante… pressione a tecla de deletar!".

Ao lutar com essas questões, meu coração tem sido assombrado — perseguido — pelas palavras que escrevi nestas páginas. E, nesse novo teste, tive de fazer a escolha, ainda que difícil, de abrir mão de qualquer direito de me apegar à mágoa ou de cobrar dívidas. Tive de me curvar para a soberania de Deus, aceitar cada ferida como uma dádiva necessária e santificadora e receber graça divina para escolher o caminho para o perdão. Agir de outro modo seria uma grave ofensa contra Deus, ainda mais tendo em vista quanto ele me perdoou!

Talvez sua jornada por estas páginas tenha trazido à tona questões e sentimentos difíceis e tenha feito você lembrar (como se precisasse de ajuda para isso!) que o perdão custa caro.

Sem dúvida custou caro para Jesus. E continua a custar para nós.

No entanto, espero e peço a Deus que fique bem claro em sua mente, como ficou na minha agora, como nunca antes, que, por meio de nosso relacionamento com Jesus Cristo, temos à disposição a graça necessária. Ela é ampla e plenamente suficiente, completa em todos os aspectos, "cheia, generosa e transbordante" (cf. Lc 6.38) para aqueles que estão prontos a sair da prisão da amargura, prontos a deixar suas armas e sua resistência… prontos a perdoar os outros como foram perdoados.

Sem dúvida, a falta de perdão pode exercer influência poderosa, forte o suficiente para afastar as pessoas e mantê-las longe de nós anos a fio. Todos nós sabemos como a força que o rancor exerce é intensa. Mas é energia desperdiçada, investimento que não traz retorno.

Somente o poder do perdão pode nos manter no

fluxo da vontade de Deus, em paz no meio da tempestade, levados pelo movimento contínuo do rio de seus planos e propósitos eternos para nossa vida, com um rumo certo, que tem significado.

Vimos que o perdão tem poder de promover cura na vida do *ofensor*, como no caso do piloto de Pearl Harbor, ou do médico, cujo erro resultou no fim prematuro da vida de uma mulher.

Vimos que o perdão tem poder de prover cura na vida do *ofendido*, como Gracia Burnham ou a esposa do capítulo anterior, que poderia ter permitido que as escolhas erradas do marido destruíssem seu casamento.

O perdão é uma ferramenta extremamente eficaz usada pelo Deus todo-poderoso para promover cura para todos os tipos imagináveis de situação e de relacionamento — passados ou presentes.

O perdão também pode exercer impacto duradouro sobre situações e relacionamentos *futuros*. Quando você escolhe o caminho do perdão, Deus

O perdão é uma ferramenta extremamente eficaz

pode usar sua obediência para impedir que padrões pecaminosos recorrentes e dor desnecessária sejam transmitidos a seus filhos e a gerações vindouras.

usada pelo Deus todo-poderoso para promover cura para todos os tipos imagináveis de situação e de relacionamento — passados ou presentes.

Pouco tempo atrás, um amigo me enviou um e-mail no qual relatava algumas memórias da infância e adolescência. A avó dele tinha um gênio terrível, que nunca havia aprendido a controlar. A mãe dele tinha seguido pelo mesmo caminho e, embora fosse uma cristã dedicada de longa data, continuava cheia de raiva, que dirigia contra a família com frequência.

Por algum motivo, Bonnie, irmã de meu amigo, havia sido o alvo principal da ira cáustica de sua mãe na infância e cresceu odiando o modo como tinha sido tratada por ela.

Depois que Bonnie se casou e teve seu primeiro filho, ficou estarrecida quando se pegou gritando

com o garotinho, que tinha menos de um ano, porque ele havia feito algo “errado”. Horrorizada, percebeu dentro de si a raiva de sua avó e de sua mãe. Foi assustador ouvir saírem de sua boca, com a mesma facilidade e no mesmo volume, palavras que ela detestava e que havia prometido jamais dizer a seus filhos. Bonnie caiu de joelhos e suplicou a Deus por livramento.

Alguns meses depois, participou de um congresso em que a palestrante falou sobre a importância do perdão. A palestrante desafiou seus ouvintes a pensarem nas ofensas do passado como um “disco LP” (lembra-se dos LPs, antes das fitas cassete e dos CDs?). Em vez de tocar esse disco repetidas vezes em sua mente, exortou-os a pegar esse LP em que estão gravadas as ofensas e quebrá-lo. “Só então”, disse ela, “vocês terão liberdade e poderão amar aqueles que os ofenderam”.

Bonnie aceitou essa exortação e, em um ato de fé e de obediência, “quebrou o disco” que havia tocado vezes incontáveis em sua mente, o disco dos acessos de raiva da mãe, das palavras prejudiciais e humilhantes que ouvira quando criança. Pela graça de Deus, Bonnie perdoou sua mãe plenamente.

Deus não apenas restaurou o relacionamento de Bonnie e sua mãe, mas, de modo miraculoso, quebrou a influência opressora da raiva sobre seu coração e a libertou. Rompeu-se, desse modo, um padrão pecaminoso recorrente que atormentou três gerações ou mais.

Como meu amigo comentou a respeito de sua irmã: “Bonnie é uma das mães mais amorosas, sábias e tementes a Deus que conheço. Ela não trata seus filhos com raiva, como nossa mãe a tratava. Deus acabou com isso — de modo completo e permanente — quando Bonnie perdoou nossa mãe — de modo completo e permanente — pelas ofensas que ela havia cometido contra nós.

“Hoje Bonnie lhe diria, assim como tem aconselhado muitas mulheres ao longo dos anos, que o perdão foi a chave para a recuperação e transformação em sua vida”.

Esse é o poder do perdão.

Não devemos nos esquecer, porém, de que o perdão é mais que um meio para encontrar liberdade pessoal, mais que uma forma de aliviar a dor em nosso coração. É, até mesmo, mais que uma forma de oferecer reconciliação àqueles que nos

ofenderam.

De certo modo, todas essas coisas são benefícios secundários do resultado principal. O objetivo máximo do perdão, que deve ser o objetivo máximo de nossa vida, é *dar glória e honra a Deus*.

O perdão na vida do cristão mostra o extraordinário coração redentor de Deus. Revela a todos as riquezas de sua misericórdia transbordante e de sua graça maravilhosa.

Sentada diante de meu computador, penso em tudo o que consideramos acerca do perdão neste livro e me vem à mente várias vezes o refrão de um hino de Samuel Davies (1723-1761):

Quem é deus perdoador como tu?
Ou quem tem graça tão rica e generosa?

Eis a essência do perdão. Ele diz respeito muito mais a Deus que a nós. Toda a oportunidade que temos de praticar o perdão é uma oportunidade de voltar o foco para o Deus que tem tanto prazer em demonstrar misericórdia e perdoar pecadores a ponto de ter entregado seu único Filho para que

isso fosse possível. Quando as pessoas ao seu redor o veem perdoar, quando ouvem suas histórias, quando observam suas reações, é possível que vejam Cristo de forma inédita. É possível que sejam levadas a amar, adorar e confiar no grande "Deus perdoador".

O perdão não é apenas um ato de obediência como um fim em si. É verdade que recebemos a ordem de perdoar. E também é verdade que, tendo em vista quanto fomos perdoados, não temos direito algum de ser cobradores de dívidas. Porém, mais que uma obrigação, o perdão é uma sublime vocação, uma oportunidade de participar de algo eterno, de demonstrar nossa gratidão Àquele que perdoou todas as nossas ofensas (e você sabe o que "todas" implica em seu caso).

Pense no perdão como uma oferta, como um sacrifício e uma dádiva de amor a Deus, para ele e ninguém mais. Se ele acrescentar a essa bênção a de fazer nosso perdão nos ajudar ou ajudar a outros, melhor ainda. Mas saber que agradamos e louvamos a Deus são motivo e recompensa suficientes para perdoarmos.

O hino da eternidade

Para aqueles que não conhecem a verdade, o perdão talvez pareça fraqueza — desistir, deixar o mal vencer, deixar os "vilões" levarem vantagem. Aliás, à primeira vista, o próprio Calvário talvez pareça uma derrota: o príncipe das trevas triunfa sobre o Príncipe da Paz e o torna impotente.

Vista da perspectiva ampla da eternidade, porém, a cruz representou a derrota final de Satanás e a maior de todas as vitórias de Deus! Cristo foi semeado "em desonra" e ressuscitado "em glória", foi semeado "em fraqueza" e ressuscitado "em poder" (1Co 15.43).

O Cordeiro de Deus entrega sua vida no altar do sacrifício. Enquanto as últimas gotas de sangue são derramadas, ele suplica a seu Pai que perdoe aqueles cujos pecados leva sobre si. Inspira e expira, o último suspiro.

Os céus irrompem em um hino magnífico: *Perdoado! Absolvido! Dívida quitada!*

Misericórdia concedida! Justiça vindicada! Redenção consumada!

Três dias depois, o Cordeiro imolado em favor dos pecadores desde a fundação do mundo é ressuscitado dos mortos — o Leão da tribo de Judá.

Ele reinará para todo o sempre.

E nós estaremos diante de seu trono: pecadores transformados em santos, inimigos reconciliados com Deus, vestidos com o linho fino de sua justiça, para adorá-lo e servi-lo dia e noite para sempre.

Esse é o maravilhoso e eterno poder do perdão.

Aplicação pessoal

- Ainda há um “disco” que você precisa quebrar? Pela graça de Deus, faça-o hoje.

- Adore a Deus por sua graça e seu perdão maravilhosos.

---

[1] Elisabeth Elliot, *Love has a price tag* (Ann Arbor, Mich., 1979), p. 48.

GUIA DE ESTUDO PARA GRUPOS PEQUENOS

Para começar

Não há palavras mágicas nem fórmulas secretas para lidar com a dor e o sofrimento que experimentamos neste mundo decaído. No entanto, o perdão é uma chave eficaz para nos libertar da prisão do rancor contra aqueles que nos ofenderam. Embora seja difícil oferecer verdadeiro perdão, a Palavra de Deus mostra que é possível romper as cadeias de amargura, desgosto e dor. Essa é a mensagem de *Escolhendo o perdão*.

SUGESTÕES PARA LÍDERES DE GRUPOS

Formato e estrutura

Este guia de estudo visa ajudar os participantes a aprofundar seu entendimento do perdão e cultivar um coração e um estilo de vida perdoadores.

É um recurso para ser usado em vários contextos, desde pequenos grupos até classes de escola dominical. *Escolha o perdão* é dividido em oito capítulos, além da introdução e do posfácio, daí o guia de estudo ser elaborado com material para dez encontros de debate. (Se desejado, o estudo pode ser realizado em oito encontros, ao juntar a “Introdução” com o “Capítulo 1” e o “Posfácio” com o “Capítulo 8”.)

Dependendo da disponibilidade dos membros de seu grupo, os encontros podem ser semanais ou menos frequentes. Não tenha pressa de completar o estudo. Caso os membros do grupo precisem de mais tempo para digerir e aplicar o conteúdo, seja sensível a essa necessidade.

Incentive os participantes a lerem o capítulo

antes de cada encontro e a completarem o item “Aplicação pessoal”, no final da maioria dos capítulos. Se possível, peça que também leiam de antemão as perguntas deste guia de estudo e se preparem para debatê-las.

Seja sensível

No tema do perdão fica implícita a existência de ofensas e dificuldades de relacionamento. Para a maioria das pessoas, dedicar tempo a tratar desse assunto trará à tona algum sofrimento e desconforto. Multiplique isso pelo número de pessoas em seu pequeno grupo e você verá como existe o potencial para bastante crescimento interior, acompanhado de suas respectivas dores. Não tenha medo dos momentos de desconforto; dê espaço para que o Espírito Santo convença do pecado e conceda graça aos membros do grupo.

À medida que os participantes compartilharem elementos de sua vida, talvez expressem amargura ou se considerem os donos da verdade. Seja um ouvinte sábio e sensível. Antes de se apressar em corrigi-los, ore por eles e confie que Deus realizará a profunda obra interior tão necessária em um tópico como esse. E, mais importante, mantenha o foco do grupo no evangelho. O objetivo final deste

estudo deve ser ver Deus formar adoradores gratos, que sabem quanto foram perdoados e que têm a disposição e o compromisso de oferecer perdão a quem pecou contra eles.

Peça a Deus graça para liderar com sabedoria e bondade. Peça que ele vá ao encontro de cada participante por meio deste estudo e que realize a transformação necessária no coração e na vida de cada um para a glória do nome dele.

Diretrizes para debates em grupo

No encontro inicial, pode ser proveitoso definir algumas regras básicas. Primeiro convém enfatizar a importância da confidencialidade. Os participantes precisam ter certeza de que quaisquer problemas de relacionamento revelados durante o debate não serão comentados fora do grupo. (Deve-se abrir exceção em casos que requeiram o conhecimento e a intervenção da igreja ou das autoridades civis.) Eis um parâmetro útil: se o pecado não é seu, não há motivo para você comentar os detalhes com os outros. Devemos estar mais prontos para confessar nossos próprios pecados que os pecados dos outros!

Segundo, esse é um debate em grupo, não um confessionário nem uma seção de aconselhamento. Caso um dos membros esteja enfrentando dificuldades e precise de atendimento pessoal, convide-o a reunir-se com você em outro momento ou sugira um encontro com seu pastor ou com um

cristão mais velho e sábio. Desse modo, a pessoa poderá receber o cuidado de que precisa e o grupo não perderá o foco.

Terceiro, aproveite bem os encontros. Conduza o debate conforme o tamanho do grupo e o tempo disponível. Evite tratar de assuntos paralelos ou não relacionados ao tema. Não se sinta obrigado, porém, a debater todas as perguntas do guia de estudo para cada reunião. Dependendo da disponibilidade de tempo, do tamanho do grupo e da abertura dos participantes, pode ser que vocês consigam tratar de apenas duas ou três perguntas. O objetivo não é completar todo o conteúdo, mas, sim, criar um espaço em que os membros do grupo possam ter um encontro com Cristo e crescer no entendimento e na experiência de sua graça maravilhosa.

ESTUDO E DEBATE DA INTRODUÇÃO

Para começar

Ao iniciar este estudo, que resultados você espera da leitura do livro e da participação no grupo de debate? Compartilhe suas ideias com o grupo. (Pode ser interessante anotar quais são alguns benefícios que você espera obter do estudo e refletir a respeito dessas expectativas no final da leitura e debate do livro.)

Para aquecer

Peça para alguém ler em voz alta a citação do bispo Hassan Dehqani-Tafti, na epígrafe da p. 5, antes do Sumário. O que torna o ponto de vista dele tão incomum?

Você conhece alguém que reagiu de maneira semelhante a uma perda pessoal ou a um sofrimento decorrente da ação de outros?

Você consegue identificar maneiras pelas quais sua vida foi enriquecida em decorrência de uma circunstância difícil ou dolorosa de seu passado?

Para aprofundar-se

1. O pastor John MacArthur afirma, com base em sua experiência, que “quase todos os problemas pessoais que levam as pessoas a buscar aconselhamento pastoral são relacionados, de algum modo, à questão do perdão” (p. 23). Essa declaração o surpreende? Cite alguns exemplos de dificuldades comuns que as pessoas enfrentam e que podem ser relacionadas de forma direta ou indireta à falta de perdão.

2. Debata em grupo a reação de Regina Hockett ao assassinato de sua filha, Adriane. Que observações chamam sua atenção?

3. Na página 18, a mulher, ainda abalada com o assassinato de sua filha por um perseguidor desconhecido, pergunta: “Como posso perdoar?”. Mencione alguns motivos pelos

quais esse “como” perdoar é tão difícil.

4. De que maneira a história da srta. Havisham exemplifica a reação de muitas pessoas a ofensas que sofreram? Em que sentido as pessoas “fecham as cortinas” e “param os relógios” quando são magoadas? Você identifica alguma dessas reações em um momento de sua vida ou da vida de alguém que conhece? (Tenham cuidado para não compartilhar detalhes que poderiam apresentar os outros sob uma óptica negativa.)

5. “A fim de sermos verdadeiros instrumentos de misericórdia na vida uns dos outros, precisamos operar com base na verdade […] A empatia pode proporcionar um *alívio* temporário, mas somente o perdão propicia *libertação* duradoura” (p. 20).

Você se recorda de uma situação em que foi tentado a buscar (ou oferecer) apenas “empatia” a alguém que havia sofrido injustiça e ficou aquém da “verdade” necessária para que essa

pessoa oferecesse perdão?

Dê um exemplo de alguém que não se limitou a lhe oferecer empatia quando você sofreu uma injustiça, mas que também o incentivou a escolher o caminho do perdão. Qual foi o resultado?

6. Leia e debata em grupo Hebreus 12.15. O que esse versículo revela acerca da graça de Deus e da natureza e dos resultados
da amargura?

7. “Para a maioria de nós, o problema não é falta de conhecimento acerca do perdão. O problema […] é que ainda não identificamos nem reconhecemos o rancor dentro de nosso coração, ou simplesmente escolhemos não perdoar” (p. 22).

Convide os participantes a fazerem orações curtas, em voz alta, pedindo que Deus abra os olhos e o coração de cada um para uma compreensão mais plena da mensagem do

perdão ao longo deste estudo.

Para refletir em casa

Quão profundo é seu conhecimento a respeito daquilo que a Bíblia diz sobre perdão? Antes do próximo encontro, use uma concordância bíblica para procurar vários versículos sobre perdão (ou sobre amargura). Prepare-se para compartilhar aquilo que esses versículos falaram a seu coração.

Para receber graça

Em Hebreus 12.15, encontramos a promessa de que a graça de Deus está disponível para ajudá-lo na difícil tarefa de perdoar. Você não está sozinho e não precisa tentar perdoar com suas próprias forças. Essa jornada é inteiramente fundamentada na graça!

ESTUDO E DEBATE DO CAPÍTULO 1
SOBREVIVENTES FERIDOS

Para começar

O tema deste capítulo é resumido na epígrafe de Oswald Chambers: “Não temos dificuldade em falar de perdão quando nunca fomos feridos; mas, quando sofremos uma ofensa, sabemos que, sem a graça de Deus, é impossível um ser humano perdoar outro” (p. 25).

Por que é importante reconhecer as feridas causadas pelo pecado?

Para retomar

A tarefa do encontro anterior propôs que você meditasse sobre vários textos bíblicos acerca do perdão. Qual versículo ministrou (ou quais versículos ministraram) à sua vida de modo especial? Por quê?

Para aprofundar-se

1. “Neste mundo decaído, a dor é inevitável. Você *será* magoado, sofrerá injustiça e será ofendido por outros. Não há como contornar essa realidade” (p. 30). Quais são as implicações desse fato? Em que pode ajudá-lo ter esse fato em mente?

2. “O resultado de nossa vida não é determinado por aquilo que acontece conosco, mas pelo modo como reagimos àquilo que acontece conosco” (p. 31). Alguém disse que vivemos em uma cultura que celebra a condição de vítima. Quais são algumas das consequências dessa forma de pensar? Dê um exemplo de uma situação em que você foi tentado a se ver como “vítima” das circunstâncias ou das escolhas de outros, em vez de assumir responsabilidade por suas próprias atitudes. Em que sentido a declaração

anterior pode ser libertadora?

3. A autora explica que “existem basicamente duas formas de reagir aos sofrimentos e às experiências injustas da vida” (p. 32). Comente sobre essas duas diferentes reações e os resultados. Peça para um ou mais participantes do grupo compartilharem uma situação em que reagiram como “cobradores de dívidas”.

4. Em sua opinião, se o Sr. Ashmore tivesse entrado com um processo contra o hospital e ganhado, essa vitória jurídica teria lhe dado paz e satisfação? De que maneira nosso sistema legal promove, por vezes, o rancor? Existem situações em que é correto processar por negligência ou danos? Que princípios bíblicos devem nortear essa decisão?

5. De acordo com Rudy Tomjanovich, odiar o jogador que havia acabado com sua carreira seria como “beber veneno e esperar que outra pessoa morra” (p. 39). O que ele quis dizer com isso? Em que sentido a amargura é semelhante

a veneno? Como afeta a nós mesmos e a outros?

6. Para encerrar o encontro, dê aos participantes a oportunidade de compartilhar uma ou mais respostas às perguntas do item “Aplicação pessoal”, na p. 40.

Para refletir em casa

Leia Mateus 18.21-35 em atitude de oração. O que torna a “cobrança de dívidas” tão impensável para aqueles que fazem parte do reino de Deus? Você é um cobrador de dívidas? Peça que o Senhor lhe mostre por meio dessa passagem se você ainda mantém em seu registro a dívida de algum ofensor.

Para receber graça

“Quando estiverdes orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai…” (Mc 11.25). Somos pecadores. Como saber se nossas orações serão aceitas por um Deus santo? Ele é um Deus *justo*. Ele não encobre o pecado. Nossos pecados o ofendem profundamente. Deus não pode permitir que o pecado fique impune. Jesus pagou por nossos pecados para que possamos nos aproximar com confiança do trono da graça. Nossa capacidade de perdoar os outros se baseia nessa transação divina. Conscientes de quanto fomos perdoados, podemos perdoar os outros e confiar em nosso Pai celestial, que fará justiça.

ESTUDO E DEBATE DO CAPÍTULO 2
O QUE ACONTECE QUANDO NOS RECUSAMOS A PERDOAR

Para começar

A amargura é um pecado sutil. Em geral, é mais difícil enxergar nossa própria amargura. Tendo em mente o tema do encontro anterior, comece este encontro com uma oração, pedindo que o Espírito Santo mostre raízes de amargura que talvez estejam "enterradas" no coração e na mente.

Leia Hebreus 12.1-17 (peça a cada membro do grupo que leia um ou mais versículos, alternadamente). Que considerações dessa passagem podem nos ajudar a lidar com as dificuldades que surgem em nossa vida?

Para aprofundar-se

1. Pode ser difícil detectar (ou admitir) a presença da amargura em nosso coração. Cite alguns sinais de que a dor talvez tenha se transformado em amargura.

2. Cite algumas ações e atitudes que, com frequência, acompanham a amargura. (Veja Ef 4.31,32; Rm 3.14; Cl 3.19.)

3. Debata em grupo como a amargura nos afeta nas seguintes áreas:

- mente e emoções
- relacionamentos com os outros
- relacionamento com Deus

4. Compartilhe os pontos que chamam sua atenção na parábola do servo inclemente (Mt 18.21-35).

O que a soma exorbitante devida pelo primeiro servo mostra a respeito de nosso pecado e do perdão que recebemos de Deus?

Jesus disse que, quando nos recusamos a perdoar, colocamo-nos na situação em que seremos entregues aos “carrascos” (v. 34), ou “carcereiros” (ESV). Quais podem ser alguns desses carrascos?

Em que aspectos o rancor afeta nossa capacidade de experimentar o amor e o perdão de Deus?

5. De que maneira o rancor cria espaço para que Satanás opere em nossa vida?

6. A autora afirma sua convicção de que “o pecado sexual é quase sempre ligado a uma raiz de amargura, como o são muitos outros pecados e problemas” (p. 58). Debata em grupo como o pecado sexual pode ser fruto da raiz de amargura.

7. Dê aos participantes a oportunidade de compartilhar aquilo que Deus lhes mostrou por meio de uma ou mais perguntas do item “Aplicação pessoal”, na p. 62. Tire um tempo para orar por aqueles que expressarem o desejo de receber a graça de Deus para lidar com uma raiz de amargura em seu coração.

Para refletir em casa

Com seu cônjuge ou um amigo do mesmo sexo, recapitule as declarações que revelam amargura nas p. 43-4.. Pergunte a essa pessoa se ela vê sinais de amargura em sua vida nessas áreas. Se alguma questão vier à tona, orem juntos, pedindo graça para libertar todos os seus devedores com base naquilo que Jesus fez por você.

Para receber graça

Se você se sentir tentado pela condenação ou pelo desânimo, lembre-se de que essas reações são sinais de que ainda há orgulho em seu coração. Reconheça que você não tem a capacidade de perdoar com suas próprias forças. Creia que Deus pode lhe conceder graça para deixar de lado toda amargura, assim como lhe concede graça para arrepender-se de seus pecados. Quanto mais você precisa da graça de Deus, mais você o engrandece!

ESTUDO E DEBATE DO CAPÍTULO 3
A PROMESSA DO PERDÃO

Para começar

Corrie Ten Boom disse: “A cura do mundo não depende de nosso perdão nem de nossa bondade, mas do perdão e da bondade de Deus” (p. 68). Você já ouviu falar dessa autora sobrevivente do holocausto? (Sua história marcante é relatada no livro *O refúgio secreto* e no filme homônimo.) Que elementos da vida de Corrie ilustram a mensagem de escolher o perdão?

Em que sentido a cura do mundo depende do perdão de Cristo?

Para retomar

Como foi o exercício que você fez com seu cônjuge ou companheiro de jornada espiritual de revisar as declarações que poderiam revelar amargura? Essa pessoa comentou algo que você não havia observado?

Para aprofundar-se

1. De que maneira as imagens de uma "promissória cancelada" (p. 63) e de pressionar a tecla de deletar no computador ilustram a natureza do perdão?

2. O que a autora quer dizer quando afirma que o perdão é uma promessa (p. 64-5)? De que "direito" abrimos mão quando perdoamos alguém?

3. O que chamou sua atenção nos relatos sobre Ernie Cassutto (p. 65-8) e/ou Lorna Wilkinson (p. 73,6)? De que maneira a escolha deles de perdoar exerceu impacto sobre
seus "inimigos"?

4. A autora pergunta: "Há um limiar de dor além do qual estamos isentos da obrigação de perdoar ou além do qual talvez seja *impossível*

perdoar?” (p. 69). Como você responderia a essa pergunta com base na Palavra de Deus?

5. Em que sentido o perdão ocupa o cerne do evangelho?

6. O que você pensa da preocupação de que o perdão deixa o ofensor escapar impune, sem sofrer as consequências de
seu pecado?

Quando perdoamos alguém, isso significa que a pessoa não deve ser responsabilizada pelo que fez nem sofrer as consequências de suas escolhas erradas? Debata em grupo o fato de que o perdão e a justiça não são mutuamente exclusivos.

7. O que os relatos bíblicos de José e Abigail ensinam a respeito de nossa atitude diante daqueles que pecaram contra nós?

8. Dê a todos os participantes que desejarem a oportunidade de compartilhar uma ou mais

respostas às perguntas do item “Aplicação pessoal”, na p. 77.

Para refletir em casa

Talvez, como no caso de Ernie Cassutto, seu perdão possa levar alguém a receber a misericórdia de Deus. Alguma situação específica lhe vem à mente? Comece a orar pela intervenção bondosa de Deus na vida dessa pessoa.

Para receber graça

Se você tem medo de perdoar alguém devido à seriedade da ofensa, lembre-se de que nosso Pai celestial odeia o pecado mais do que você jamais seria capaz de odiar. Ele não o deixará impune. Como seus próprios pecados, essa ofensa pode ser redimida pela misericordiosa obra expiatória da cruz de Cristo.

ESTUDO E DEBATE DO CAPÍTULO 4
PERDOAR POR JESUS

Para começar

Este capítulo é o cerne do livro. Comece o encontro chamando a atenção para o amor e a misericórdia de Deus revelados no sacrifício de Cristo na cruz. Pode ser interessante ler alguns versículos, fazer algumas orações curtas de ação de graças e adoração ou cantar um hino ou cântico apropriado.

Para aprofundar-se

1. O que Oswald Chambers quis dizer quando declarou: “A única base para o perdão de Deus é a Cruz de meu Senhor” (p. 81)? Quais são as implicações da cruz para aqueles que sofreram ofensas? De que maneira a cruz permite que ofereçamos perdão a outros?

2. Neste capítulo, a autora trata de como Deus pode usar para seus propósitos redentores até mesmo as provações mais intensas que sofremos. Cite algumas passagens bíblicas ou exemplos que corroboram esse conceito.

3. Quais são os três personagens do livro de Filemom e os três papéis que eles representam em relacionamentos rompidos? O que eles nos ensinam a respeito da natureza e do objetivo do perdão?

Você conhece ou ouviu falar de alguém que seja um exemplo contemporâneo de “pacificador”, alguém que procurou pro- mover reconciliação entre dois indivíduos ou duas partes?

4. Você alguma vez ouviu o comentário: “Não consigo me perdoar pelo que fiz?”. Talvez você mesmo tenha pensado dessa forma. Esse conceito é coerente com a Palavra de Deus? Como você ajudaria alguém que diz ter dificuldade de “perdoar a si mesmo”?

5. Quando Ester, amiga de Ben-Hur, viu a amargura e a raiva arraigadas no coração dele, disse: “Você parece ter se tornado a mesma coisa que está determinado a destruir, pagando mal com o mal. O ódio o está transformando em pedra […] É como se você tivesse se tornado Messala [o amigo que havia traído e entregado Ben-Hur aos romanos e que era agora o alvo de sua vingança]” (p. 92-3). Em sua opinião, é verdade que muitas vezes nos tornamos semelhantes àqueles dos quais mais

nos ressentimos? Por quê?

6. “Não há prova mais confiável da realidade do evangelho proclamado por nós que oferecermos o perdão de Cristo a outros” (p. 91). Que impacto sua disposição de perdoar ou sua recusa em fazê-lo exerce sobre o modo de os incrédulos verem o evangelho? Quais são alguns exemplos (negativos ou positivos) da vida real que você ouviu, testemunhou ou vivenciou a esse respeito?

7. Explique o significado da expressão “receber perdão, oferecer perdão”.

8. Dê oportunidade aos participantes de compartilhar uma ou mais respostas às perguntas da “Aplicação pessoal”, p. 94.

Para refletir em casa

Leia Romanos 8.12-39. Pense em áreas de sua vida em que você sofreu injustiça e tem dificuldade de perdoar. Faça uma lista das declarações e promessas dessa passagem relevantes para sua situação.

Para receber graça

Talvez você tenha ficado surpreso ao descobrir que não precisa perdoar a si mesmo, mas, sim, receber o perdão de Deus. No entanto, caminhar na certeza desse perdão é a melhor maneira de combater a condenação e o remorso, duas tentações comuns. Melhor ainda, não é algo que você precise fazer com suas próprias forças. Não é preciso tirar a mágoa de dentro de você à força nem se animar com discursos motivacionais. Só precisa humilhar-se a fim de concordar com a perspectiva de Deus sobre seu pecado e sua necessidade de receber a generosa misericórdia divina.

ESTUDO E DEBATE DO CAPÍTULO 5
A ARTE DE PERDOAR

Para começar

Neste capítulo, avançaremos um passo adiante na nossa jornada do perdão. No capítulo anterior, falamos do motivo para perdoar; agora trataremos de como perdoar. Consideraremos de que maneira o perdão ocorre e como podemos desenvolver maior intimidade com Deus e liberdade em nossos relacionamentos.

Para retomar

Como você aplicou Romanos 8.12-39 a uma situação de sua realidade atual? O que o Senhor lhe mostrou com essa passagem?

Para aprofundar-se

1. A epígrafe no início deste capítulo declara: “A glória do cristianismo consiste em conquistar por meio do perdão”
(p. 95). Em sua opinião, o que William Blake quis dizer com essa declaração? Pense em uma ilustração (bíblica ou contemporânea) desse princípio.

2. Faça uma recapitulação dos três passos para perdoar apresentados pela autora neste capítulo (p. 97-104). Debata em grupo por que cada passo é importante e quais são alguns possíveis empecilhos para dar esse passo.

3. Por que o verdadeiro perdão não exige que “esqueçamos”
a ofensa?

4. E se o ofensor estiver 95% errado nas

circunstâncias que causaram a mágoa e você estiver apenas 5% errado? Qual é a atitude que Deus quer de você nesse caso?

6. O que a autora quer dizer quando afirma que “o perdão é sobrenatural” (p. 110)? Quais são as implicações dessa realidade?

7. O que o testemunho de Gracia Burnham (p. 104-7) nos ensina a respeito do perdão?

8. O que chamou sua atenção no relato da autora sobre a amiga cujo marido cometeu adultério (p. 107-10)? Como alguém que sofreu tamanha ofensa veio a considerar essa experiência “um presente a ser aceito” (p. 109)?

Para refletir em casa

Se você ainda não preencheu o quadro do “Caminho para o perdão” (p. 98), conforme recomendado neste capítulo, faça-o agora. Traga-o ao próximo encontro para compartilhar suas impressões.

Para receber graça

“Agora que vocês sabem estas coisas, felizes serão se as praticarem” (Jo 13.17, NVI). Crer e colocar essa crença em ação traz bênçãos. Em contrapartida, deixar de obedecer é abrir mão das bênçãos de Deus!

ESTUDO E DEBATE DO CAPÍTULO 6
COM RAIVA DE DEUS

Para começar

“Os homens logo passam a pensar que têm direito a tudo o que desejam; a sensação de desapontamento pode, com pouco esforço de nossa parte, transformar-se em mágoa” (C. S. Lewis, p. 113).

Quais são alguns exemplos em nossa cultura (ou em acontecimentos atuais) de expectativas não preenchidas e decepções que se transformaram em raiva e mágoa?

Para retomar

Como ficou seu quadro do “Caminho para o perdão”? Algo o surpreendeu enquanto o preenchia? Como você experimentou a graça necessária para dar um passo de obediência?

Para aquecer

Você achou engraçado o processo legal de Donald Drusky? Por que as asserções dele eram tão absurdas?

Para aprofundar-se

1. A seu ver, por que tantas pessoas expressam raiva em nossos dias?

2. Dê sua resposta à pergunta feita pela autora na p. 115: “Existe alguma ocasião em que temos o direito de sentir raiva de Deus?”.

Por vezes, os autores da Bíblia fazem perguntas difíceis e expressam para Deus sentimentos intensos por causa de seu sofrimento. Debata em grupo em que momento “ser honesto com Deus” passa dos limites e se torna uma atitude pecaminosa.

3. “Cheguei à conclusão de que, em maior ou menor grau, toda amargura se direciona em última análise contra Deus”
(p. 117). Debata como essa declaração pode ser verdadeira mesmo numa situação em que

alguém tenha sofrido uma ofensa e não esteja conscientemente amargurado com Deus.

4. De que maneira a atitude da mãe de Bill Elliff em relação ao adultério do marido exemplifica a graça de Deus e o poder do perdão?

5. O que há de errado com a ideia de que, por vezes, precisamos perdoar Deus?

6. O que o relato bíblico de Noemi revela a respeito das causas e consequências da amargura?

7. O que a atitude de John Piper diante de seu diagnóstico de câncer revela sobre seu modo de ver Deus (p. 123-4)? De que maneira essa imagem de Deus é diferente da imagem expressa por Noemi no livro de Rute?

De que maneira nossa imagem de Deus e de sua providência influencia nossa capacidade de lhe obedecer em meio à dor e de perdoar aqueles

que nos ofenderam?

8. Reserve alguns momentos para debater respostas que os participantes se sentirem à vontade para compartilhar às perguntas do item “Aplicação pessoal” na p. 130.

Para o próximo encontro

“Ouça a si mesmo. O que você tem dito a respeito dele [Deus]? O que sua vida tem comunicado a outros sobre ele?” (p. 123). Antes do próximo encontro com o grupo, peça a seu cônjuge, seus filhos, um amigo e/ou companheiro de jornada espiritual que o ajude a ouvir a si mesmo. Peça que lhe diga de modo gentil (porém honesto!) o que suas reações a circunstâncias desafiadoras comunicam a respeito de Deus. Anote essas observações a fim de compartilhá-las com o grupo no próximo encontro.

Para receber graça

O resultado de realizar o árduo trabalho interior de perdoar é a doce restauração de tudo pelo que você orou. Talvez *pareça* que Deus o está obrigando a dobrar-se à vontade dele, mas, na realidade, há uma recompensa maravilhosa a sua espera, quando você confiar na providência divina para a resolução final de sua situação!

ESTUDO E DEBATE DO CAPÍTULO 7
O QUE É E NÃO É O VERDADEIRO PERDÃO

Para começar

Neste encontro, falaremos sobre a difícil realidade de que simplesmente não há conforto no perdão. Isso porque, como John Piper nos lembra com tanta eloquência, “Deus entregou seu próprio Filho para sofrer mais do que jamais seríamos capazes de fazer outros sofrerem pelo mal que nos causaram” (p. 131).

Para retomar

O que as pessoas lhe disseram sobre aquilo que sua reação à adversidade comunica a respeito de Deus? Você ficou surpreso? Animado? Convencido de algum pecado?

Para aprofundar-se

1. Recapitule os quatros mitos sobre perdão dos quais a autora trata neste capítulo. Dê aos participantes a oportunidade de compartilhar se lutaram com algum desses mitos ao longo de sua jornada.

2. É possível perdoar alguém e ainda sentir emoções fortuitas que parecem contradizer o perdão? Como essas emoções devem ser encaradas e tratadas?

3. Por que Deus talvez não permita que nos esqueçamos de uma ofensa, mesmo depois que escolhemos perdoar o ofensor? Como Deus deseja que usemos a recordação de nossa dor e de nosso sofrimento? (Veja 2Co 1.3-5.) Há um ou mais membros do grupo que possam ilustrar esse princípio com experiências pessoais?

4. Debata em grupo a relação entre o *momento* do perdão e o *processo* de cura e restauração.

5. Quais são três bons “hábitos” que, de acordo com a autora, Paulo desenvolveu ao longo da vida (p. 139-41)?

6. Fale sobre a capacidade de transigir. O que significa? Por que é importante? Peça aos participantes que compartilhem situações atuais ou recentes em que precisam (precisaram) transigir.

7. Que lições você extraiu da história de Steve Saint, cujo pai missionário foi morto na selva do Equador mais de cinquenta anos atrás? Descreva o legado espiritual que a mãe de Steve deixou para seu filho e o impacto que a reação dela à morte do marido exerceu sobre Steve na vida adulta.

Debata em grupo que tipo de legado cada um deseja deixar para a geração seguinte no tocante ao perdão.

Para o próximo encontro

Pense em duas maneiras práticas de demonstrar transigência em sua família nos próximos dias. Como ser transigente em situações no trabalho ou na igreja? Planeje estratégias para lidar com tentações que espera enfrentar e prepare-se para oferecer graça!

Para receber graça

A recordação das ocasiões em que fomos perdoados nos torna mais gratos; também nos torna mais compassivos em relação às falhas e fraquezas dos outros. Medite sobre a epígrafe de John Piper no início deste capítulo (p. 131). Compreender o sacrifício de Jesus por você — capacitando-o a perdoar — o ajudará a interagir, pela graça divina, com pessoas e circunstâncias difíceis.

ESTUDO E DEBATE DO CAPÍTULO 8
RETRIBUIR COM UMA BÊNÇÃO

Para começar

Quando você começou a ler este livro, talvez tenha imaginado que a parte mais difícil seria oferecer perdão verdadeiro. Neste capítulo final, tratamos do último passo, algo possível somente pela ação do Espírito Santo em nossa vida. Comece este encontro com uma oração, pedindo ao Senhor que lhe conceda a graça necessária para ser verdadeiramente semelhante a Cristo.

Para retomar

Como você se saiu no “Projeto transigência”?

Para aquecer

Romanos 12 é a espinha dorsal deste capítulo. Peça aos membros do grupo que se revezem para ler a passagem toda. Qual é a “ideia central” desse texto bíblico?

Para aprofundar-se

1. Você conhece alguém que parece estar “emocionalmente emperrado” na dor do passado, mesmo depois de escolher perdoar aqueles que o haviam ofendido? Qual é a “chave” que a autora apresenta neste capítulo para ajudar alguém nessa situação a avançar em paz e liberdade? Releia Rm 12.19-21, que apresenta esse princípio.

2. “Ao perdoar, precisamos ir muito além de abrir mão da vingança contra nossos ofensores” (p. 152). Diga o que “ir muito além” parece incluir ou significar. Como podemos “vencer o mal com o bem”? Como Martin Burnham demonstrou esse princípio (p. 153)? De que maneira esse conceito é ilustrado pela vida de José (p. 156)?

3. Compartilhe com o grupo sua resposta para o

item “Aplicação pessoal” na p. 162. (Seja o mais honesto possível, tomando cuidado, ao mesmo tempo, para não transmitir uma imagem negativa dos outros.)

4. “Deus nunca conheceu uma circunstância tão terrível que ele não fosse capaz de transformar em um troféu de sua misericórdia e graça” (p. 154). Em que sentido nossas reações a circunstâncias dolorosas serão diferentes se acreditarmos, de fato, nessa afirmação?

5. Leia 1Pedro 2.19-25. Como podemos nos tornar instrumentos da graça redentora de Deus na vida daqueles que pecaram contra nós, ao perdoarmos esses indivíduos e ao abençoá-los? Pense em uma situação em que você viu isso acontecer.

Para refletir em casa

Em Lucas 6.27,28, Jesus nos instrui a amar nossos inimigos, fazer o bem àqueles que nos odeiam, abençoar aqueles que nos amaldiçoam e orar por aqueles que nos maltratam. Ao longo dos próximos dias, assuma o propósito de orar por alguém que se opôs a você ou que o maltratou. Em seguida, pense em maneiras de colocar em prática o restante da passagem com sabedoria e prudência. Talvez você precise conversar sobre essa questão com um cristão maduro ou um companheiro de jornada espiritual, alguém que ore por você, que o ajude a dar o próximo passo de modo sábio e faça um acompanhamento para certificar-se de que você colocou seu plano em ação.

Para receber graça

Ao trabalhar nessa tarefa e receber direção do Espírito Santo sobre como abençoar seu ofensor, talvez você ainda tenha dificuldade de ser um "canal de bênção". Lembre-se de que Deus provê a graça necessária para obedecermos a suas ordens. Pela graça e força de Cristo, você *pode* vencer o mal com o bem. Se o orgulho for um obstáculo, peça a Deus que lhe dê um coração contrito e sensível. Nosso Pai celestial deseja que você vivencie plenamente a liberdade resultante do perdão.

ESTUDO E DEBATE DO POSFÁCIO
O PODER DO PERDÃO

Para começar

A epígrafe de Elisabeth Elliot no início deste posfácio termina com as seguintes palavras: “Quem pode resistir à força do perdão?”. Há imenso poder no perdão, poder para realizar muito mais que apenas nossa libertação e vitória sobre a amargura.

Para retomar

Você teve oportunidade de orar e demonstrar bondade a alguém que se opôs a você ou que pecou contra você? Viu algum fruto de sua obediência em si mesmo ou nessa pessoa?

Para encerrar

1. Este posfácio destacou o poder do perdão. De que maneira o perdão pode trazer cura para o *ofensor*? E para o *ofendido*? Como o perdão pode exercer impacto sobre situações, relacionamentos e gerações no *futuro*?

2. Durante anos, Bonnie tocou em sua mente o "disco" dos acessos de raiva e do comportamento agressivo de sua mãe. Certo dia, Bonnie foi desafiada a "quebrar o disco" dessas ofensas do passado. Quando ela o fez, qual foi o resultado?

Há algum "disco" que você precisa quebrar? Compartilhe com o grupo o que Deus tem falado a seu coração e reserve um tempo para interceder pelos membros que pedirem oração.

3. Qual é o objetivo máximo do perdão (p.

167)? De que maneira a glória de Deus é revelada quando escolhemos perdoar?

4. À primeira vista, parece que a cruz foi uma derrota tremenda para o plano de Deus. De que modo ela mostrou que foi sua vitória absoluta? Quais as implicações do triunfo da cruz para nossa vida neste mundo decaído?

5. Daquilo que você aprendeu com este estudo sobre perdão, o que foi mais proveitoso, esclarecedor ou marcante?

6. Desde o início deste estudo, que mudanças ocorreram em sua vida, em seu relacionamento com o Senhor ou em seu relacionamento com os outros?

Para receber graça

Não há maneira melhor de encerrar um estudo sobre perdão que dedicar alguns momentos à adoração e participar da celebração celestial dos remidos ao redor do trono.

> Então vi um novo céu e uma nova terra. Pois o primeiro céu e a primeira terra já se foram, e o mar já não existe. Vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, enfeitada como uma noiva preparada para seu noivo. E ouvi uma forte voz, que vinha do trono e dizia: O tabernáculo de Deus está entre os homens, pois habitará com eles. Eles serão o seu povo, e Deus mesmo estará com eles. Ele lhes enxugará dos olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem lamento, nem dor, porque as primeiras coisas já passaram. O que estava assentado sobre o trono disse: Eu faço novas todas as coisas!… (Ap

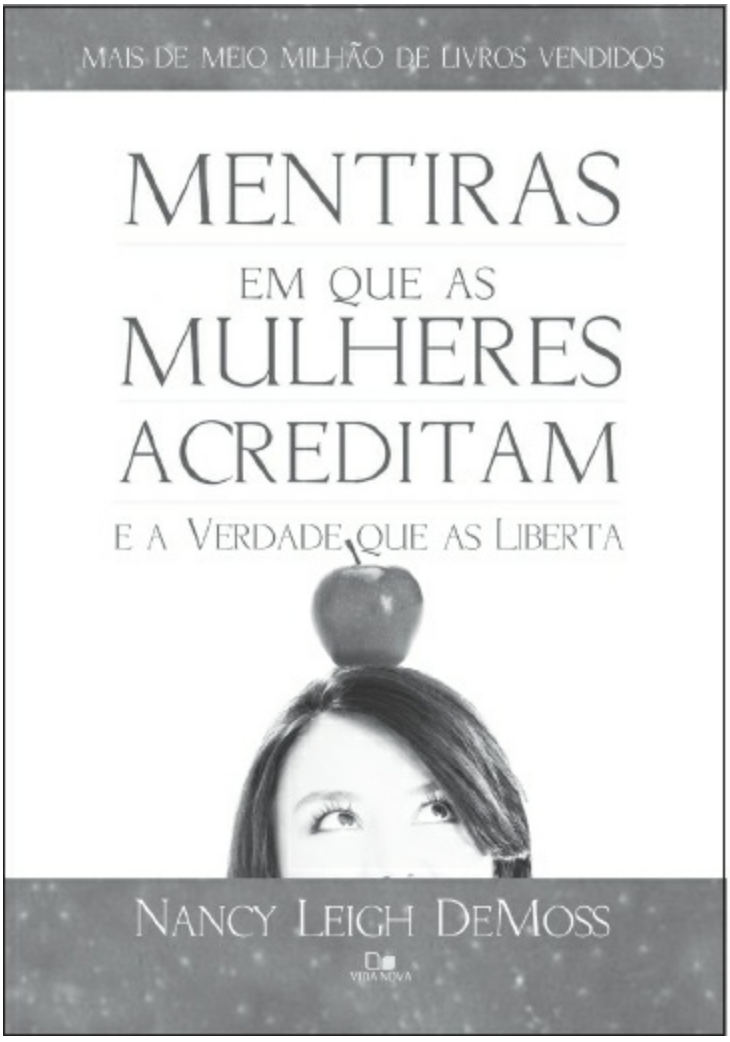
21.1-5).

CONHEÇA OUTROS LIVROS DE NANCY LEIGH DEMOSS



Nesse livro, Nancy e Dannah revelam 25 das mentiras mais comumente aceitas pela atual

geração das nossas jovens. As autoras compartilham relatos da vida de algumas das moças entrevistadas e também relatam com transparência histórias reais de como se libertaram das mentiras em que elas mesmas acreditavam. Elas entram nas trincheiras da batalha para lutar junto com você.



No fundo somos todas como Eva. Cedemos à

tentação e nos deixamos enganar em diversas áreas por coisas que jamais nos levarão à verdadeira felicidade.

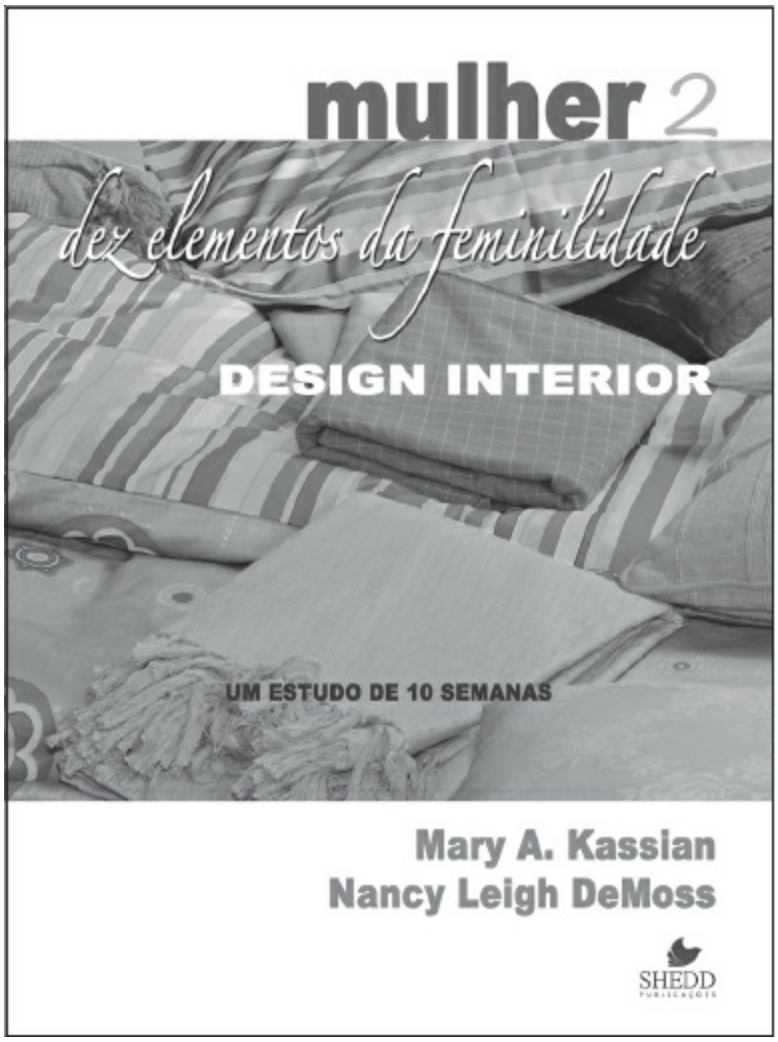
Em *Mentiras em que as mulheres acreditam e a verdade que as liberta*, Nancy Leigh DeMoss expõe essas áreas de engano que mais desafiam as mulheres cristãs, mostra Satanás como a fonte dessas mentiras e direciona as mulheres de volta à verdade encontrada somente na Palavra de Deus. Não importa o problema que a mulher de hoje enfrente — culpa, vícios, um casamento infeliz, a tendência de colocar a carreira acima da maternidade, filhos com problemas e outros incontáveis desafios —, Nancy nos lembra que existe uma resposta, e ela se encontra em Deus.



Essa obra faz uma reflexão bem fundamentada sobre o papel da mulher à luz da Bíblia. Cada capítulo introduz a discussão de um tópico relevante sobre o assunto, como a feminilidade, a beleza verdadeira, o conhecimento de Deus como pai, o retrato da mulher usada por Deus, o papel de ajudadora, o papel de mãe, entre outros temas importantes.

Um diferencial importante da obra é o empenho das autoras em tratar de questões relacionadas às várias fases da vida feminina. Assim, mulheres casadas e solteiras, jovens e mais velhas encontrarão sabedoria e ajuda em suas páginas.

Esse livro foi feito sob medida para ser usado, seja individualmente ou em grupos, por leitoras que queiram fazer um estudo sério sobre o papel da mulher à luz da Bíblia e os desafios que a mulher cristã enfrenta no mundo de hoje.



Milhares estão abandonando a feminilidade do mundo e juntando-se à uma contrarrevolução pacífica. Descubra por quê. Reúna algumas amigas. Mergulhem no âmago do que significa ser homem e mulher de verdade, e descubram a beleza, a alegria e a satisfação de ser exatamente quem Deus sempre quis que vocês fossem. Melhor
ainda, descubram como sua vida pode refletir

Cristo e exibir o evangelho ao mundo!

Mulher: dez elementos da feminilidade, *design interior* celebra as mulheres e os belos elementos do design que as tornam femininas com base em Tito 2, que, em geral, é considerado o mapa para o ministério mulher a mulher. As autoras fornecem um estudo biblicamente são e profundo com um design moderno que atrai as mulheres a essa mensagem. O livro preenche um vazio relevante no discipulado das mulheres, sendo um recurso valioso para a igreja, os pequenos grupos e estudos individuais.



Milhares estão abandonando a feminilidade do mundo e juntando-se à uma contrarrevolução pacífica. Descubra por quê. Reúna algumas amigas. Mergulhem no âmago do que significa ser homem e mulher de verdade, e descubram a beleza, a alegria e a satisfação de ser exatamente quem Deus sempre quis que vocês fossem. Melhor
ainda, descubram como sua vida pode refletir

Cristo e exibir o evangelho ao mundo!

Se você está cansada das réplicas e imitações baratas que o mundo oferece — ou se não aguenta mais os conselhos banalizados, as caricaturas superficiais e as soluções pré-fabricadas —, então esse estudo bíblico de oito semanas, preparado por Mary A. Kassian e Nancy Leigh DeMoss com base em ensino fundamental e princípios da Palavra de Deus, é para você!


AUGUSTUS NICODEMUS
CRISTIANISMO NA
UNI
VERSI
DADE
A prática
da integração
da fé cristã
à academia
VIDA NOVA

Cristianismo na Universidade

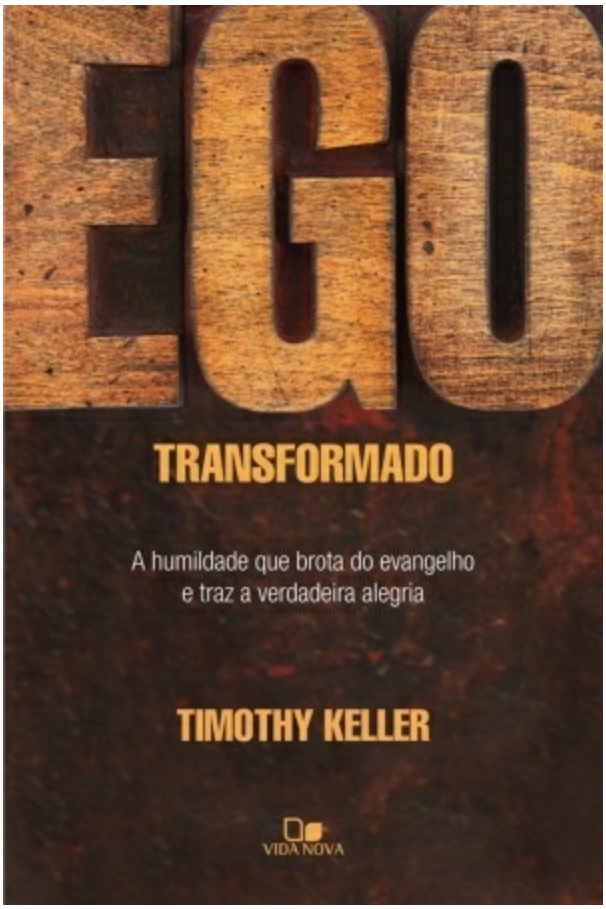
Lopes, Augustus Nicodemus
9788527509329
192 páginas

Compre agora e leia

A universidade representa um grande desafio para a fé dos jovens cristãos que ali ingressam em busca de formação acadêmica e qualificação profissional. Dominada por uma visão de mundo naturalista, materialista, ateísta e darwinista, a academia não só confronta aquilo que o cristão aprendeu no lar e na igreja, mas também cria um ambiente hostil para os que abertamente professam Cristo como Senhor. Longe de intimidar-se e vacilar, o cristão deve tomar conhecimento da história da ciência, do papel fundamental do cristianismo no surgimento das universidades e da ciência moderna, bem como das fraquezas evidentes da visão de mundo

naturalista, com o alvo de permanecer firme na fé e ter como responder a seus professores e colegas de classe quando indagado sobre aquilo em que crê. Este livro tem como objetivo ajudar o cristão universitário a entender melhor sua fé à luz dos desafios que encontrará no ambiente universitário. É o resultado de dez anos de experiência do autor nessa área como chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo.

Compre agora e leia


EGO
TRANSFORMADO
A humildade que brota do evangelho
e traz a verdadeira alegria
TIMOTHY KELLER
VIDA NOVA

Ego transformado

Keller, Timothy
9788527509510
48 páginas

Compre agora e leia

Quais são as marcas de um coração sobrenaturalmente transformado? Essa é uma das questões sobre as quais o apóstolo Paulo trata quando escreve à igreja de Corinto. O interesse real dele não é algum tipo de reparo ou remendo; antes, uma mudança profunda, capaz de transformar a existência. Numa era em que agradar as pessoas, insuflar o ego e montar o curriculum vitae são vistos como os meios para "chegar lá", o apóstolo nos chama a encontrar o verdadeiro descanso na bênção que é nos esquecermos de nós mesmos. Neste livro breve e contundente, Timothy Keller mostra que a humildade que brota do evangelho

torna possível pararmos de vincular cada experiência e cada conversa com a nossa história e com quem somos. E assim podemos ficar libertos da autocondenação. Quem é realmente humilde segundo o evangelho não se odeia, mas também não se ama... é, antes, alguém que esquece de si mesmo. Você também pode conquistar essa liberdade...

Compre agora e leia


TIMOTHY KELLER
COM KATHY KELLER
O significado do casamento
VIDA NOVA

O significado do casamento

Keller, Timothy
9788527507479
296 páginas

Compre agora e leia

Este livro se baseia na muito aplaudida série de sermões pregados por Timothy Keller, autor best-seller do New York Times. O autor mostra a todos — cristãos, céticos, solteiros, casais casados há muito tempo e aos que estão prestes a noivar — a visão do que o casamento deve ser segundo a Bíblia. Usando a Bíblia como seu guia, e com os comentários muito perspicazes de Kathy, sua esposa há 37 anos, Timothy Keller mostra que Deus criou o casamento para nos trazer para mais perto dele e para dar mais alegria à nossa vida. É um relacionamento glorioso, e é também o mais malcompreendido e misterioso dos

relacionamentos. Caracterizado por uma compreensão clara e cristalina da Bíblia e por instruções significativas sobre como conduzir um casamento bem-sucedido, O significado do casamento é leitura essencial para qualquer pessoa que quer conhecer a Deus e amar mais profundamente nesta vida.

Compre agora e leia


TIMOTHY KELLER
dEUSES FALSOS
AS PROMESSAS VAZIAS
DO DINHEIRO, SEXO E PODER,
E A ÚNICA ESPERANÇA
QUE REALMENTE IMPORTA
VIDA NOVA

Deuses falsos

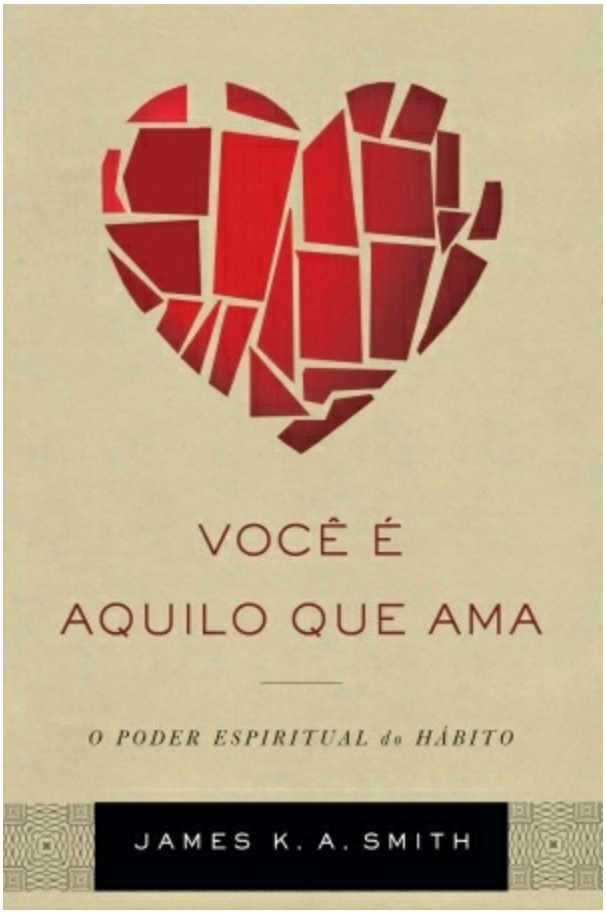
Keller, Timothy
9788527508759
192 páginas

Compre agora e leia

Sucesso, dinheiro, amor verdadeiro — a vida perfeita. Muitos de nós depositam a fé e a esperança nessas coisas, acreditando que sejam capazes de trazer a felicidade. No fundo, porém, sabemos que nada disso pode garantir satisfação plena. Por isso não é de surpreender que nos sintamos perdidos, solitários, desencantados e ressentidos. Só o Deus verdadeiro pode satisfazer totalmente nossos desejos, e este é o momento perfeito para encontrá-lo novamente... ou, quem sabe, pela primeira vez.Em Deuses falsos, Timothy Keller mostra que uma compreensão adequada da Bíblia revela a verdade acerca da sociedade e de

nosso próprio coração. Nessa mensagem poderosa, enxergamos nossa tendência de buscar em outras coisas aquilo que só Deus pode nos dar. Também somos apresentados a um novo caminho: aquele que leva a uma esperança que não pode ser abalada pelas circunstâncias da vida

Compre agora e leia


VOCÊ É
AQUILO QUE AMA
O PODER ESPIRITUAL do HÁBITO
JAMES K. A. SMITH

Você é aquilo que ama

Smith, James
9788527507899
256 páginas

Compre agora e leia

Você é aquilo que ama. Mas pode ser que você não ame o que pensa que ama. Nosso coração é moldado fundamentalmente por tudo o que adoramos. Talvez sem perceber, somos ensinados a amar deuses rivais em lugar do verdadeiro Deus para o qual fomos criados. Embora tenhamos a intenção de moldar a cultura, nem sempre temos consciência de quanto a cultura nos molda. Em Você é aquilo que ama, James K. A. Smith nos ajuda a reconhecer o poder formador da cultura e as possibilidades transformadoras das práticas cristãs, redirecionando nosso coração para o que de fato merece nossa adoração. Smith explica que a

adoração é a "estação da imaginação", capaz de incubar nossos amores e anseios de tal modo que os nossos engajamentos culturais tenham sempre Deus e o reino como referenciais. É por essa razão que a igreja e o culto em uma comunidade local de crentes devem ser o centro da formação e do discipulado cristãos. O autor engaja o leitor fazendo um uso criativo de filmes, obras de literatura e músicas e trata de temas como casamento, família, ministério de jovens, fé e trabalho. Além de tudo, também sugere práticas individuais e comunitárias para moldar a vida cristã. Livro premiado na categoria de melhor livro de 2016 por The Word Guild Canadian Writing Awards

Compre agora e leia